

A romantic couple is shown in a close embrace, about to kiss. The man, on the left, has dark hair and a beard, and is wearing a light-colored, short-sleeved button-down shirt. The woman, on the right, has long, dark hair and is wearing a dark, sleeveless top. They are standing in front of a rustic brick wall. The lighting is soft and focused on the couple, creating a warm and intimate atmosphere.

AMANDA BRIDI

SIRLENE DILL

PRESA
a você



Para as(os) nossas(os) leitoras(es). Às meninas do grupo que nos apoiaram desde o início. E à nossa amizade, que sempre foi o pilar principal disso tudo.

CAPÍTULO 1

A música era tão ensurdecadora, que eu conseguia sentir as batidas penetrando a minha pele enquanto eu tentava acompanhar o ritmo.

— Vai com calma, B! Nunca te vi beber mais do que uma dose de tequila e você bebeu três só hoje. — Ela parecia desconfiada.

Eu ri alto. Não. Foi quase um grito. O efeito do álcool estava me deixando alegre. Muito alegre.

— Relaxa, Mel! Parece que invertemos os papéis hoje. — Pisquei e dei as costas para ela, voltando a dançar. Juntei-me a um grupo de meninas que eu sequer conhecia e fechei os olhos, apenas sentindo a música.

Quando a melodia terminou, abri meus olhos e sorri para as pessoas ao meu redor. Eu estava feliz, feliz até demais. *Eu acho que vou vomitar!* Andei rapidamente entre as pessoas, tentando não tropeçar em meus próprios pés.

— Eu preciso de uma água! — gritei para o barman. O mal-estar parecia ter amenizado, mas precisei me sentar.

— Confesso que estava ansiosa por esse momento! — Melanie se sentou ao meu lado, divertindo-se.

— Está adorando, não é? — Fiz uma careta e peguei a água que o barman me servia.

— Talvez eu esteja, mas acho que é melhor você ficar na água pelo resto da noite. — Seu cabelo amarrado num rabo de cavalo deixava sua expressão de divertimento ainda mais irritante.

— Eu acho que sim, na verdade, eu queria ir para a minha casa. — Peguei meu celular para ver as horas: onze e quarenta e cinco. Arregalei os olhos quando vi a quantidade de mensagens não lidas.

"Bianca, onde se meteu? Kate deu entrada no hospital! Nick." 10:13 p.m.

"Por que diabos o seu celular não chama?" 10:17 p.m.

"Droga, Bianca, você é a médica da família, precisa me ajudar a não enlouquecer com esses termos médicos." 10:21 p.m.

"Você é a madrinha da minha filha, ela vai nascer a qualquer momento. CADÊ VOCÊ?" 11:13 p.m.

Li tudo rapidamente e uma nova chegou no mesmo instante:

"BIANCA! VOU TER QUE MANDAR A POLÍCIA ATRÁS DE VOCÊ?" 11:45 p.m.

— Aconteceu alguma coisa? — ela questionou.

— Kate está em trabalho de parto e o meu irmão está surtando — explique, mandando uma mensagem rapidamente para ele e ingerindo o resto da minha água. — Eu preciso ir. — Levantei-me e ela me barrou.

— Você não vai sair assim, nunca bebeu na vida e vai querer dirigir? — Arqueou uma sobrancelha.

— Aham! — Passei por ela, que me seguiu, bufando. Esbarrei em várias pessoas e apenas ignorei os xingamentos até achar a porta de saída. Remexi em minha bolsa tentando encontrar as chaves do meu carro.

— Bianca! — Já do lado de fora da casa noturna, virei-me para

Melanie. — Aqui, coma esse chocolate, vai ajudar. — Tirou-o de sua bolsa e me entregou.

— O que mais tem aí, hein? — Sorri, pegando o pequeno tablete.

— Apenas o essencial! — Deu de ombros.

— Eu preciso ir. Nesse momento, sou a pior madrinha do mundo. — Virei meu corpo e meu mundo girou por um instante.

— Tem certeza que está bem para dirigir? — insistiu.

— Ótima! Boa festa, amiga! — Andei até o carro focando no concreto, garantindo nenhum tropeço.

Entrei no carro, abracei o volante e resolvi comer o chocolate antes de sair. Fechei meus olhos por um instante, ainda ouvindo as batidas da música que pareciam vir de mim e virei a chave na ignição. Respirei fundo e olhei para a frente.

Não é longe e a cidade é deserta nesse horário, ainda mais em plena sexta-feira.

Arranquei com o carro e entrei na rodovia. *Eu consigo fazer isso.* Como imaginei, cruzei com apenas dois carros na estrada principal, e parecia que eu chegaria antes do esperado. De repente, tudo parou. Observei o carro à minha frente dar sinal de alerta e parar no meio da pista. Abri o vidro e coloquei a cabeça para fora, tentando entender a situação. O homem do carro da frente saiu e me encarou.

— Parece que houve um grave acidente na ponte, há alguns feridos sendo atendidos e a estrada está fechada — informou.

— O quê? Como sabe? — questionei.

— Acabei de ouvir no rádio.

— Não acredito.

Observei alguns carros pararem atrás de mim e tentei avaliar a situação. *Há um trajeto alternativo, é mais longo, mas qualquer coisa é melhor que ficar parada.*

Dei seta e fiz o retorno, peguei a primeira saída à direita e dei toda a volta pela cidade. Olhei no relógio do painel: 12:28 p.m. *Droga, desse jeito não vou chegar a tempo.* A placa à esquerda marcava sessenta quilômetros por hora como velocidade máxima e eu estava bem longe do limite. Não havia carros à minha frente e aproveitei para ganhar um tempo. Estranhei quando avistei uma luz brilhar no retrovisor, e fiquei observando até notar aquilo se transformar em duas luzes: azul e vermelha; acompanhadas de um aceno para que o carro fosse parado. Engoli em seco e não conseguia acreditar na minha sorte. Encostei o carro e abri meu vidro.

— Algum problema, oficial? — Olhei em sua direção enquanto ele tirava o capacete... *E, caramba, que cara lindo!*

— Não acha que estava em alta velocidade, mocinha?

Sério? Mocinha?

— Na verdade, eu não acho. Mas obrigada pela dica. — Sorri.

Eu realmente disse isso? Levei a mão à boca. Percebi ele erguer uma sobrancelha diante do que tinha ouvido. Eu parecia bem, mas a língua estava solta, e isso poderia não ser nada bom.

— Documento e carteira de motorista — exigiu, de cara amarrada.

Não estou gostando disso. Que mal havia estar um pouquinho mais veloz que o permitido? Sua expressão não deixava nenhum rastro de humor e

isso o deixava ainda mais lindo. Pesquei minha carteira de motorista em minha bolsa e entreguei a ele, enquanto procurava o documento do veículo. Abri o quebra-sol e o maldito não estava no lugar de sempre. Procurei no porta-luvas, na minha bolsa e nada. *Eu vou matar o Nick. Ele pegou meu carro emprestado esta semana e deve ter deixado em algum canto.* Comecei a ficar nervosa.

— Algum problema, moça? — Ele se escorou na minha janela aberta, trazendo um aroma amadeirado ao ambiente.

— Então, eu emprestei o carro para o meu irmão e não sei onde ele deixou os documentos. — *Eu realmente disse isso em voz alta?* Ele me lançou um olhar descrente, e até para mim a história parecia falsa.

— Desça do veículo, por favor — disse, sério.

— Olha, eu estou com um pouquinho de pressa hoje, será que podemos deixar isso para outra hora? — Sorri para ele, encarando aqueles olhos escuros. — Hoje é sexta, tenho certeza que deve haver muitos bêbados ou valentões esperando para serem capturados. — Mantive o meu sorriso, tentando passar confiança.

— Se você não sair do carro, vou ser obrigado a detê-la. — Ele continuou irredutível.

Essa frase fez minha mente girar por um momento. *Esse tipo de coisa só acontece comigo. Eu nunca saio, não sem ser arrastada por Melanie; nunca bebo e, principalmente, nunca na minha vida fui parada pela polícia. Além disso, é claro, nunca tive uma afilhada.* Ajeitei meu vestido vermelho, que de repente pareceu curto demais sob o olhar daquele homem, e saí lentamente do carro.

— Vejo que a madame estava em uma festinha. Por acaso bebeu? —

Ele procurava meus olhos para tentar me pegar em uma mentira.

— É claro que não!

Minha resposta pode ter sido dita com muita rapidez ou soado com uma voz mais fina que talvez me denunciasse, mas eu preferi ignorar esses pensamentos e apenas sorrir para o estranho.

— Tudo bem, se está tudo ok, não se importaria em fazer o teste do bafômetro, certo?

Mas que cara insistente. A brisa fria da noite estava deixando minha pele arrepiada, mas eu só conseguia ficar com raiva do destino.

— Sério, você não tem, tipo, nada mais importante para fazer? Alguns delinquentes de verdade para prender? Porque, convenhamos, estamos sozinhos nesta estrada, eu não estou bêbada e não há por que ficar me prendendo aqui. — Vi seu rosto passar por várias expressões até ficar sério novamente.

— Você é bem articulada, mas não me fará esquecer o documento do carro que está faltando e a alta velocidade — avisou enquanto escrevia em um papel. — Aqui, uma multa por transitar 50% acima do permitido, isso lhe dará sete pontos na carteira.

— Vai me multar? É sério? — Pensei melhor. — Tudo bem, me dá aqui que eu estou com pressa. — Ele me entregou a multa e eu já estava entrando no carro quando fui novamente barrada por ele.

— Você não vai poder sair daqui sem apresentar o documento do veículo.

Tirei minha perna que estava quase dentro do carro e bati a porta, indo para cima do policial que estava me impedindo de conhecer a minha

afilhada. Uma sensação estranha tomou conta de mim.

— Qual o seu problema? Eu não tenho como pegar esse documento agora, meu irmão está com a mulher em trabalho de parto. Você já me multou, e se quiser posso entregar amanhã o documento. — Meu corpo esquentou e eu não me importava mais com o que ele estava pensando.

— Só cumpro leis, senhorita.

— Si quimpri liis, sinhiriti — zombei e cruzei os braços.

Infantil, eu sei, mas, em minha defesa, eu estava impaciente e irritada com a situação.

— Certo, estou vendo que vou ter que agir para ter uma resposta séria. A senhorita está presa por desacato. — Vi-o fazer menção de pegar as algemas e entrei em pânico.

— DESACATO? Eu conheço as leis, e não fiz nada de mais — retruquei, emburrada.

— Conhece, é? Vire-se — ordenou friamente.

Ele realmente vai me algemar. Cretino!

Puxou meus braços passando a mão por toda extensão até chegar em minhas mãos, provocando um arrepio que eu tentei reprimir, sem sucesso.

— Vai me prender ou ficar passando a mão em mim, hein?

— Proposta tentadora! Essa raiva toda é porque eu não cedi? Você é bonita, mas não vai me fazer mudar de ideia! — disse e deu um passo para trás. Virei para ele sem entender. — Torres, Mendes, preciso que passem na 393 imediatamente — disse no rádio. — Ah, e já chamem um guincho para o local.

— Você realmente acha que eu lhe daria qualquer margem? — Encostei-me no carro. — Não se iluda. — Encarei sua boca carnuda e pensamentos nada conservadores flutuaram pela minha mente.

Ouvi sua risada.

— Você realmente está irritada.

Ótimo! Virei piada.

— Quanto você quer para me deixar ir? — Assim que as palavras saíram e eu vi o olhar dele na minha direção, arrependi-me de ter sequer pensado nisso.

— Acho melhor esperarmos em silêncio. — Andou até a moto e se escorou nela. Observei-o e balancei a cabeça, espantando os pensamentos sobre como ele parecia sexy com aquela pose e dentro daquele uniforme.

Peguei meu celular e não acreditei que a bateria duraria apenas mais alguns minutos. Droga!

Ouvi o som de uma sirene e suspirei. *A carona chegou!*, revirei os olhos. A viatura parou ao nosso lado e pude perceber dois oficiais dentro dela. Não me movi.

— O que houve, chefe? — perguntou um deles.

— Tenho que levá-la à delegacia. Preciso que um de vocês aguarde o guincho e o outro leve a minha moto. — Os dois se entreolharam e eu estranhei.

— A sua moto? — repetiu o que estava atrás do volante.

— Está vendo outra?

Alguém está de mau humor.

— O que a moça fez, hein? Roubou o coração do chefe? — zombou o outro.

Segurei para não rir da carranca que se formou no rosto dele.

— Acho que roubei foi o bom humor — respondi rapidamente, recebendo um olhar de repreensão dele e risadas contidas dos outros dois.

— Anda logo com isso! — Os dois saíram do carro e eu apenas peguei minha bolsa no banco do carona do meu carro e fui levada até o banco de trás do veículo.

— Isso é realmente necessário? — questionei.

— Prefere ir no porta-malas? — Decidi que o silêncio seria o meu melhor amigo a partir de agora.

Ele entrou no banco do motorista e bateu a porta. Arrancou com o carro e eu segurei com força a minha bolsa no meu colo. *Isso realmente irá me atrasar.*

— Vai demorar muito? — indaguei quando ele pegou um rumo totalmente contrário ao meu destino.

— Você realmente não consegue parar de falar?

Alguém está nervosinho.

— Não consegue responder uma pergunta sem fazer outra? — Bufei e encostei minha cabeça no vidro. Observei o sinal fechado piscar até a luz verde aparecer. As luzes da cidade passando como um flash, e tudo que eu conseguia pensar era no porquê eu não fiquei em casa, quieta. *Tudo teria dado certo. Eu teria visto as mensagens de Nick e a essa altura já estaria no hospital.*

— Chegamos! — Ele estacionou o carro em frente a um prédio e abriu a porta rapidamente. Esperou que eu saísse e praticamente me escoltou para dentro da delegacia.

Ele pensa que eu iria sair correndo pelas escadas nesse salto?

Entrei na delegacia seguida de perto por ele, que me encaminhou até uma das mesas. Sentei-me e comecei a observar o lugar. Pouco policiais trabalhando, a maioria devia estar nas ruas. Na mesa, uma pilha de papéis espalhados, um computador de mesa, com mais poeira do que deveria, e várias canetas espalhadas. Notei uma pequena placa na lateral da mesa: Oficial Ferraço. Ele se acomodou na cadeira à minha frente e não deu uma palavra, digitando no teclado loucamente.

Nicolas vai querer comer o meu fígado, mas não antes de eu matá-lo na primeira oportunidade. Não acredito que vou ser fichada. Não contive a minha carranca.

— Documento com foto, por favor. — Nem ergueu a cabeça. Suspirei e abri a minha carteira, entregando a minha identidade. — Qual a sua profissão?

— Sou interna na emergência. — Dessa vez, ele me encarou.

— Essa eu não imaginei. — Parecia pensativo.

— Isso é uma entrevista de emprego? — Eu balançava meu pé continuamente, nervosa com a situação. Ouvi sua risada baixa e rouca e não contive um olhar.

— Definitivamente não é uma entrevista de emprego — disse, parecendo se divertir. Alguns minutos se passaram e ele nada falava.

— Ei, Terraço, vou fazer uma ligação, ok? — Ele levantou lentamente

a cabeça e me encarou.

— Espere — ordenou, deixando-me boquiaberta.

Como é? É meu direito.

— Pelo amor de Deus, preciso saber se a minha sobrinha nasceu. — Fiz uma careta tristonha, mandando todo o meu orgulho e dignidade para o espaço, e isso pareceu suavizar sua expressão.

— Espere eu terminar de preencher esses papéis, aí você liga. — Seriedade irritante.

— Eu deveria agradecer esse gesto caridoso? — Vi sua sobrancelha arquear. — Digo, obrigada por isso, Terraço. — Sorri, sabendo exatamente que esse não era o seu sobrenome. Ele não conseguiu formular uma resposta, pois foi interrompido pelo toque do seu celular, e eu tentei não prestar atenção na conversa.

Ótimo, o bonito pode atender o telefone enquanto eu pareço uma fugitiva, pensei revirando os olhos.

— O quê? Cadê o Joaquim? — Seu tom parecia alterado e eu prestei mais atenção. — Droga! — Passou uma das mãos pelos cabelos. — Chame o médico dela, o número está no ímã da geladeira. — Houve uma pausa. — Ok, mas o que está acontecendo aí? Estou ouvindo ela tossir. — Outra pausa, dessa vez mais longa. — Como não consegue respirar? — Estava difícil não prestar atenção, ele parecia realmente aflito.

— Asma! — falei. — É uma crise de asma! — repeti, atraindo a atenção dele. Com uma das mãos, tampou o telefone.

— Como? — Ele realmente me olhou dessa vez.

— Tosse, falta de ar, provavelmente dificuldade em formar frases, ela

está tendo uma crise de asma. Coloque-a sentada com a cabeça entre os joelhos, para tentar amenizar, mas ela precisa de atendimento. — Quando dei por mim, não consegui ficar calada e despejei tudo de uma só vez. Ele me encarava um pouco perplexo, até se mexer e voltar a falar ao telefone.

— Coloque-a sentada, cabeça entre os joelhos, é uma crise de asma. — Ele continuava a me encarar e já estava me deixando sem graça. Sua atenção voltou à ligação, ele falou por mais alguns minutos com a pessoa do outro lado da linha e sua expressão pareceu se suavizar. Assim que desligou o telefone, começou a me encarar pensativo. Estar sendo observada começou a me deixar constrangida.

— Então? — Tentei quebrar o contato visual. Ele piscou diversas vezes e voltou ao computador. Alguns papéis saíram pela impressora atrás da mesa dele e eu fiquei apreensiva.

Ele suspirou, pegou os papéis e me entregou, Minha multa estava em primeiro plano, é claro. Assinei todas as folhas e esperei. Ele apenas me encarou de braços cruzados sem proferir nenhuma palavra e não aguentei.

— Não vai me prender? — Um canto de sua boca se curvou e não pude desviar o olhar.

— Podemos dizer que você ter ajudado a minha sobrinha me fez mudar de ideia. — Segurei firme a minha bolsa. — Eu não saberia o que fazer. Encare como uma troca. — Arqueei uma sobrancelha. — Além do mais, seu carro estará aqui até apresentar o documento.

— Obrigada, eu acho. — Ele fez uma careta e eu acabei dando um meio sorriso. — Bom, eu vou indo, eu realmente quero chegar ao hospital para ver a minha sobrinha. — Ele apenas assentiu e eu me levantei. Peguei a minha multa e procurei a saída sem pensar duas vezes. Passei pelas portas

duplas e encarei o meu telefone. A bateria quase zerada, mas suficiente para pedir um taxi.

Sentei-me na escadaria, meus pés doíam pelo salto alto. Quinze minutos. Era o tempo até o meu transporte chegar. Parecia pouco, mas foi o suficiente para gotas de chuva começarem a cair, aumentando gradativamente de volume, que em questão de minutos se tornou uma chuva torrencial.

— Se isso for um pesadelo, por favor, me acorde! — exclamei, chateada.

Peguei o meu celular para checar as horas. Quase duas da manhã. *Vontade de adentrar nessa delegacia e estapear o tal do Ferraço, que me arrastou até aqui.* Tudo bem que acabou me liberando, mas não apagaria o estrago que havia causado na minha noite.

Quando pensei que tudo estava perdido, finalmente avistei o meu transporte. Levantei-me com cuidado para não escorregar na escada que estava lisa devido à chuva que insistia em cair. Sorri aliviada e ajeitei a bolsa em meu ombro direito, andando ao encontro do meu táxi. O problema foi que ele não me viu e passou por mim, justamente em cima de uma enorme poça e acabou espirrando toda a água e lama que tinha se formado na beira do asfalto, deixando meu cabelo e vestido imundos. Tirei a lama dos meus olhos com os dedos, horrorizada em como minha noite estava sendo uma merda completa. Vi que o maldito taxista havia parado um pouco adiante, em um ponto de táxi que eu desconhecia. Andei furiosa até o carro e entrei sem falar uma palavra, apenas ajeitando meu cabelo coberto de lama. O taxista olhou discretamente pelo retrovisor e pude ver que reprimia uma risada.

— Para onde, senhorita?

— Hospital Memorial Anderson e, por favor, sem comentários.

Fiquei pensando seriamente em não sair daquele táxi. A lama do meu cabelo e vestido estava seca, sem falar do meu rosto. Parecia que eu tinha caído em um chiqueiro. Respirei fundo, reuni toda a dignidade que já não tinha e saí do carro. Entrei rapidamente pelo hall do hospital despertando muitos olhares, que fiz questão de ignorar. Eu queria evitar qualquer lugar que pudesse mostrar o meu reflexo. Encarei a recepcionista, que me olhava com um olhar de certa superioridade, e juro que torci para ser apenas impressão minha.

— Boa noite, em que quarto estão Katherine e Nicolas Albuquerque?

— Desculpe, senhorita, somente parentes. — Sorriu e senti o veneno em sua frase.

Essa mulher acha que é quem para falar assim comigo? Ou com qualquer um que seja nesse tom.

— Eu sou irmã dele, agora faz o seu trabalho e me diz o número do quarto. — Arqueei uma sobrancelha.

— Desculpe, se a senhorita insistir, terei de chamar a segurança. — A garota estava mesmo me julgando pela minha aparência e deu o veredito de que eu não seria da família Albuquerque. *Será que essa noite tem como piorar? Inferno.*

Procurei meu celular na bolsa e, para minha total decepção, estava sem bateria. Olhei para o alto pedindo paciência, porque se Deus me desse força, aí sim teria motivos para ser presa.

— Algum problema? — ela cutucou, sorrindo.

— Nenhum! — *Ah, o chefe dela com certeza vai me ouvir mais tarde.* Olhei para trás e vi algumas pessoas me encarando. — O QUE ESTÃO OLHANDO? VÃO ARRUMAR O QUE FAZER! — Sim, eu falei alto, mas eu já estava saturada de tudo o que estava me acontecendo.

Vi dois homens de terno se aproximando de mim, e não acreditei que ela teve a audácia de chamar a segurança. Olhei de relance e percebi que ela estava se divertindo às minhas custas. Não pensei duas vezes, saí correndo pelo hospital, desviando das pessoas como pude, tentando encontrar o elevador. *Eu vou entrar nesse lugar de qualquer jeito.* Acabei chegando à lanchonete, com os dois brutamontes em meu encalço. Eu achava que, pelo tamanho, não corressem tanto. Doce ilusão. Os dois me seguraram e eu só sabia gritar para que me soltassem.

— Bianca? — Parei imediatamente de me debater e olhei na direção da voz.

Na fila da cantina do hospital, estava ninguém mais ninguém menos que o meu estimado irmão. Não sabia se eu ficava aliviada em vê-lo ou se aproveitava a ocasião para afogá-lo no vaso sanitário mais próximo. *Bianca, respira, ele vai ser pai, lembre-se disso.*

— O que aconteceu? — Ele largou a comida e se aproximou. — Soltem-na. — Ao menos nisso ele foi útil. Nicolas os fez ir embora e me puxou para um canto. — De-sem-bu-cha, Bianca. — Levou as mãos à cintura rapidamente, mas resolveu cruzar os braços logo em seguida, avaliando-me.

— Isso... — Apontei para mim. — É culpa sua. Se você não tivesse mexido nos documentos do meu carro, nada disso teria acontecendo. — Cruzei os braços, com raiva da situação.

— Tenho certeza que não te dei um banho de lama, maninha. — Ele estava rindo. Inacreditável.

— Vou te dar um resumo da ópera: fui parada pela polícia; multada; detida; meu carro, apreendido; levei um banho de lama do taxista e a mulher da recepção achou que eu fosse uma mendiga — disse tudo num só fôlego, enumerando com os dedos e acrescentei: — E se você ousar rir, eu juro que não respondo por mim. — Vi meu irmão reprimindo um sorriso. — Você é um cretino, Nicolas, não sei como a Kate teve coragem de ficar com você. Por falar nela, e o bebê, já nasceu?

— Ainda não, estou muito ansioso, ela está em trabalho de parto há horas. Tive que vir aqui pegar algo para o Theo comer, mas a minha cabeça está lá.

— Quero vê-la. — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Nesse estado? Acho difícil. Olha, pega essa chave, é do meu apartamento aqui perto, toma um banho, troca de roupa e volta, porque você está fedendo, maninha. — Sorriu.

— Com um irmão desses, quem precisa de inimigos, não é mesmo? — Peguei as chaves e saí sem ligar para os olhares curiosos.

Depois de tomar um longo banho e vestir uma roupa limpa, senti-me renovada. Já passava das cinco da manhã e esperava que já pudesse dizer que era titia oficialmente.

Já no hospital, passei pela recepção sem olhar para os lados. Subi

direto para o andar em que meu irmão estava e demorei até achá-lo. Vi os pais da Kate sorrindo juntos dos meus, formavam um círculo com Nicolas e Theo.

— E aí, nasceu? — Peguei todos de surpresa e pela cara de pateta do meu irmão eu já sabia a resposta.

— A Diana nasceu, maninha. Acabei de voltar da sala de operação.

— Espera...Diana?! — Encarei-o e corri para abraçá-lo.

— Tia, eu tenho uma irmãzinha. — Meu sobrinho favorito me olhou com os olhos brilhando. Claro que era meu único sobrinho, mas não fazia diferença.

— Theozito, vamos ganhar uma companheira de aventuras. — Ajoelhei-me à sua frente.

— A gente podia levar ela naquele parque que a gente foi mês passado, lembra? — Fechei os olhos. *Merda*.

— Que parque é esse que você levou meu filho, Bianca? — Olhei para o Theo, que me olhava com a certeza de que falou demais.

— Ai, Nick, não foi nada de mais, deixa de drama e me fala, quando podemos vê-la? Tomara que ela tenha puxado à mãe. — Levantei-me, encarando-o.

— Será que vocês não podem parar de brigar nem mesmo num hospital? — Minha mãe nos encarava de braços cruzados. Olhei para todos e dei um sorriso sem graça.

— Não perde uma, não é, dona Bianca! — Nicolas falou baixinho. — Logo o médico vai nos levar até elas, estão transferindo a Kate para um quarto.

O médico não demorou a aparecer e eu o segui junto com o Nick. A Kate estava dormindo, devia estar exausta, afinal, o parto tinha sido longo. Mas, em seguida, a enfermeira trouxe a Diana, linda que só. Ainda não dava para saber a quem ela iria puxar, mas os cabelos escuros nos deram uma pista de que provavelmente seria a mãe. Ela estava quietinha e dormia tranquilamente. Nick a pegou nos braços e vi que ele estava realmente emocionado. Depois de ninar um pouco a bebê, ele a entregou para mim, que a segurei animada.

— Ei, Diana, nós vamos aprontar muito, viu? Vou te levar para todos lugares que seus pais não te deixarem ir — sussurrei. — Eu vou ser a melhor madrinha do mundo. — Sorri para ela.

— Ok, Bianca, minha filha mal nasceu, deixe ela curtir sua inocência, ok? — disse se aproximando. — Vem com o papai, meu amor. — Ele olhava para ela sorrindo, todo babão.

— Eu sei que seu pai é um pouco quadrado, Di, mas sempre pode procurar a tia B. — Entreguei-a para o meu irmão, que fez uma careta para mim.

Ver que tanto Kate quanto a minha sobrinha estavam bem era o suficiente por hoje. A noite fora bastante agitada e tudo que eu queria agora era a minha cama. Mas não antes de buscar o meu carro.

— Nick, cadê o documento do meu carro? — questionei. Ele desviou o olhar de Diana e me encarou.

— A última vez que eu vi, tinha caído debaixo do banco do carro, mas eu estava com preguiça de pegar e acabei esquecendo.

Sério, se eu não estivesse olhando para o rosto inocente da minha sobrinha, eu não sei o que faria. *Eu não acredito que tudo me aconteceu por*

causa da maldita preguiça dele. Respirei fundo uma, duas, três vezes, controlando a minha raiva. Dei as costas para eles e desci os andares de escada mesmo, já que o elevador estava ocupado, e saí direto na recepção. A recepcionista estava com uma expressão nada boa, conversando com um senhor de costas para mim. Aproximei-me deles, pegando um pedaço da conversa.

— Por favor, minha esposa caiu da escada, acho que quebrou algo ou pior, ela está no carro com muita dor — falou sem pausas.

— Senhor, você deve saber que aqui é um hospital de primeira linha, e não fazemos caridade. — Encarei a mulher, horrorizada. O senhor parecia humilde, mas ela não poderia falar assim com ninguém.

— Vou pedir para alguém ajudá-lo a trazê-la, só um minuto. — Interrompi, metendo-me na conversa e olhei feio para Cinthia, nome que estava escrito em seu crachá. — Ela precisa de atendimento.

— Ele é pobre, não vai pagar a conta, isso é prejuízo — alegou, apontando para o senhor, e tive que respirar fundo. — E você não tem nada a ver com isso.

— O que está havendo aqui? — Um homem alto e bem-vestido se aproximou.

— Essa mulher está querendo confusão, Dr. Varella, mas vou chamar a segurança agora mesmo. — O cinismo da mulher me levou ao limite.

— Você é o chefe desse hospital? — indaguei, voltando-me para ele, que assentiu. — O senhor aprova o preconceito? Eu realmente espero que não. Esse senhor com certeza foi só mais um que não foi bem atendido por não ter dinheiro, ou por não estar bem vestido. Porque eu tenho certeza que se uma avaliação do atendimento da sua recepcionista fosse realizada, você

iria entender do que estou falando. Você iria perceber a falta de respeito e o grande desvio de caráter que ela possui. Ela simplesmente se recusou a dar entrada em um paciente pela sua condição financeira. Isso é justo? — O homem à minha frente empalideceu conforme eu falava e Cinthia parecia petrificada.

— Isso é sério, Cinthia? Você sabe perfeitamente que temos um ala para emergências totalmente filantrópica — falou num tom de voz elevado. — Dr. Marcelo? Atenda esse homem — gritou para o médico que estava passando do outro lado do hall, que assentiu e seguiu o homem imediatamente. Logo em seguida, voltou-se para mim. — Não, senhorita. Eu repudio qualquer atitude desse tipo aqui, e pode ter certeza que não quero funcionários que pratiquem esse ato — declarou firmemente.

— Eu não acredito que o senhor vai acreditar nela! — Cinthia gritou. — Ela simplesmente não gostou de mim. — Bateu o pé, inconformada.

— Cinthia, por favor, venha até a minha sala. — Ela me olhou furiosa e eu apenas dei de ombros. — Agora! — gritou. — Desculpe o inconveniente — disse e passou por mim. Eu jamais desejaria que alguém perdesse seu emprego, mas seria impossível ficar calada diante de tanta falta de respeito. Suspirei e saí daquele lugar.

O dia já havia amanhecido e eu teria que pegar outro táxi. *EU NÃO AGUENTO MAIS PEGAR TÁXI*. Bom, pelo menos dessa vez eu estava vestida adequadamente. Usava uma saia preta, que parava dois dedos acima do meu joelho, com uma blusa branca de mangas curtas e um salto não muito

alto.

Passei o trajeto todo prestando atenção apenas na música que tocava na rádio. E focando, principalmente, em não dormir. Cheguei à delegacia e subi as escadas confiante.

— Bom dia, o oficial Terraço, por favor, digo, Ferraço. — Sorri para a mulher da recepção.

— Ele deve chegar a qualquer momento, se quiser, pode esperar na sala dele — disse e apontou o caminho.

Simpática a mulher, gostei dela. Mesmo assim, levantou-se e me levou até a sala dele. Acomodei-me numa cadeira extremamente desconfortável e esperei. Fiquei observando os quadros distribuídos pela parede, todos sem a menor ordem, e a bagunça da mesa. *Até o crime é organizado, mas a bendita de uma sala da polícia não, vai entender.*

— A que devo a honra? — Dei um pulo da cadeira ao ouvir sua voz.

— Quer me matar de susto, Terraço? — Coloquei uma mão no peito, acalmando os meus batimentos. Com uma expressão de divertimento, ele seguiu para o outro lado da mesa. Encarei seu rosto e o maldito conseguia ficar ainda mais bonito à luz do dia.

— Longe de mim fazer isso. E você, já sentiu saudades? — Arqueou uma sobrancelha.

— Sim, senti muita, só que do meu carro. — Sorri.

— Trouxe o documento?

— Está no meu carro. Só temos que pegar. — Levantei-me e segui em direção à porta, mas parei quando percebi que ele ficou parado.

— Você estava com o documento dentro do carro o tempo todo? — Ele explodiu em gargalhadas, fazendo-me correr para fechar a porta, tentando impedir que a delegacia inteira ouvisse.

— Dá pra parar de rir? Você deve ter sérios problemas mentais. — Cruzei os braços, emburrada.

— Você é engraçada. — Respirou fundo, tentando ficar sério. — Vamos dar um jeito nisso então. — Ele se levantou e deu a volta na mesa e eu o segui até um pátio repleto de carros, alguns caindo aos pedaços, até que vi meu Jeep preto. Nem acreditei. Ele destravou o meu carro e eu corri para achar o documento, e realmente estava debaixo do banco do motorista. Entreguei a ele.

— Bianca Albuquerque, está livre de mim. Tudo certo com o seu carro. — Sorriu de lado, fazendo com que um arrepio passasse pelo meu corpo.

— Eu nunca estive presa a você, não é? — Arqueei uma sobrancelha, não evitando um sorriso.

— *Touché!* — disse e me entregou as chaves. Entrei no carro e dei partida, foi impossível conter o impulso de olhar pelo retrovisor. Ele manteve seus olhos em mim até que eu sumisse do seu campo de visão e tentei não pensar muito sobre isso.

O trânsito estava tranquilo. O horário de pico havia passado e não encontrei nenhum engarrafamento. Em menos de quarenta minutos, já chegava ao meu apartamento.

Entreí em casa e a primeira coisa que fiz foi tirar os saltos, meus pés estavam doloridos e inchados. Joguei a bolsa no sofá e fui para o meu quarto. Vesti uma roupa leve e me enfiei debaixo das cobertas com um sorrisinho

insistente no rosto.

CAPÍTULO 2

— Tem certeza que quer parar nesse motel, Ferraço? — questionei enquanto ele dirigia até a entrada do local. — Eu não sei se eles têm aquele vinho importado — comentei.

— O vinho é o de menos hoje, meu amor. — Corei com o seu comentário malicioso.

Deixamos o carro no estacionamento e subimos até a recepção. O ambiente interno era realmente surpreendente. Esperei enquanto ele passava o cartão e reservava a suíte, e, para a minha surpresa, o vinho constava no cardápio.

Pegamos o elevador até o nosso quarto, e aproveitei para provocá-lo. E eu sabia que estava surtindo efeito. Assim que passamos pela porta do nosso quarto, ele me prensou contra a parede, distribuindo beijos pelo meu pescoço e tirou sua camisa.

— Estava ansioso por esse momento — sussurrou enquanto mordiscava a minha orelha, causando-me arrepios. Abriu o zíper do meu vestido e pulei em seu colo.

— SIM, SIM... POR FAVOR, FERRAÇO!

Senti um impacto seguido de uma pontada de dor na minha cabeça. Abri os olhos lentamente, totalmente perdida. *Não acredito que sonhei com aquele cretino!* Pisquei várias vezes até meus olhos se adaptarem à claridade. Olhei as horas e já estava anoitecendo.

Ainda inconformada com o meu sonho, levantei-me ao ouvir o som insistente da campainha.

— Amiga, por que demorou tanto para atender? Escondeu alguém no armário? — Melanie, como sempre, fazendo graça. Assim que ela entrou, percebi pelo formato da caixa em suas mãos que trazia uma bela pizza. Meu estômago roncou só de ver.

— Não, Mel, não tem ninguém aqui, eu estava dormindo. Mas estou morrendo de fome. — Puxei a caixa de pizza de suas mãos e fui em direção à cozinha.

— Estou vendo. Passei aqui pra ver como foi ontem, e sua sobrinha? — Sentou-se na cadeira de frente para a bancada.

— Eu não sei se quero falar da noite de ontem. — Mordi uma fatia de pizza.

— Como assim? — Pegou uma fatia e me encarou.

— Quase fui presa — falei de uma vez e ela quase se engasgou com a pizza.

— O quê? — Sua voz saiu em um tom estridente.

— Fui parada pela polícia e... meio que não fui simpática com o policial. — Dei de ombros.

— Bianca! Você tinha bebido ontem, o que você aprontou? — Semicerrou os olhos.

— Eu não fiz nada de mais, ele que não estava de bom humor e me levou pra delegacia. — Mordi mais um pedaço. — Mas, no fim, fui liberada. E Diana nasceu, está ótima!

— Outra hora você vai me contar direito essa história. — Levantou-se. — Tem suco? — Abriu a geladeira. — Achei! — Pegou uma caixa de suco e colocou dois copos na bancada. — A festa de ontem foi um tédio completo depois que você saiu, e não durou muito mais, alguém denunciou e o reitor acabou com tudo.

— Não acredito! — Dei risada. — O pessoal deve ter ficado irritado.

— Estão investigando pra ver de onde surgiu a denúncia. Ao menos eu consegui umas bebidas de graça!

— Não sei como consegue beber assim! Eu deixo você trazer bebidas, mas vou querer outra visita dessas em breve — comentei.

— Eu posso até tentar, mas você nunca está em casa, está sempre no hospital. — Parei de mastigar no momento em que ela disse a palavra hospital. Olhei no relógio e arregalei os olhos.

— Amiga, preciso ir, meu plantão vai começar em trinta minutos. — Bebi o resto do suco enquanto me levantava. — E você sabe, se eu chegar atrasada, Henrique vai ficar me enchendo. — Ela assentiu.

Apressei-me em separar uma calça jeans e uma blusinha frouxa e fui para o banho. Melanie falava alto e tentava me contar as novidades da faculdade, e confesso que não entendi muita coisa.

— Você foi tão rápida, que foi assustador. — Dei risada da sua expressão ao me ver pronta em tempo recorde. Eu estava atrasada, oras!

— Você que é enrolada — rebati e ela fez uma careta. — E vamos logo! — Andei até a porta. Eu sempre dava carona para ela, já que não tinha carteira habilitação. Ela enfatizava sempre que preferia pegar um Uber do que aprender a dirigir.

O hospital não era longe do meu apartamento. Deixei minha amiga em frente à sua casa, a uma quadra do meu destino, com a promessa de uma noite de garotas em breve e segui para o trabalho. Estacionei o carro no pátio do hospital e fui até o vestiário dos internos para vestir meu uniforme. Minha mãe nunca entendeu minha obsessão pela medicina, sempre me perguntava se eu tinha certeza do que queria, que seria uma carreira árdua e cheia de obstáculos, teria muitas vezes mais dias ruins do que bons e que praticamente moraria dentro de um hospital. Eu sempre respondi a mesma coisa: “não será um trabalho, será uma forma de ajudar as pessoas”.

Durante a semana, eu ficaria acompanhando a pediatria, área que estava com certeza entre as minhas opções de carreira.

— Boa noite, doutor Andrade — cumprimentei.

Ele não era bonito, mas tinha o seu charme. Além disso, era um dos mais respeitados do país.

— Boa noite, Albuquerque, temos um caso interessante por vir.

— Sério? O que é? — indaguei entusiasmada.

— Um garoto. Sofreu um acidente ao cair do quarto andar de um prédio. Sorte que caiu na grama, mas o trauma foi grande — explicou.

Ele já havia reservado uma sala para o caso de o garoto precisar de cirurgia. Eu acompanhava tudo junto de dois residentes que já estavam entrando no elevador para esperar o menino que estava chegando de helicóptero.

Enquanto aguardávamos, Henrique não perdeu a chance de me importunar.

— Boa noite, linda. Se quiser, posso te passar todo o protocolo de um caso como esse mais tarde. — Piscou. Eu realmente queria poder me livrar dele, mas toda vez que eu ia para outra área, ele dava um jeito de ser um dos residentes dos casos que eu acompanhava.

— Suarez, eu posso muito bem me informar por conta própria, agora, se me der licença. — Voltei minha atenção ao doutor Andrade.

— Acho que os chocolates importados que eu deixei no seu armário podem te fazer mudar de ideia. — Deu um sorriso meio sem jeito.

— Mexeu nas minhas coisas? — questionei irritada. Eu nunca dei esperanças a ele, via-o apenas como colega de trabalho.

— Que isso, Bia, jamais faria isso! — Ergueu as mãos em sinal de rendição e eu revirei os olhos.

— Pelo amor de Deus, estamos trabalhando, seja profissional.

Nossa conversa foi interrompida pelo helicóptero pousando na cobertura do hospital. Os paramédicos abriram as portas e eu corri para ajudar a trazer o garoto na maca. Aparentava ter uns 12 anos, não mais que isso. Nem acreditei quando vi que ele estava consciente e conversando com os paramédicos. Levamos a maca até o elevador e corremos até o centro de trauma, recebendo auxílio do Chefe. Eu observava tudo que podia, e procurava guardar o máximo de informações possíveis. Tive a chance de administrar algumas medicações injetáveis, além de cuidar dos exames do paciente.

Assim que peguei os resultados, pude notar uma concussão cerebral leve, que exigiria observação por até uma semana, além de ter o braço esquerdo quebrado e algumas costelas fraturadas. Entreguei os resultados a Henrique, que confirmou o diagnóstico e foi conversar com a família da

criança para explicar o caso.

Aproveitei para ir até o banheiro e jogar uma água no rosto, para me manter firme. Meu turno ainda estava longe do final e eu provavelmente teria muitos pontos para fazer, ao menos enquanto algum caso não aparecesse. Entrei no pronto atendimento e peguei as fichas de pacientes que precisavam de suturas. Seria bom praticar, e iria me manter de olhos abertos.

Tentei suturar a pele da senhora à minha frente sem prestar atenção no que ela falava, mas ela era uma bela de uma linguaruda. Não parava de reclamar que o gato do vizinho miava a noite toda e não a deixava dormir; que a filha dela gemia alto com o namorado no quarto ao lado e ela não aguentava mais passar as noites em claro. Pensei em oferecer um par de tampões, mas não achei ético da minha parte.

Depois de algumas horas, voltei a checar o garoto e conversar com o doutor Andrade, sobre os horários e medicamentos que o garoto iria receber, além de observar como ele reagia. Passei a noite e parte da manhã tão concentrada, que não vi as horas passarem. Fui até o vestiário trocar de roupa e, assim que abri o meu armário, constatei que Henrique realmente havia tido a coragem de mexer nas minhas coisas. Ao perceber uma certa desorganização, chequei meus itens e quase não acreditei. *Eu vou matar aquele tarado*. Estava faltando meu sutiã, o rendado que eu tanto adorava. Respirei fundo e tranquei meu armário. *Ele vai me ouvir amanhã*.

Cheguei ao estacionamento brigando até com a minha própria sombra e peguei meu carro. O trânsito estava um caos, dificultando ainda mais o meu dia.

Entreí no meu apartamento e olhei o relógio: dez horas. A parte boa de trabalhar à noite era ter quase todo o dia livre. Joguei minha bolsa no sofá, fui até meu quarto escolher uma roupa. Ao abrir a porta do quarto, dei um

grito.

— Quer me matar de susto? — disse, atropelando as palavras. — O que faz aqui uma hora dessas?

Meu sobrinho estava deitado totalmente à vontade na minha cama e sorriu ao me ver entrar, nem ligando para o susto que me deu.

— Surpresa, tia!

Como assim? É alguma pegadinha?

— Como entrou aqui, Theo? — Aproximei-me dele e me sentei na cama.

— Papai me trouxe, e deixou isso aqui pra você — disse me entregando um papel.

"Maninha,

Sei que a essas horas deve estar saindo fumaça pelos seus ouvidos e até desliguei o celular para evitar ficar surdo, caso me ligue. Mas eu sei que você adora o Theo e preciso deixar ele aí hoje e talvez amanhã. Kate está quase ganhando alta, mas eu tenho que ficar de olho em Diana. Por favor, quebra esse galho. Não me mate.

Nick"

Respira. Inspira. Respira. Inspira. Eu vou matar o meu irmão. Como ele simplesmente joga a criança aqui e some? Que tipo de pai desnaturado é esse?

— Tudo bem, tia? — Abri meus olhos e olhei para ele.

— Claro, meu amor, você não tem culpa do pai que tem. — Sorri, tentando disfarçar a minha raiva. Ele tinha obrigação de me avisar. Olhei bem

para o meu sobrinho e franzi a testa. — Que roupa é essa?— Ele vestia uma calça vermelha, totalmente fora de moda, com uma camisa azul clara de botões. *Minha nossa senhora das causas perdidas!* — Theo, nós vamos ao shopping, o que acha? — perguntei. — Podemos comer algo por lá, só não conta para o seu pai.

— Pode deixar, tia! — Seu rosto se iluminou.

— Ok, só espera eu tomar um banho. — Andei até o meu closet para escolher uma roupa.

Tomei um banho rápido e corri para me arrumar. Optei por um vestido azul, de alças finas e estampado, com uma fita que marcava a cintura e deixava a parte de baixo levemente rodada. Sequei meu cabelo ajeitando os cachos escuros e fiz uma maquiagem leve, apenas destacando os lábios com um batom cor de cereja.

— Vamos?

— Uau, tia, posso dizer que você é minha namorada? — Sorri com o comentário.

— Por que não? — Dei risada. — Mas primeiro vamos transformar você em um homenzinho.

Passamos o trajeto inteiro cantando a plenos pulmões e de vidros abertos, chamando a atenção de muita gente, mas eu não estava nem aí. Ao menos nos divertimos e fez com que o meu sono se esvaísse. Deixei o carro no estacionamento subterrâneo do shopping e levei Theo direto à loja infantil.

Pedi à vendedora os melhores conjuntos. Comprei quase todos, exceto uma bermuda verde-limão, que definitivamente não combinava com nada. Fiquei impressionada em como ele ficou lindo vestido com uma calça caqui, camiseta branca e uma jaqueta escura.

— Agora eu posso dizer que sou seu namorado, né, tia?

Soltei uma risada diante de sua pergunta. *Esse menino vai ser ligeiro, é o pai dele todinho.* Passamos por algumas lojas e não resisti em comprar alguns acessórios.

Perto do meio-dia, decidimos almoçar. Escolhemos uma mesa na praça de alimentação que, aliás, estava lotada. Fiz o nosso pedido e aguardamos enquanto ele me contava como estava ansioso para que sua mãe e irmã saíssem do hospital. Comemos nossos lanches nos divertindo ao ouvir o casal da mesa ao lado discutir por um bom tempo sobre qual seria o sabor do suco. Terminei de beber meu suco de morango e esperei Theo terminar de comer.

Estávamos nos levantando para ir embora quando ouvi o que parecia alguém chorando perto de mim, mesmo com todo o barulho das pessoas distraídas conversando alto. Eu tinha um ouvido e tanto. Olhei para trás e vi uma garotinha com a cabeça entre os joelhos, chorando copiosamente. Puxei Theo comigo e me ajoelhei à sua frente.

— Ei, o que aconteceu? — Ela levantou a cabeça lentamente para me encarar.

— Eu me perdi. — Chorou ainda mais quando soltou isso. Suspirei.

— Calminha aí, quem estava com você?

— Meu tio Jake. Eu pedi para ele me comprar um vestido.

— Ok, vamos encontrar seu tio Jake, não é, Theo? — Sorri para ele, enquanto ele só sabia olhar para a menina. Ela realmente era bonita, cabelos compridos cor de mel e olhos verdes.

Peguei em sua mão e a guiei até o setor de segurança. Durante o trajeto, torci para que ela identificasse a pessoa que tinha conseguido perder a sobrinha no shopping, mas a cada andar em que passávamos, mais ela entrava em desespero. Cheguei à segurança com os dois agarrados em mim. Expliquei aos guardas a situação e pedi para usar a saída de som, na tentativa de encontrar o parente da menina. *A não ser que ele a tenha abandonado, mas prefiro nem pensar sobre isso.*

— Qual o nome do seu tio? — Encarei a menina antes de falar no microfone.

— Tio Jake! — Sorriu.

— Tio Jake, se você ainda está aqui, não sei se notou, mas perdeu sua sobrinha. — Tampei a saída de som e perguntei à menina: — Como é o seu nome?

— Isabella!

— Certo, o nome dela é Isabella. Favor comparecer à sala de segurança. Tio Jake, sala de segurança. — Abaixei-me para ficar na altura dela. — Isa, não se preocupe, ok? Seu tio está vindo, tenho certeza. — Sorri para tranquilizá-la.

— É, se minha tia tá falando, tá falado. Ela nunca mente — Theo falou todo orgulhoso.

Não deu nem tempo de falar mais nada, a porta foi praticamente arrombada e eu ia abrir um sorriso, mas me detive quando vi o Terraço entrar.

O que ele está fazendo aqui?

— Tio Jake! — Isa correu para ele e se jogou em seus braços. Meu queixo caiu. *Só pode ser brincadeira.*

— Eu quase enfartei de preocupação, Isabella... Onde você se meteu? — Vi pelo seu tom que ele estava bravo.

— Ah, claro, você perde a menina e quer colocar a culpa nela? Tinha que ser. — Tive que me meter. Não devia ter feito isso, ele não tinha nem me visto até então, mas, depois disso, focou em mim

— Se queria me ver de novo, não precisava sequestrar minha sobrinha para isso, Srta. Albuquerque. — O cretino sorriu. Isso mesmo, sorriu. — Aliás, que voz era aquela no alto-falante?

— Era só o que me faltava mesmo. Inacreditável. Você devia cuidar para não perder a cabeça por aí, porque ninguém ia fazer questão de devolver ao corpo. E minha voz estava ótima. — Bufeí, emburrada.

— Tio, você bem que podia casar com a tia Bia, né? Ela é tão bonita — Isabella soltou, fazendo com que minhas bochechas acompanhassem o tom cereja do meu batom. Isso chamou a atenção dele.

— Ora, Bella, acho que ela adoraria. — O cretino alargou ainda mais o sorriso.

— Eu não vou responder à altura em consideração à sua sobrinha. — Peguei Theo pela mão, pronta para sair dali. — Passar bem.

Minha sorte é algo fora do normal, depois de aparecer em sonho, resolve aparecer em carne e osso também.

Passamos no mercado antes de ir para casa e comprei umas coisinhas que faltavam para o almoço. Eu não era expert na cozinha, mas também não era um desastre completo. Decidi fazer meu prato predileto: lasanha. E também porque Theo dizia que era a melhor comida do mundo.

Quase uma hora e meia depois, nós estávamos deitados no meu tapete de pelos, que cobria a maior parte da minha sala, de barriga cheia e quase não conseguindo nos mexer. Estava tão cansada que acabei dormindo com a TV ligada.

— Tia, tiaaa. — Ouvi um zumbido no meu ouvido, parecia até uma mosquinha sussurrando. — TIAAA! — Dei um pulo do chão. *Será que dormi muito?* Olhei ao redor, adaptando-me à luz. — Tem um homem querendo falar com você.

— Um homem? — *Ai, meu Deus, lá vem.* — Onde, Theo? — Olhei em volta e não vi ninguém.

— Eu mandei ele esperar lá fora enquanto eu te chamava. — Apertei as bochechas dele, que resmungou.

— Obrigada. — Agradei e fui abrir a porta para ver de uma vez quem era. Devia ter ficado dormindo, muito mais proveitoso. — O que quer, Henrique? — Ele estava plantado na minha porta com um buquê de rosas vermelhas.

Como eu despacho, gentilmente, um cara insistente e que não entende um não?

— Bianca, meu amor. Trouxe flores para uma flor.

Isso já está ficando vergonhoso.

— Henrique, por favor, coloque de uma vez na sua cabeça que entre nós não rola nada e nem vai rolar.

— Bia, você precisa nos dar a chance de viver esse amor.

Meu Deus do céu, esse homem só pode estar drogado.

— Ela já tem um namorado. — Theo apareceu ao meu lado.

— Ah, é? E por que eu nunca o vi? — Henrique achava que estava sendo esperto.

— Porque eu não preciso apresentar ele pra você. Agora, por favor, vá embora e dê essas rosas para alguém que te corresponda. — Bati a porta na cara dele e olhei para Theo. — Boa, companheiro!

— Se eu soubesse que você não gostava dele, tinha dito que você tinha viajado pra Marte, tia.

Ai, esse meu sobrinho é uma figura. Ouvi meu celular tocar. Número privado.

— Alô!

— *Boa tarde, maninha, como está?* — Nicolas!!

— Olá, maninho, estou ótima, já você não vai poder dizer o mesmo quando eu te encontrar.

— *Qual é, Bia, a Diana não parava de chorar, e a Kate ainda está no hospital. E você adora o Theo, B. Antes das seis vou buscá-lo.*

— Tudo bem, Nick, mas você precisa me avisar esse tipo de coisa.

— *Juro, maninha.*

Após a ligação com Nicolas, Theo e eu lavamos a louça que tinha ficado do almoço e nos jogamos no sofá para ver alguns filmes. Fiz pipoca, porque sou dessas que acaba de sair da mesa e já está pensando em comida. Theo assistiu quase o filme todo sozinho, coitado, já que eu acabei adormecendo novamente. Passava das seis da tarde quando Nicolas apareceu para buscá-lo.

Já mais desperta, terminei de ver o filme de onde Theo havia parado. Eu já sabia as falas de cor e salteado. A campainha soou novamente e eu estava pronta para fingir que não havia ninguém em casa quando ouvi a voz da Melanie do outro lado da porta.

— B, sua vaca, ia me deixar plantada, é? — Mel foi entrando trazendo duas capas de proteção de roupas nas mãos.

— O que é isso?

— Nossos vestidos, bobinha. Nós vamos sair. — Ameacei dizer algo, mas fui cortada. — E sem desculpas, hoje você não tem plantão e eu já trouxe a roupa para você não usar essa desculpa também.

Minha amiga me conhecia tão bem, que chegava a ser assustador. Só pude concordar.

— E o seu namorado? — questionei.

— Que namorado? — Esboçou um sorrisinho travesso. — Estou solteira, amiga! — Deu uma piscadela.

— O quê? Mas já? — Ela deu risada.

— Eu meio que descobri que ele é gay! — Deu de ombros. — Mas tudo bem, há milhares de homens no planeta, não é?

— Estou oficialmente chocada! — Não consegui mudar a minha

expressão.

— Relaxa, B, nada que uma bebida não cure. — Deixou as peças em cima da minha cama. — Aliás, hoje você vai se soltar mais, se divertir e beijar na boca! — Sorriu. — Nós vamos!

Minha amiga era muito confiante, mas também, pudera, alta, ruiva e de olhos verdes... Até eu seria.

Eu mal me reconhecia no espelho. Melanie fez a minha maquiagem marcando bem meus olhos sem deixar carregado demais, e escolheu um batom vermelho em um tom mais escuro. Abri o zíper da proteção para encontrar a minha roupa: um vestido curto com mangas que batiam dois dedos acima do meu cotovelo e uma abertura no ombro. Após vesti-lo, vi-me outra pessoa. Minha amiga trajava um vestido verde-esmeralda que valorizava seus cabelos ruivos e estava muito bem maquiada, como de praxe.

— Fala sério, amiga, estamos gatas. — Ela me fez rir. — Vamos?

Fui guiando o carro e ela foi acompanhando o GPS e me dizendo o caminho, já que eu não fazia ideia de onde estávamos indo. Assim que avistei um aglomerado de pessoas, descobri o local. Era a inauguração da boate Heaven. Eu tinha visto alguns banners no shopping mais cedo.

A entrada do lugar era imponente e chamava a atenção, porém havia tantas pessoas que a fila dobrava a esquina, e aquilo quase me fez querer desistir.

— Acho que a gente não vai conseguir entrar tão cedo, Mel, vamos voltar.

— Deixa de ser bicho do mato, Bianca. Eu tenho entrada VIP. — Ela sorriu.

Seguimos por uma rua na lateral da boate, onde não havia ninguém. Até que avistamos dois seguranças bloqueando uma porta.

— Senhorita Clarke, que bom que veio. — Ele se dirigiu à Melanie e eu só observei.

Entramos e eu nem a questioneei, somente a segui até o bar.

— Divirta-se, amiga!

— Mel, eu estou dirigindo, não posso beber.

— Qualquer coisa a gente chama um Uber, amiga. Beba, que tudo vai melhorar — garantiu.

Eu precisava me soltar, e tomar alguns drinks iria ajudar com toda certeza. Respirei fundo. Não sei o que me possuiu, mas pedi uma dose de tequila ao barman. Aquilo desceu queimando pela minha garganta e fiz uma careta.

— Você vai ter que tomar algumas dessas para começar a sentir o efeito. Toma mais uma antes de irmos para a pista de dança. — Melanie tentava não rir da minha careta.

E assim eu fiz. Depois a segui para pista, que já estava quase cheia. Tocava uma versão de How deep is your love, que me fez querer dançar imediatamente. De olhos fechados, comecei a sentir uma alegria que eu sabia que era o álcool que trazia. Segui fazendo meus movimentos até que senti duas mãos em minha cintura. Controlei o impulso de me virar e apenas aproveitei o momento até a música terminar.

Assim que me virei, dei de cara com um homem lindo. Loiro, com olhos que eu não consegui decifrar devido à pouca luz do ambiente e músculos que eu consegui sentir sob sua camisa branca. Outra música

começou a tocar e continuamos dançando juntos, sentia seu hálito de bebida e sua mão nas minhas costas que quase tocavam em minha bunda. Cheguei perto dele e avisei que ia ao bar pegar uma bebida, mas ele imediatamente se prontificou em ir buscar, deixando-me sozinha na pista. Continuei dançando e logo senti duas mãos em mim novamente, sorri, olhei para trás e levei um susto.

— Ferraço? Que diabos?... — Tirei suas mãos da minha cintura e o olhei bem, para ver se não era um delírio meu.

— Você está linda, senhorita Albuquerque — sussurrou no meu ouvido, causando um arrepio.

Não sei se era efeito da bebida ou o que, mas eu o achei extremamente gostoso vestindo uma camiseta preta e uma calça jeans justa.

— Você também não está nada mal, Jacob.

Ops, meu filtro foi junto com a minha sanidade.

— Sua bebida. — O gato loiro chegou.

— Obrigada! — Virei a bebida de uma só vez.

— Ei, vai com calma — falou o intrometido do Jacob.

— Você... — Apontei para ele. — Não manda em mim.

Puxei o gato loiro e voltamos a dançar. Olhei para o lado e Melanie já estava conversando com um cara que tinha porte para ser boxeador. O loiro começou a se esfregar cada vez mais em mim e eu já não estava mais tão feliz quanto antes. Ele segurou minha bunda, não me dando muita liberdade, e aquilo estava me agonizando. Eu tentei me afastar, mas não obtive sucesso, e não tinha muita força. Tentei novamente e senti seu corpo sair de perto do meu, mas não fui eu que fiz aquilo.

— Vem comigo! — Jacob me puxou da pista, deixando um gato loiro muito irritado por ter sido interrompido. Ele me levou até o bar, onde nos sentamos e eu pedi outra dose. — Você está sozinha? — Quebrou o gelo.

— Não, eu trouxe uma amiga — falei lentamente e no seu ouvido, por causa do som alto.

— Você trouxe? Espera, você está bebendo e vai dirigir? — Ele me olhou revoltado e já me repreendendo.

— Pela sua roupa, você não está trabalhando para querer me multar. — Sorri. Eu estava começando a sentir meu mundo girar. A bebida estava fazendo efeito e eu estava perdendo completamente o juízo.

— Engraçadinha, não vou deixar você voltar para casa dirigindo.

— Você não manda em mim, papai — disse bem próximo do seu rosto, sentindo até sua respiração perto da minha.

— Teimosa.

— Mandão.

— Mimada.

— Cretino.

— Linda.

Não deu tempo de retrucar. Ele fechou o espaço que faltava entre nós e me beijou. Eu demorei alguns segundos para retribuir o beijo, já que fui pega de surpresa e meus reflexos estavam um pouco lentos. Mas ainda estava lúcida o suficiente para sentir o beijo ardente, voraz, e que eu queria que não tivesse fim.

Quando já não tínhamos mais fôlego, separamo-nos e eu não o

encarei de imediato. Virei para o barman e ele me deu mais uma dose, que virei em segundos, aí, sim, finalmente, olhei para ele, que me encarava.

— Vou te levar para casa — avisou firme, não deixando margem para qualquer contestação.

— Preciso encontrar minha amiga. — Levantei-me e saí à procura da Melanie.

Avistei-a com a língua enfiada na garganta de um cara. Tive que interromper, infelizmente.

— Mel, você consegue carona? Eu vou embora, se quiser, pode ir comigo. — Comecei a ficar um pouco zonha.

— Eu te levo, princesa! — o cara respondeu por ela, que prontamente aceitou, liberando-me.

Voltei para o bar e Jacob estava no mesmo lugar, encarando-me de um jeito malicioso que fez com que um arrepio percorresse o meu corpo. Andei cambaleando e quase caí conforme andava. Ele se levantou e veio até mim.

— Você está bem? Chega de álcool por hoje. — Comecei a rir da cara dele.

— Que bonitinho! Todo preocupado. Está bem, papai. — Continuei sorrindo.

Ele não disse nada, mas vi que estava se controlando. Puxou-me pelo braço e passamos pelo meio da multidão até eu ver algo em vermelho piscar, estava duplo, mas imaginei que devia ser a saída. Fui escorada nele até meu carro e ameacei entrar no banco do motorista, mas ele foi mais rápido.

— O que acha que está fazendo? — Olhou irritado e descobri que

adorava o vinco que se formava em sua testa quando estava bravo.

— Dirigindo o meu carro, oras.

— Não mesmo. Eu vou dirigir.

— Não. — Balancei as chaves.

Não pude nem pensar, em um minuto ele estava parado na minha frente e em outro me pegando pelas pernas e me jogando em seu ombro, como se eu fosse um saco de batatas.

— Seu... seu homem das cavernas. — Ele me colocou no banco do passageiro com cuidado e prendeu o cinto de segurança em mim.

— Sei que você adora esse homem das cavernas, pelo menos foi o que pareceu quando me agarrou lá no bar.

Cretino.

— Você que me beijou. E eu nem correspondei — retruquei quando ele já estava colocando o cinto do lado do motorista.

— Não foi o que pareceu quando sua língua estava enfiada na minha boca. — Fiquei chocada com o que ele falou. Que indelicado.

— Acelera e fica quieto. — Olhei para a janela, emburrada.

Ele o fez. Fiquei olhando o nada por um tempo, dando umas espiadas estratégicas quando achava que ele não estava olhando. Depois de um tempo, consegui focar na estrada, e principalmente no fato de que não conhecia aquele caminho.

— Para onde está me levando? — Finalmente o encarei, mas ele continuava focado na estrada, apenas sorrindo de lado.

— Minha casa.

— O quê? Me leva de volta, agora — exigi quase aos berros.

— Tarde demais. — Ele me olhou sorrindo de canto. — Chegamos.

Era um prédio gigante. Mas eu não consegui captar muitos detalhes porque tropecei ao sair do carro e caí de cara no chão.

— Ai! — O tombo fez tudo girar ainda mais.

— Tudo bem? — De repente ele estava muito perto.

— Tem dois de você. — Comecei a rir. Ele não gostou nada, e novamente me pegou no colo, mas dessa vez como se pegasse um bebê ou levasse uma noiva na noite de núpcias. Entramos no elevador e ele não me soltou.

— Você até que é bem forte, Terraço — comentei passando a mão em seu peito.

— Não me provoque, Bianca. — O elevador se abriu e ele me carregou até o que eu supus que fosse o quarto dele.

— Por quê? Medo de não resistir? — questionei abrindo o zíper do meu vestido e sorrindo para ele.

— Você está bêbada. Se tiver que acontecer algo, quero que fique marcado na sua memória.

Terminei de tirar o vestido, tornando o olhar de desejo em seu rosto mais evidente.

— Tem certeza? — Andei até ele.

— Você está me fazendo pagar todos os meus pecados. — Ele me beijou finalmente, e tirei sua camisa.

CAPÍTULO 3

Abri os olhos lentamente para me adaptar à claridade. Minha cabeça parecia que ia explodir. Olhei lentamente ao redor, segurando a minha cabeça em uma tentativa inútil de fazê-la parar de latejar.

Eu não reconheci o lugar e comecei a ficar nervosa. Olhei para o meu corpo debaixo daquele lençol branco e percebi que não vestia nada além de roupas íntimas. Virei para o lado e vi Jacob dormindo. Dei um grito e girei meu corpo rapidamente para me levantar, mas não percebi que estava tão na beirada da cama e acabei caindo de cabeça no chão, fazendo um barulho e tanto.

Que merda. Será outro sonho?

Ainda no chão e de olhos fechados, comecei a me beliscar. *Acorda! Anda, Bia, acorda.* Abri os olhos esperando estar na minha adorável cama, mas o que encontrei foi Jake me encarando com um olhar divertido.

— Bom dia! O que faz aí embaixo?

— Me diz que a gente não fez o que eu acho que fez? — Levantei-me e me enrolei no lençol. Esperei sua resposta, mas ouvi sua risada.

— Não me diga que esqueceu nossa noite de amor selvagem, gata? — Fiquei vermelha na hora.

Noite de amor selvagem?

— Você está blefando. Eu nunca faria isso nem em meu pior estado.
— Ele me olhou indignado.

— O que acha dessas marcas, hein? — Ele se virou e fiquei chocada com os arranhões em suas costas. Queria um buraco para poder me enfiar.

— Se eu não lembro, eu não fiz. — Sorri.

— Você implorou, gata, tirou a roupa e me agarrou. Você quase me estuprou. Não pude fazer nada. — Ergueu as mãos e fez uma careta.

— Você... você... argh! Cretino. — Busquei minhas roupas que estavam jogadas no chão e comecei a me vestir.

— Já vai? Não vai querer um exercício matinal? — Olhei enfurecida em sua direção.

— Não! Cadê a chave do meu carro, que eu preciso ir. — Antes de obter qualquer resposta, ouvi meu celular tocar abafado porque estava debaixo das calças dele. Revirei os olhos. — Alô?

— *Bianca, onde você está? Aconteceu alguma coisa? Doutor Rodrigues está te procurando, você está atrasada.*

— E o que você tem a ver com isso, Henrique? Eu sei me virar, já estou indo. — Desliguei o aparelho sem esperar resposta. — Será que pode entregar a minha chave agora? Estou atrasada, como pode ver.

— Está em cima da mesinha. — Apontou. Peguei a chave e fiquei em dúvida em como sair dali.

— Eu te levo. — Ele se levantou e estava nu. O desgraçado não tinha o menor pudor.

— Tampa isso. — Coloquei as mãos nos olhos.

— Não há nada aqui que você não viu, usou e abusou, por que a vergonha? — perguntou e senti sua presença muito próxima de mim.

— Olhando bem, não sei como pude ter gostado. — Tirei as mãos que cobriam meus olhos e o encarei em tom de desafio.

— Posso te fazer lembrar rapidinho como você gritou no meu ouvido.
— Chegou mais perto.

— Você é um cretino, sabe disso, não é? — Abri a porta do quarto e entrei na sala, onde tinha um homem sem camisa jogado no sofá. Parei de andar e Jake trombou em mim.

— Fala, maninho, essa é a Bianca. Desculpe pelo barulho de ontem.
— *É sério, vou matá-lo, lentamente.* O irmão dele começou a rir.

— Sou Joaquim. — Cumprimentou beijando minha mão.

— Bianca. — Sorri. — Está vendo, ele é muito mais educado que você.

— De que adianta educação se você gosta de algo selvagem.

Joaquim ficou olhando de mim para Jake.

— Cala a maldita boca e me leva de uma vez. E vê se coloca uma roupa!

Ele apenas riu, colocou uma roupa e me guiou para fora do apartamento.

— Você é médica? Acho que estou apaixonado — Jake zombou assim que estacionou meu carro no estacionamento do hospital.

— Idiota. Ainda sou uma interna e estou atrasada. — Saí do carro e tranquei o mesmo, correndo para o hospital, deixando um Jake a ver navios do lado de fora.

Corri para trocar de roupa e fui procurar o Doutor Rodrigues.

Descobri que ele estava tratando de um caso raro e cirúrgico, mas, assim que cheguei, ele me despachou para o pronto atendimento por causa do meu atraso.

Fiquei atendendo casos simples a manhã toda enquanto tentava me lembrar da noite anterior. Se tinha passado a noite com o cretino, eu queria me lembrar. Algumas partes eu até consegui: o beijo no bar; ele me levando no colo; eu tirando a roupa dele. *AI, MEU DEUS, eu realmente quase o estuprei*, fiquei vermelha com o pensamento.

Quando tive um momento de folga, peguei meu celular e notei uma mensagem do Nick.

"Ei, B, Kate e Diana vão voltar para casa hoje à noite. Se quiser, pode ir nos encontrar. Beijos, Nick."

Alta, hoje? Sem nem uma recepção? Nada disso. Liguei para ele.

— Nicolas? Como você me avisa assim em cima da hora? Elas precisam ter uma recepção decente.

— *Boa tarde para você também, Bianca.* — Meu irmão riu do outro lado da linha. — *Você não seria minha irmã se não gostasse de uma festa. Tudo bem, maninha, se quiser organizar, tudo bem, mas lembre-se de fazer algo íntimo.*

Desliguei logo em seguida, já começando a organizar tudo. Mande mensagem para todos os parentes e amigos mais próximos e depois liguei para Leda, uma organizadora de festas incrível, e pedi que ela passasse no hospital para pegar a chave reserva que eu tinha do apartamento do meu irmão.

Trabalhei normalmente o resto do dia, levando pacientes para fazer

exames, atendendo algumas consultas, nada muito emocionante.

A noite chegou e eu saí do hospital correndo para me arrumar. Nicolas avisou que chegaria às sete, então eu teria pouco tempo. Coloquei um vestido preto sem mangas que descia justo até a cintura e possuía um drapeado na parte de baixo. Optei por prender meu cabelo num rabo de cavalo alto. Peguei minha bolsa e chaves e segui para o carro.

Já no apartamento do Nick, os convidados começavam a chegar e a decoração já estava pronta. Tudo de muito bom gosto. Uma mesa no canto com comidas, bebidas e um bolo divino. Fiquei recepcionando quem chegava. Meus pais e os pais da Kate estavam me ajudando com tudo. Theo estava vestindo um dos conjuntos que eu havia comprado, estava lindo e muito ansioso para ver a irmãzinha e a mãe. Avistei Heloisa e Felipe, e me aproximei. Fazia tempo que não encontrava com eles, e ainda estavam a pequena Emilly. Eu adorava bebês e já aproveitei para pegá-la no colo.

— Como ela cresceu, Helô. E está ficando a cara da mãe, graças a Deus. — Ri da cara que Felipe fez.

— Tomara que quando tiver os seus, não puxem esse seu gênio, porque, senão, coitada da criança.

— Muito engraçado, Felipe. — Fiz uma careta para ele.

Recebi uma mensagem do meu irmão avisando que estavam chegando, ele era meu cúmplice na surpresa. Avisei a todos que eles estavam subindo e pedi silêncio. Apaguei as luzes e logo em seguida ouvi o barulho de chaves. Assim que eles entraram, Kate acendeu a luz com Diana no colo e logo abriu um sorriso quando viu todos falando *surpresa* bem baixinho por causa da pequena.

— Não acredito nisso. Aposto um rim que foi a Bianca — Kate disse,

fazendo-me gargalhar.

— Que bom que você não vai precisar perder um rim, Kate. Não gostaria de ser a responsável por isso.

Todos acabaram rindo com a nossa brincadeira.

Ela se sentou em um sofá que havia ao lado da mesa, estrategicamente colocado para que as pessoas que passassem por ali pudessem ver a Diana. A casa estava lotada e os convidados todos ao redor da Kate que, depois de um tempo, percebi estar se sentindo sufocada e decidi tirá-la dali. Inventei uma desculpa qualquer e a levei ao quarto dela e Nicolas.

— Então, como o bocó do meu irmão está reagindo a essa fofura? — perguntei assim que entramos no quarto.

— Ai, Bianca, você não perde uma. Ele não sai de perto de mim nem para ir no banheiro, nunca vi — bufou, passando a Diana para o meu colo.

— Você sabia disso quando resolveu se amarrar — debochei. — Ih, acho que alguém aqui fez o número dois. — Senti um cheiro e tentei dar a menina para ela resolver o problema, só que a Kate se afastou.

— Você estava com ela, você troca. Normas da casa. — Sorriu para mim. Algo me dizia que ela já sabia quando me deu a menina.

— Katherine Albuquerque, sua trapaceira.

— Você tem que aprender, B, sua hora vai chegar. — Ela não conseguia parar de rir. E só piorou quando Nicolas entrou no quarto junto de Theo.

— Ei, amor, você esqueceu a bolsa com as coisas da... — Olhou para nós e parou por um instante. — Do que estão rindo?

— Bia estava com ela no colo quando ela fez cocô, então vai ter que trocar. Madrinha também participa, não é, amor? — Ela olhava cúmplice para o meu irmão, que retribuía. — Além do mais, logo ela coloca o dela a caminho. — Isso fez Nicolas arregalar os olhos, mas antes de ele fazer um comentário infame, nossa querida tia Cris entrou no quarto sem bater ou avisar. O cúmulo da educação.

— Hum, já está treinando, Bianca? É bom arranjar logo um namorado, senão vai ficar para titia e velha demais para ter filhos.

Minha querida tia inconveniente como sempre.

Respirei fundo, controlando a vontade de mandá-la pegar sua malinha e fazer uma viagem só de ida para a Nova Zelândia.

— Como é? Ela só vai namorar quando tiver 40 anos e com a minha permissão ainda. — Tive que rir da inocência do meu irmão.

— Mas ela já tem um namorado, pai. — Theo resolveu dar o ar da graça na pior hora possível, Nicolas parou de rir e me encarou.

— Que história é essa, Dona Bianca? Se eu descobrir que alguém anda se aproveitando da minha irmã, eu vou quebrar os dentes do sujeito. — Todos riram, mas eu sabia que ele estava falando sério, então tratei de mudar o foco.

— Me dá as coisas que eu troco ela. — Olhei pra Kate em busca de socorro.

— É isso aí, B. Toma. — Kate me passou a bolsa.

Coloquei a pequenina na cama, em cima do trocador que Kate apontou. Devia ser para proteger a cama dela. Levei algum tempo, coloquei a fralda ao contrário, arrancando risadas da minha plateia. Minha tia ficava

dando “dicas” como se fosse expert no assunto, fazendo-me respirar fundo. Olhei para minha estimada amiga e ela estava tirando fotos da situação. Depois de algumas tentativas, finalmente deu tudo certo e olhei, orgulhosa de mim mesma, para eles.

— Nunca me subestimem — afirmei, entregando Diana à Kate.

A festa foi um sucesso, Nick e Kate contaram para toda alma que passava na frente deles o que eu tinha feito e ainda mostravam as fotos que, olhando bem, não saíram no meu melhor ângulo.

Kate cortou o bolo e não deu duas horas todos já tinham ido embora, e eu, depois de fazer as honras, fui também.

CAPÍTULO 4

A semana passara em um piscar de olhos, e minha mente muitas vezes se dispersava até um cretino que eu queria esquecer. Aquele que se aproveitara da minha noite de fraqueza e desapareceu. Passei a semana inteira emburrada, e só sabia discutir com as enfermeiras. *Será a TPM chegando? Preciso de chocolate.* Passei o final de semana enfiada em casa e chorando com filmes de romance. Nem a Melanie apareceu para dar uma animada na minha pobre vida. Ela estava toda enrolada com uns projetos da faculdade.

Na segunda-feira, acordei atrasada. O que não era do meu feitio. Mas tinha ido dormir tão tarde, que não ouvi o despertador pela manhã. Corri para colocar uma calça jeans, uma blusa preta de manga longa e uma echarpe verde enrolada no pescoço. Cheguei ao hospital correndo, como sempre, e fui direto trocar de roupa. Encontrei os outros internos que esperavam ordens do Doutor Rodrigues, para ver em qual área iríamos ficar durante a semana. Ele foi distribuindo os internos a seus respectivos chefes de departamentos e eu fui sobrando. Assim que ele disse que tinha terminado, eu entrei em pânico.

— Doutor, eu vou ficar com quem? — questionei, recebendo muitos olhares curiosos.

— Ah, sinto muito, Dra. Albuquerque, você pode ficar no pronto atendimento hoje, estamos com poucos atendentes.

Sério? Por que eu? Resolvi não questionar. Fui rezando para conseguir um bom caso antes dos outros, mas topei com a Tatiane, residente-chefe e que organizava tudo por ali. Ela já havia me designado um caso nada cirúrgico. Insisti para ela me deixar ficar com outro caso que havia acabado

de chegar: um cara com uma faca enfiada na cabeça, que com certeza daria uma cirurgia e tanto. Mas a maldita disse que o paciente do leito seis tinha pedido por mim. Acabei indo, mesmo a contragosto.

Abri a cortina que escondia meu mais novo paciente e levei um susto. Jake, sem camisa, deitado e com cara de dor. *Não posso acreditar*. Chequei o prontuário dele: Jacob Ferraço; 25 anos; tiro no ombro esquerdo.

Olhei rapidamente para o seu ombro que sangrava e tinha um pano amarrado no lugar.

— Está com dor? — perguntei.

— Não muita! — Sua expressão dizia o contrário e eu tive certeza quando ele não fez nenhuma piadinha.

— Deixa eu ver isso. — Sentei-me ao seu lado e retirei o pano, examinando o ferimento.

A bala tinha pegado de raspão, cortando sua pele, mas sem nenhum agravante. Puxei o carrinho com medicamentos e abri a gaveta, pegando um remédio para dor. Puxei seu braço devagar percebendo uma careta e apliquei a injeção. *Isso vai aliviar a dor*.

— O que houve? — Não me contive. Ele me encarou e deu um meio sorriso.

— Me envolvi em uma perseguição, o ladrão tinha uma arma, não deu pra escapar.

— Entendi. — Voltei a atenção para o seu ferimento.

— Preocupada?

— Você é meu paciente, fiquei curiosa. — Dei de ombros.

— Sei. — Continuou me olhando. — Ai! — reclamou quando comecei a esterilizar o ferimento. — Mão pesada! — sussurrou.

— O que disse? — perguntei sabendo exatamente o que ele havia dito.

— Nada! — falou rapidamente e tomei cuidado ao limpar o ferimento. Tentei não desviar meu olhar para o seu abdômen nu. — Está muito feio?

— O tiro pegou de raspão, cortou feio, mas não afetou nenhum músculo ou nervo, você vai ficar bem — informei terminando de esterilizar e preparando para enfaixar. — A dor amenizou?

— Você podia ser minha médica particular! — Sorriu. — Quase não sinto mais dor.

— Você realmente está melhor, até piada está fazendo! — Encarei-o. — Pode se sentar para que eu possa enfaixar o seu ombro?

Ele se sentou e eu comecei a enfaixá-lo. Para conseguir passar a faixa eu tinha que praticamente abraçá-lo e isso estava fazendo meu coração acelerar, mesmo que eu não quisesse.

— Já acabou? — Senti seu tom de desânimo.

— Sim, coloquei um cicatrizante e vou receitar um remédio para a dor — expliquei enquanto escrevia a receita.

— Você fica ainda mais linda falando assim — comentou me encarando.

— Obrigada! Eu acho — falei, sentindo um leve rubor.

— Quer jantar comigo hoje à noite? — ele soltou sem aviso nenhum,

fazendo com que eu deixasse a caneta cair.

— Não — respondi sem o olhar.

— Ótimo, te pego às oito. — Olhei para ele indignada.

— Você está machucado, precisa descansar — ponderei.

— Se eu estiver com você, estarei bem. — Sorriu já se levantando.

— Não seja teimoso! — repreendi.

— Te vejo à noite!

Ainda tentei pensar em algo decente para falar, mas ele saiu com o braço enfaixado e sem camisa pelo hospital, chamando a atenção das enfermeiras. Bando de urubus.

Depois do episódio, tentei me concentrar no trabalho. A manhã passou se arrastando, sem nada importante acontecendo e nenhum caso cirúrgico. Fiquei checando algumas fichas de pacientes que poderiam receber alta para me distrair até o meio-dia. Fui até a cantina almoçar. Sentei-me com a minha bandeja em uma mesa reservada e ataquei meu hambúrguer. Sim, eu comia besteiras, mais do que deveria, na verdade. Eu estava pronta para a sobremesa quando meu celular começou a tocar. Ignorei. Afinal, a vontade de comer aquele brigadeiro era maior do que a de atender seja lá quem fosse. Mas o maldito aparelho voltou a tocar insistentemente e eu tive que largar meu doce.

— Alô? — atendi já impaciente.

— *Olá, minha sobrinha. Como vai?*

Merda! Tia Cris! Por que não prestei atenção antes de atender?

— Boa tarde, tia, estou bem, obrigada. A que devo a honra da sua

ligação? — Fui direto ao assunto.

— *Ai, vocês jovens de hoje só sabem querer as coisas, sempre com pressa. Tsc tsc, só liguei para convidar você para o jantar beneficente que estou organizando no sábado.*

— Não sei se vou poder ir, tia, mas obrigada pelo convite.

— *Oh, querida, espere, leve o seu namorado. Se tiver um realmente, é claro.*

Merda! Theo! Quero pegar aquele pestinha.

— Claro, tia, se eu for, eu levo ele sim.

Nem dei espaço para ela dizer mais nada e tratei de encerrar a ligação. Como eu fui estúpida a ponto de atender e me meter nisso. *Vou fazer o de praxe: não confirmar e no dia invento uma doença infecciosa que me impedirá de ir.*

Eu andava de um lado para outro, quase furando o chão do meu apartamento, pensando no dia louco que tive.

Jake não viria até aqui se eu disse não, não é? Ele nem sabe onde eu moro. Devia estar tirando onda com a minha cara. Cretino.

Resolvi ignorar minhas suposições e me joguei no sofá para ver um filme. Fiquei um tempão fuçando as várias categorias da Netflix até escolher um. Quando já estava no meio do filme, ouvi o som da campainha. Dei um pulo do sofá olhando as horas. Oito em ponto. *Não, não e não. Impossível.* Pausei o filme e fui correndo olhar pelo olho mágico. Ele estava plantado na

minha porta. Todo arrumado, com uma jaqueta de couro preta. *Senhor amado!* Fiz silêncio, para tentar parecer que eu não estava em casa. Mas ele insistiu, tocando novamente a campainha. Só olhei para a minha roupa e me lembrei do quão horrível meu cabelo estava. E ainda sem maquiagem. Continuei espiando pelo olho mágico.

— Eu sei que você está me olhando, gata, abre logo essa porta. — Ele sorriu.

— Não vou abrir coisa nenhuma, muito menos sair com você.

Sim, eu era um pouquinho teimosa. Não ouvi mais nada por um tempo e fiquei desconfiada. Chequei e não havia ninguém do outro lado da porta. *Claro que ele foi embora, eu praticamente o enxotei.* Passou-se alguns minutos e nada, resolvi olhar o corredor. Abri a porta devagar, colocando apenas a cabeça para fora e constatando que não tinha ninguém. Suspirei. Olhei para o lado e quase caí dura. Jake estava encostado na parede ao lado da porta, olhando para mim e sorrindo.

— Me procurando? Não achou que eu ia embora assim, não é?

— Convencido.

E lindo.

— Vai me deixar entrar? Eu trouxe comida. — Levantou as várias sacolas que carregava. Olhei sem entender, mas dei passagem para que ele entrasse.

— Você me convidou para jantar na minha própria casa? — perguntei enquanto ele colocava as coisas na mesa da cozinha.

Quem chama alguém para jantar na casa da pessoa?

— Eu pensei na possibilidade de você não querer sair, então trouxe a

comida até aqui. Eu tinha que ter um plano B e, convenhamos, por mais que seja tentador te arrastar daqui até um restaurante, a minha ideia foi ótima.

Ok, ponto para ele. Tinha que dar o braço a torcer e admitir que ele era um cretino inteligente.

— Aliás, adorei o pijama. — Ele desviou os olhos para o meu corpo. Meu traje não era dos mais adequados, eu usava apenas um short preto curto e uma blusinha de alcinha branca.

— Deixa de ser tarado! O que trouxe aí? — desconversei.

Ele tirou várias embalagens de comida que, pelo visto, era italiana. Acertou em cheio. E, por último, uma garrafa de vinho.

— Ok, a que devo a honra dessa visita?

— Sente-se, por favor, vamos jantar e depois discutimos. — Ele sorriu e piscou.

Olhei desconfiada, mas não o questionei, porque minha fome era maior do que a minha curiosidade. Coloquei os pratos e os talheres na mesa e a primeira coisa que ele fez foi abrir o vinho e nos servir.

— Tenho que admitir, você acertou totalmente. — Finalmente quebrei o silêncio após comer até não sobrar espaço no meu estômago.

— Isso foi um elogio? — questionou abrindo um sorriso convencido.

— Engraçadinho!

Peguei a garrafa e segui para a sala. Sentei-me no tapete fofinho e liguei o filme novamente. Ele se sentou ao meu lado. Discretamente, percebi que ele chegava cada vez mais perto de mim. A garrafa à nossa frente tinha apenas os rastros da bebida, porém conseguiu fazer um estrago no meu

querido tapete ao tombar sobre ele. Levantei-me rapidamente com a intenção de buscar algo para limpá-lo, afinal, eu amava aquele tapete. Mas eu estava um pouquinho “alegre”, acabei tropeçando e caindo no colo do Jake. Comecei a rir e o encarei com a cabeça em seu colo.

— Você fica mais bonito com essa barba — soltei. Sabia que no outro dia eu iria me arrepender.

— Obrigado, Bianca. Esqueci de como você fica sincera com um pouquinho de álcool.

— Eu estou levemente alterada, mas não vou deixar você se aproveitar de mim dessa vez.

Ok, acho que não medi minhas palavras nessa hora. Afastei-me do seu colo ainda o encarando.

— Eu nunca me aproveitei de você. — Olhei bem em seus olhos, erguendo uma sobrancelha. Ou pelo menos na minha mente eu ergui.

— Você confirmou — acusei imediatamente.

— Não! Você deduziu por conta própria.

Cretino.

— Você... me fez acreditar nisso. — Fiquei de pé apontando um dedo em sua direção. — Você não fez questão de desmentir.

—Você dormiu como um bebê. E ainda roncou. — Sorriu, tirando todo autocontrole que me restava.

Sentei-me emburrada no sofá e dei um leve tapa em seu braço quando ele me cutucou em provocação.

— Ai! — Assim que encostei em seu ombro, lembrei-me do

machucado. Culpa recaiu sobre mim e eu rapidamente me virei para ele.

— Ai, meu Deus! Desculpa, eu esqueci. Machucou? — Eu estava realmente preocupada porque ele estava de olhos fechados.

— Está doendo um pouquinho — falou abrindo os olhos e eu o abracei.

— Desculpa, você também não ajuda no meu humor, não é? — Soltei-o, irritada. — Tire a camisa. — Ele me encarou e puxou a camisa com certa dificuldade. Olhei para o ferimento, estava intacto. Suspirei.

— Aqui também está doendo. — Apontou para a sua boca e eu não consegui desviar o olhar.

— Temos que fazer alguma coisa a respeito. — Aproximei-me dando um selinho e ficando tão próxima que podia sentir seu hálito quente.

— Foi difícil resistir da última vez. Você me deixou maluco e tive que usar todo meu autocontrole para te colocar pra dormir naquela noite. — Sua sinceridade me pegou desprevenida. — Me diga que está consciente o suficiente para se lembrar disso amanhã.

Os muros que eu geralmente erguia, com certeza não estavam ali, porque não vi nenhum quando tudo que fiz foi concordar com a cabeça. E era tudo o que ele precisava. Senti meu corpo ser erguido do chão e carregado pelo corredor. Jake parou em frente às várias portas.

— Onde é o seu quarto? — Engoli em seco e apenas apontei para a primeira porta à esquerda.

Ele me depositou com cuidado na cama e desceu uma das alças da minha blusa. Começou uma trilha de beijos desde o meu ombro, subindo lentamente, passando por toda a extensão do meu pescoço até chegar à minha

orelha, onde começou com pequenas mordidas. Ele olhou nos meus olhos como se pedisse permissão.

— Só não faça eu me arrepender amanhã — sussurrei.

Senti-o se aproximando e pude ver ele fechando a distância que nos separava. Ele me beijou lentamente, sabendo que teríamos todo o tempo a nosso dispor. Coloquei minhas mãos em seu pescoço, trazendo-o ainda mais para perto, puxando levemente seus cabelos, fazendo-o soltar um gemido baixo. Sem medir nossos gestos, como se nos conhecêssemos há muito tempo, nós nos tornamos um. Sem receios, sem amarras, apenas nós.

— Você não vai conseguir esquecer essa noite, Bianca, nem se tentar!
— sussurrou com os lábios sobre a minha pele.

Acordei sentindo a luz do sol sobre as minhas pálpebras, mas evitei abrir os olhos.

Virei-me na cama e senti um peso em minha cintura. Levei um susto e abri meus olhos. Jake me encarava sorrindo. Merda! Flashes da noite anterior bombardearam a minha cabeça. Jake me beijando. Nosso corpo ansiando por mais. Ele me pegando com força. Meu rosto começou a queimar com as memórias nada inocentes que me vinham à mente.

— Tendo boas lembranças, baby? — Sua voz rouca fez minha pele arrepiar.

— Não cansa de ser um cretino?

— Um cretino que te fez gritar a noite inteira. Acho que mereço um desconto.

— Você... você tem que ir. — Virei-me para o outro lado.

— Estou me sentindo usado, você abusou de mim e agora me manda embora? — perguntou fazendo graça.

— Não somos compatíveis. — Fechei os olhos enquanto soltava a maior mentira que já dissera. — E acertou em cheio, você estava aqui, uma coisa levou à outra, mas não passou disso.

— Eu sei que está mentindo, sua voz estremece quando você mente. Mas se você não consegue admitir as coisas, quem sou eu para te obrigar, não é mesmo? — Senti a cama balançar com o movimento que me pareceu ser ele levantando. Ouvi o barulho dele colocando as roupas, mas não consegui dizer nada. Logo em seguida, veio o silêncio e a batida da porta.

Fechei meus olhos com força. Tudo aquilo só podia ser um pesadelo. Lembrei exatamente de todos os detalhes da noite anterior, com certeza estava marcada na minha mente, por mais que eu tentasse negar. Levantei-me com cuidado, peguei uma camisa comprida no meu guarda-roupas e segui para a cozinha. No caminho, vi a garrafa de vinho vazia e o meu tapete manchado. Vestígios de que o que tinha acontecido na noite anterior não fora um sonho. Droga! Peguei meu celular e liguei para Melanie. Vinte minutos depois, ela chegou.

— Ei, B, o que houve?

Eu realmente tinha a melhor amiga do mundo.

— Eu acho que fiz uma merda. — Era a melhor definição para o que eu havia feito.

— Ok, desde que você não tenha matado ninguém, acho que tem solução.

Já disse que ela era maluca? Bom, não custa reforçar.

— Muito engraçado, Melanie. — Fiz uma careta.

— Ei, o que houve por aqui? — Ela olhou a garrafa de vinho e as taças. — BIANCA, VOCÊ FINALMEMTE TRANSOU?

— Fala mais alto, amiga! Acho que o porteiro ainda não ouviu. Sim, e depois mandei o cara embora.

— Não acredito! Ele foi louco o suficiente para mexer com a menininha Albuquerque e você faz isso? Francamente, B.

— Desde quando você é a amiga que dá lição de moral? Estamos totalmente ao contrário essa semana, eu que te consolo sobre os homens — falei nada contente com a inversão de papéis.

— Parece que o jogo virou, não é mesmo?

— Melanie, eu te chamei aqui para me animar, não para me afundar na depressão. E quer saber, acho que fiz bem em mandá-lo para longe. Pelo menos não me decepçãoo depois.

— Bianca, pelo amor de Deus, você não pode afastar todo cara por isso — repreendeu-me.

— Ok, chega desse assunto. Vamos ver um filme bem clichê e comer chocolate. — Sorri para ela.

— B, desculpe te dizer isso, mas... você não tinha que estar no hospital neste exato momento? — Olhei as horas arregalando os olhos e olhei de volta para minha amiga.

— Desde quando você se tornou a responsável dessa amizade? — Ela ria do meu desespero e eu acabei rindo junto.

CAPÍTULO 5

Nem acreditei quando cheguei a tempo ao hospital. Corri atrás do Dr. Ávila, chefe da cardiologia, já que eu passaria as próximas semanas acompanhando casos com ele, junto de outros internos e residentes. Aquele mês estava deixando todos com os nervos à flor da pele, o internato estava se aproximando do fim e precisávamos fazer a inscrição para o programa de residência do hospital no qual pretendíamos trabalhar. Eu provavelmente continuaria ali, porque era um dos mais conceituados hospitais da cidade e ainda por cima tinha um ótimo departamento de cardiologia.

Eu ainda nem havia começado a planejar a minha festa de formatura, e precisaria de ajuda com isso. E tinha o jantar da minha tia, que eu queria esquecer. Tentei deixar tudo isso de lado e focar na paciente à minha frente, uma senhora de aproximadamente sessenta anos que faria a troca de válvula cardíaca. Fiquei encarregada de prepará-la para a cirurgia. Estava quase pronta, quando Henrique apareceu.

— Bom dia, docinho, tudo certo por aqui?

Ele não tinha o mínimo de bom senso. Nem desenhando ele pararia de me perseguir.

— Doutor, pode levá-la — respondi, já me afastando.

— Espera, não quer participar da cirurgia? — *Droga, era simplesmente tentador.* — Posso te deixar segurar o coração.

— Ai! — Fechei os olhos. — Está bem, eu vou. Obrigada. — Não podia recusar uma experiência daquela. Ele veio para me abraçar, mas eu

desviei. — Por favor, não confunda as coisas, Henrique.

Levamos a paciente para a sala de cirurgia em que o Dr. Ávila já estava aguardando e fui me preparar, junto com Henrique. Ele estava quieto. Estranhei, já que ele amava falar. Entramos e o Dr. já tinha iniciado o procedimento. Era uma cirurgia de risco para a idade dela, mas ela estava em boas mãos.

Cinco horas mais tarde, saí daquela sala com a pior sensação de todas. Eu nunca tinha perdido um paciente, e tenho que confessar: foi a pior sensação de todas. Sei que é impossível salvar todos, mas ter consciência disso não me ajudou a me sentir melhor.

O resto do dia e da semana foi um completo desastre. Parecia que tudo que eu tocava ou resolvia fazer dava errado e eu não tirava aquele cretino da minha mente. Melanie me levou ao shopping para fazer compras e até mesmo para beber, e foi o que ajudou um pouco, mesmo que temporariamente. Comentei com ela sobre o jantar beneficente da minha tia e todo o rolo sobre eu estar namorando. Ela sugeriu que eu convidasse alguém para fingir ser meu namorado, o que prontamente neguei. Eu simplesmente não iria comparecer. Não poderia mentir para minha família, fora que Nicolas mataria o coitado que eu decidisse levar.

Aproveitei uma folga que tive para ir escolher meu vestido de formatura. Eu queria estar deslumbrante e arrastei a minha melhor amiga para ajudar nessa missão. Visitamos um ateliê para encomendar um vestido exclusivo. A mulher tirava as minhas medidas e eu conversava com Melanie, contando como estava imaginando a festa. Olhei pelo vidro do segundo andar enquanto a costureira colocava alfinetes no tecido e arregalei os olhos quando vi Jacob. Ele estava entrando numa loja de conveniência e parecia concentrado. Com certeza era algo sério, pois estava armado. Mandeí a

mulher tirar os alfinetes e tirei o vestido. Coloquei a minha roupa às pressas e corri para fora daquele ateliê arrastando uma Melanie totalmente perdida. Cheguei perto da moto dele e me escorei atrás, observando o movimento da loja pelo vidro. Observei Jake algemar uma loira. *Será que ele tem fetiche em algemar garotas? É um canalha!* Virei-me para a minha amiga.

— Tem uma faca aí na sua bolsa? — Ela me olhou como se eu fosse louca.

— Por que que eu teria uma faca comigo?

— E uma tesoura? — insisti.

— Pra que você quer uma tesoura, Bianca? Me explica isso.

— Aquele... — suspirei e apontei para Jake, que ainda não tinha saído da loja e falava ao celular. — É o cretino que dormiu comigo, e está todo saidinho com aquela loira.

— Eu acho que tenho um canivete. — Ela mexeu em sua bolsa e me entregou. Sorri.

— Amiga, quando eu disser já, a gente corre, ok?

— O quê? Por quê? — Sua cara era hilária.

— Acabamos de cometer um crime — avisei enquanto furava o pneu dianteiro da moto dele.

Puxei minha amiga até um beco, encostando-nos na parede porque avistei Jake saindo com a garota. Ele parou em frente ao prédio e esperou. *Será que ele viu o que eu fiz? Impossível.* Não deu dois minutos e observamos uma viatura estacionar e ele colocar a garota no carro.

— Que merda você fez, Bianca? — sussurrou desesperada.

Continuei olhando e ele agora seguia para a moto dele. MER-DA. Ele subiu na moto sem notar nada, até que o pneu foi cedendo e o ar foi escapando, deixando-o no chão. Ele desceu e ficou olhando para o pneu, tentando entender o que tinha acontecido. Até que estava calmo, ainda bem. O problema foi quando ele olhou bem, percebeu o corte e começou a perguntar pela rua se alguém tinha visto algo. Melanie e eu tentamos sair de fininho mas, antes de atravessar a rua, ouvi um grito.

— BIANCA! — Fechei os olhos, preparando-me para o que viria.

Virei-me junto com a minha amiga, chamando todos os santos para que nos protegessem. Jake estava com um senhor ao lado, que apontava para mim. *Dedo duro*. Aproximei-me calma, tentando parecer menos culpada possível.

— Jake! Você por aqui? — Sorri sem mostrar os dentes, tentando manter a tranquilidade.

— Direto ao ponto, Bianca, por que fez isso? — Apontou para o pneu.

Poxa, não imaginava que um canivete pudesse fazer tanto estrago.

— Fiz o quê? — Fiz a cara mais cínica que consegui.

— Nem adianta negar, Bianca, tenho testemunhas. Aliás, se eu for olhar as imagens das câmeras de segurança, tenho certeza do que vou encontrar — ressaltou, encarando-me. Ele ficava ainda mais lindo quando estava bravo.

— Como é? Que calúnia! Agora eu não posso estar no mesmo quarteirão que já sai me acusando. — Tentei parecer indignada. — Primeiro, me leva pra delegacia por nada, e agora isso?

— Eu posso prender as duas. — Apontou para Melanie e eu. — Mas, posso deixar passar se me contar o porquê disso, afinal, foi você que me chutou aquele dia — ponderou encostando na moto de braços cruzados, parecendo não estar mais com tanta raiva.

— Eu posso ter chutado uma pedra e ela bateu no pneu, mas não fiz de propósito.

— Ok, te dou trinta segundos para me contar a verdade, ou as duas vão presas. — Ele ficou olhando para o relógio de pulso e Melanie me encarou com desespero. Eu olhei para ela, pedindo calma, com certeza ele estava blefando.

— Dez segundos. — *Sério isso? Não tenho a menor ideia do que inventar.* — Cinco, quatro. — Ele pegou dois pares de algemas. — Três, dois...

— Ela estava com ciúmes — Melanie soltou antes de ele terminar de contar e eu a encarei totalmente chocada. Ela até fechou os olhos, já que falou tudo rapidamente.

— Como é? — Senti o indício de uma risada em sua voz.

— Melanie, cala essa boca. — Olhei para ele, emburrada. — Você pediu o motivo, conseguiu. Será que agora podemos ir?

— Agora que ficou interessante? Melanie, não é? — Olhou para a minha amiga, que acenou com a cabeça. — Será que você pode me ajudar? Ela não consegue admitir que é perdidamente apaixonada por mim, não é, gata? — Olhou para mim. Bufei, virando o rosto. — Você podia dar um empurrãozinho e me contar.

— Melanie, você é minha amiga, não desse cretino. Não lhe dê

ouvidos — supliquei para a minha amiga.

— Mas, B, eu nunca te vi fazer uma loucura dessas! — disse e virou para o cretino. — Olha, eu concordo com você, viu? Ela ficou com ciúmes quando te viu prendendo aquela loira. — Olhei boquiaberta para ela.

Que tipo de amiga sai contando as coisas desse jeito? Ouvi uma gargalhada que parecia que alguém tinha acabado de contar a piada mais engraçada do mundo. O idiota não conseguia parar de rir feito uma hiena.

— Aquela ladra? — Ele limpava as lágrimas que saíam pelo tanto que ria. — Meu amor, se você tem fetiche por algemas, eu posso levá-las para o quarto.

— Muito engraçado, Terraço.

— Você bem que podia acompanhar a B ao jantar beneficente no sábado, ela precisa de um acompanhante, não é, Bianca?

Eu realmente fiquei tentada a destampar o bueiro que havia ao lado e me jogar lá dentro para ninguém ver quantos tons de vermelho meu rosto ficou.

— É mesmo? E ela não ia me pedir? — Erguei uma sobrancelha, sorrindo. Desgraçado.

— Claro que não, eu tenho dignidade. — Virei a cara, envergonhada.

— Pois saiba que eu vou nesse jantar! — Ele fez uma pausa. — Se você pedir com jeitinho. — Aumentou o sorriso.

— Ótimo! — Melanie bateu palmas. — Agora anda, pede logo, Bianca. — Melanie me encarava. Mas eu não estava com a menor vontade de me humilhar e continuei de braços cruzados.

— Eu não vou apresentar esse policialzinho aí como meu namorado para a minha família toda, Melanie! — avisei e ele só observava, sorrindo.

— Espera aí? Vou ter que bancar o namorado ainda? Acabe logo com isso e me pede direito. — Ele sorriu de lado e chegou perto de mim. Fiquei um tempo refletindo e pensando na vergonha que seria ir sozinha àquele jantar, ou até mesmo não ir. Tia Cris espalhara a Deus e o mundo que eu iria acompanhada.

— Por favor... — sussurrei com os dentes cerrados. Ele se aproximou ainda mais, colocando uma mão na orelha direita.

— Como? Não escutei. — Cretino. Ouvi Melanie rindo baixo.

— É surdo agora? Por favor! — falei alto. Ele só sabia sorrir. — Por favor, Jake. — *Só pode ser brincadeira.* — Por favor, Jake. — Sorri com desgosto. *Cretinake, isso sim.* — Agora chega desse showzinho.

— Ok, eu vou, mas você vai me buscar.

Eu devo ter sido o diabo na outra vida para ter que suportar isso. Ele tirou uma caneta do bolso e puxou meu braço, escrevendo seu endereço.

— Tão cavalheiro — ironizei. Puxei meu braço todo riscado e nem parei para ler. — Tchauzinho, Terraço. — Puxei Melanie e nem olhei para trás quando saí correndo para o conforto do meu carro. — Eu devia era deixar você andar até em casa, Melanie Clark. Vou comprar um filtro de presente de aniversário.

— Qual é, B? Se eu não desse um empurrãozinho, você nunca iria chamá-lo. E ele é um gato.

— Claro que é, e um cretino também. Viu a humilhação que eu passei? Tudo por culpa sua.

— Para de drama. Você está adorando essa situação que eu sei.

— Ah, claro, eu amo me expor ao ridículo. — Mas meu tom de voz já não demonstrava vestígios de raiva. Olhei meu braço riscado e fiquei chocada.

Avenida Lacerda, condomínio El dourado, apto. 507.

Vá de vermelho. Beijos, gata.

Era sexta-feira e tinha pegado dois plantões seguidos, quase não parava em pé. Se alguém acha que medicina é moleza, está redondamente enganado. Entre um plantão e outro, Nicolas me ligou.

— *Bianca, que história é essa que vai levar o seu namorado pra festa beneficente da tia Cris?* — Ele estava muito bravo.

— De onde tirou isso, Nick? — Fiz-me de desentendida.

— *De onde eu tirei, Bianca? Tia Cris espalhou pra Deus e o mundo que você vai e ainda vai levar o namorado, sendo que eu nem sabia que você tinha um.* — Fechei meus olhos, pensando em como eu ia sair dessa.

— Nicolas, maninho, se acalma aí, ok? Eu não tenho que reportar cada passo que dou para você. Sinto muito, mas eu cresci.

— *Você sempre vai ser minha irmãzinha, vou matar o desgraçado que tocar em você.*

— Cuidado, Nick, você pode acabar preso — ironizei.

— *Duvido.*

Não duvide, maninho, eu mesma já quase fui duas vezes.

Depois de ouvir muita besteira do meu irmão, finalizei a ligação e voltei ao trabalho. O pronto atendimento estava lotado, deixando todos à flor da pele. Um ônibus cheio de pré-adolescentes havia sofrido um acidente e conseguiram transformar o hospital em um verdadeiro pandemônio. Saí do plantão exausta e só conseguia pensar em dormir. E foi o que fiz até o dia seguinte.

Enfiei a cabeça no travesseiro, desanimada. Olhei para o relógio e me assustei com a hora. Quase uma da tarde. Dormi demais, e pior, estava com preguiça de me levantar. Peguei meu celular e o maldito estava sem bateria. *Merda, esqueci de colocar para carregar ontem.* Levantei-me lentamente, tropeçando nos meus sapatos jogados no chão, para variar. Fui até a cozinha pegar alguma coisa para comer e voltei para a cama, liguei a TV e fiquei assistindo filmes e séries a tarde toda.

Por volta das seis horas, Melanie chegou com um monte de coisas nas mãos.

— O que é isso tudo, Melanie? — questionei confusa.

— Isso... — Fez uma pausa. — É o que vai deixar o Jake de queixo caído. — Sorriu.

— E por que eu iria querer isso mesmo?

— Porque gosta dele. — Dei indícios de começar a falar algo, mas ela me cortou: — Sua teimosia não me engana, B, fala sério.

Segui-a até o meu quarto e ela começou a colocar tudo em cima da cama: a maleta de maquiagem, joias e um monte de apetrechos. Depois de todos os produtos espalhados, ela se voltou para mim.

— Hoje você vai provocar um ataque cardíaco no coitado, espero que

ele esteja preparado. — Tentei, juro que tentei ficar séria, mas caí na gargalhada. Melanie era maluca. Ela pediu para que me sentasse na cadeira da minha penteadeira, para começar o trabalho. — Qual é a cor do vestido mesmo?

— Bordô.

Ela deu uma risadinha, mas não disse nada. Começou a fazer a maquiagem que eu não pude ver. Ela nunca me deixava espiar. Amiga da onça. Não tinha a menor ideia do tempo que havia passado, mas estava curiosa.

— Pronto, pode olhar.

— Estou com medo de que você tenha me deixado parecendo uma palhaça, amiga.

— Olha logo, sua vaca. — Virei-me para o espelho e realmente tinha que dar os parabéns para Melanie.

Meus olhos estavam marcados com um pequeno esfumado no canto e dourados no centro, dando um efeito lindo e, para completar, um batom vermelho.

— Tenho que admitir, está incrível. — Olhei no relógio e já eram sete e meia. Corri até meu closet procurar o vestido, arrumei-me com a ajuda da Melanie e calcei as sandálias.

— Bianca Albuquerque, você vai matar o homem do coração. — Melanie estava chocada. Sorri. Já que era para ir, tinha que haver um bônus.

CAPÍTULO 6

Cheguei ao condomínio do Jake e estacionei na frente. Saí com certa dificuldade e cheguei até o porteiro, estressada.

— Apartamento 507. — Ele me olhou de cima a baixo.

— Pode subir.

Ignorei seu olhar e fui até o elevador que estava vazio, graças a Deus. Cheguei ao andar do cretino e bati à porta. Nada. *Eu o mato se ele não estiver.* Depois do que pareceu duas vidas, a porta foi aberta e um homem sem camisa apareceu para me receber. Reconheci Joaquim, irmão de Jacob. Ele parou na porta para me olhar de cima a baixo, avaliando tudo o que estava vendo.

— Uau, isso tudo é para o meu irmão? Que mundo injusto. — Abriu a porta, dando-me passagem. — Pode se sentar, a noiva está se arrumando.

— Bianca? — Reconheci a voz de Isabella, que veio correndo me abraçar. — Você está parecendo uma princesa.

— Você que é uma princesa, Isa. — Sorri da sua inocência.

Enquanto falava com ela, ouvi um pigarro. Virei-me lentamente ainda em meio a uma risada do que ela me falou e foi quando o vi. De terno e gravata. Nada poderia ter me preparado para aquilo. Ele arqueou uma sobrancelha, passeando o olhar sobre mim.

— Você vai me dar trabalho hoje, hein! — Algo em seu tom de voz parecia deixar alguma coisa nas entrelinhas que eu não consegui identificar.

Sorriu de canto baixando a cabeça, deixando-me estagnada no lugar.

— Vocês vão se casar? — *Isabella deve ser alguma parente perdida da Melanie, não é possível.* Ouvi Joaquim rir.

— Bom, se ele perder a chance, eu caso. O que acha, filha? — Comecei a rir do olhar cúmplice dos dois.

— Acho que você vai ter que entrar na fila, maninho. — Nem percebi quando ele chegou perto de mim, colocando uma das mãos na minha cintura.

— Não seja por isso. — Joaquim me encarou sorrindo. — Lembre-se de me inserir na lista. Acha que tenho chances? — Finalizou piscando para mim.

— No momento, você tem mais pontos do que ele — zombei rindo, fazendo Jake bufar ao meu lado. Estava gostando daquilo.

— Bom, nós temos que ir, já estamos atrasados. — Jake estava tão bravo, que eu só sabia sorrir. Nós nos despedimos e ele saiu me puxando até o meu carro. Eu estava prestes a entrar, mas fui prensada na lataria do carro, bruscamente.

— Você está querendo testar todos os meus limites. — Ele estava tão perto que eu podia sentir o seu hálito fresco. O que ele não sabia era que eu também estava sendo testada, louca para fechar a distância que restava entre nós. Ele estava quase encostando nossos lábios. — Eu poderia te beijar agora. — Fechei meus olhos, esperando o contato. — Mas não posso arriscar perder mais um ponto. — Afastou-se sorrindo e me deixando naquele estado de expectativa. Cretino.

Entrei no carro e liguei o rádio no último volume. Dirigi sem olhar para o lado o caminho todo. Só quando cheguei e estacionei, que me obriguei

a falar com ele, que estava adorando a situação. Olhei para o lado e o desgraçado estava rindo.

— O que foi? — indaguei já irritada.

— Aqui é proibido estacionar, e você conseguiu ficar no meio da estrada — comentou e eu bufei.

Olhei bem para ver se ele não estava tirando com a minha cara e o pior é que ele estava certo. Acelerei com raiva, subindo um pouco na calçada e atravessando a rua até estacionar no estacionamento do salão. *Um pouquinho torto, talvez, mas quem liga?* Olhei de novo para ele, que estava segurando firme os dois lados do banco.

— Deveria existir um contrato explicando o quanto a pessoa arrisca a vida andando ao seu lado.

— Cala a boca e anda. — Segurei o riso. Saí do carro e ele me seguiu. Esperei a tartaruga chegar ao meu lado para entrarmos juntos.

— Nomes, por favor?

— Jacob Ferraço. — Ele resolveu falar antes de mim. O homem ia procurar na lista de convidados, mas eu o interrompi.

— Desculpe, é Bianca Albuquerque e acompanhante. — Sorri para o homem, que nem olhou a lista e sorriu de volta para mim.

— Senhorita Albuquerque, sua tia está ansiosa para vê-la. Sua mesa é a primeira à esquerda.

— Obrigada. — Puxei Jake, que enlaçou seu braço ao meu.

Descemos a escadaria chamando muita atenção. Havia várias mesas espalhadas nas duas laterais do salão e uma grande área no centro, que estava

ocupada por um mar de pessoas. Avistei tia Cris ao lado de Nicolas e Kate, que me olhavam boquiabertos. Kate sorriu para mim, passando-me confiança, e eu rezei para não tropeçar.

— Quer dizer que eu sou seu chaveirinho nessa história toda? — Jake sussurrou enquanto descíamos os últimos degraus da escada.

— Você que se ofereceu. — Olhei sorrindo para ele. — Só abra a boca quando necessário, não chame atenção — avisei entredentes, olhando para minha tia em seguida. — Boa noite, tia Cris, como vai? — cumprimentei sorrindo, mas ela só sabia olhar para o homem ao meu lado.

— Confesso que estou surpresa que veio, minha querida, achei que fosse invenção essa história de namorado.

— Desculpe não ter sido apresentado antes. Sou Jacob, muito prazer — Jake se meteu na conversa, beijando a mão da minha tia, que parecia encantada.

Quem não conhece o ogro que habita nele, até acredita. Ouvi um pigarro e olhei na direção do som. Nicolas estava para lá de vermelho, e Kate estava tentando acalmá-lo.

— Sou Nicolas, irmão dela. — Meu irmão se adiantou estendendo a mão para Jake e a apertando com excesso de força.

— Nick, esse é meu namorado, Jacob. — Sorri forçadamente para o meu irmão. Só então ele afrouxou seu aperto. — Por favor, comporte-se — completei, percebendo que ele não desamarrava a cara.

— Oh, querido, já estava na hora da sua irmã arranjar um namorado. E olha que belo homem ela arranjou, nem acredito. — *Minha tia deve ter bebido, tenho que mantê-la afastada dos garçons.* — Como se conheceram,

crianças?

Jake olhou para mim. Eu olhei para ele. Não tinha pensado nisso, merda.

— Bom, eu estava fazendo uma blitz e ela estava sem o documento do carro. Levei ela para delegacia — Jake falou, fazendo-me virar de olhos arregalados e indignada para ele.

— Eu estava com os documentos — rebati.

— Não no momento, gata. — Piscou para mim.

— Não foi nesse dia que você levou um banho de lama do taxista, Bianca? — Nicolas resolveu dar o ar da graça, estava um pouco mais calmo e até rindo da situação.

— Banho de lama? — Jake riu baixo e olhou se desculpando para tia Cris e Nicolas. — Desculpe, eu não sabia disso — completou.

Ótimo, parece que todos se uniram em prol do meu constrangimento.

— Espera, você é policial? — Minha tia parecia cada vez mais interessada.

Qual a parte do "não chame atenção" ele não entendeu?

— Sim, acabei de ser promovido a delegado, na verdade — disse todo orgulhoso.

Como é? Tentei disfarçar meu choque. *É claro que ele não ia mandar um SMS avisando, você o expulsou, lembra?*, minha mente me repreendeu. Balancei a cabeça, mandando aqueles pensamentos para longe e sorri, disfarçando a minha surpresa.

— Ah, Jake é um orgulho para mim. — Olhei para ele. — Não via a

hora de apresentá-lo a todos.

— Meu amor, fico feliz em entrar para a família. — Chegou perto de mim, e me deu um selinho que eu não esperava.

— Vocês chamam isso de beijo? — Minha tia nos encarava como se tivéssemos cometido um crime.

— Tia, por favor, isso foi um beijo e tanto pra minha irmãzinha. — Meu irmão se meteu de novo.

Um beijo e tanto? Meu irmão era tão inocente. Puxei Jake pela nuca e o beijei de verdade. Percebi que ele ficou surpreso, mas correspondeu na mesma intensidade. Quando começamos a aprofundar o beijo, Nicolas nos interrompeu:

— Acho que já chega! — Não conseguia definir o estado do meu irmão, vi Kate sorrindo ao lado dele enquanto ele parecia estar tendo um ataque.

— Ok, me convenceram, crianças. — Tia Cris sorriu.

Depois de todo o constrangimento, seguimos até a nossa mesa e nos acomodamos.

— Eu realmente adoro ser usado dessa maneira, Bianca! — Jake sussurrou no meu ouvido. Corei com o comentário, chamando a atenção do meu irmão que estava de frente para nós. — Esta comida está divina, vocês precisam provar o salmão — comentou, tirando o foco de Nick sobre mim.

— Você está subindo no meu conceito, Jacob — sussurrei de volta.

— Você tem noção que me chamando assim tenho vontade de te levar para aquele carro totalmente mal estacionado e te fazer minha novamente, não tem? — Tentei disfarçar o arrepio que percorreu meu corpo, mas foi em

vão.

— Você não consegue me elogiar sem me reprovar em algo?

Sorte que todos estavam muito ocupados em suas próprias conversas para deixarem passar a tensão sexual que exalava entre nós.

— Consigo. Você está chamando a atenção de todos nesse vestido vermelho, devia ter dito para você vir de verde. — Sorriu de lado baixando a cabeça para não ser notado.

— Eu não vim com esse vestido por ordem sua, não se ache. — Continuei a conversa olhando para frente, tentando disfarçar que estava me divertindo diante da nossa troca de farpas. — E é bordô, é diferente.

— Acho que você ficaria melhor sem ele. — Quase cuspi o vinho que estava tomando. Disfarcei, olhando para todos.

— Com licença, tenho que ir ao banheiro. — Levantei-me sem nem olhar para trás e caminhei pela multidão até chegar ao banheiro.

Fiquei olhando meu reflexo no espelho. *O que esse homem anda fazendo comigo?*, suspirei. O banheiro começou a encher e, antes de sair, acabei topando com minha estimada prima Karine. Ótimo.

— Bianca, nossa, você está linda! Andou fazendo dieta? — Ela estava acompanhada de duas desnecessárias que riam como se ela tivesse contado uma piada.

— Karine, querida, eu nunca precisei de dieta, mas se você quiser, posso te indicar uma ótima nutricionista, seus culotes estão pulando com essa calcinha apertada. — Olhei para ela com a cara mais cínica possível.

Eu quase podia ver a fumaça saindo de suas orelhas, mas ela nunca aprendeu a não se meter comigo. Suas amiguinhas engoliram a risada e eu saí

daquele banheiro confiante.

Percebi que o jantar havia terminado, já que alguns casais dançavam ao som de alguma música que não reconheci. Avistei minha mesa e olhei para Jake, que me encarava com os olhos faiscando. Segui em frente, porém, antes de atravessar o salão, fui parada por Alessandro, meu amigo de infância.

— Bianca, você está incrível! Quanto tempo não nos vemos — cumprimentou e eu o encarei. Ele estava lindo, a barba por fazer parecia realçar seus olhos verdes, e seus cabelos escuros estavam um pouco mais compridos do que eu me lembrava.

— Uau, e olha você, de onde surgiu esse cabelo? — Sorri para ele.

— Fala sério! Isso é um diferencial. — Sorriu de volta. — Me concede a próxima dança? Pelos velhos tempos?

É só uma dança, não é?

— Claro.

Ele pegou a minha mão, conduzindo-nos para a pista de dança. A música mudou para um ritmo romântico e sensual, o que estranhei totalmente, já que tia Cris era recatada e nada atual. Mas o que o álcool não faz, não é? Alessandro me pegou pela cintura, aproximando-nos até demais e começou a me conduzir.

— Devo dizer que vermelho é definitivamente a sua cor.

Merda, ele tinha que me fazer lembrar do cretino? *Nunca mais vou usar vermelho sem pensar nele agora*, suspirei. Ele me girou rapidamente e me puxou para perto demais. Corri meus olhos pelo salão e encontrei um Jake totalmente furioso vindo em nossa direção. Tentei me afastar o mais

rápido possível, prevendo o que viria, mas Alessandro me segurava firme. Jake deu dois toques no ombro dele, que se virou totalmente sem vontade.

— Desculpe interromper, mas eu preciso roubar ela de você. Agora — disse devagar, como se estivesse se controlando.

— Espere a sua vez, cara. — Merda. Vi Jake ficar ainda mais furioso.

— Na verdade, eu sinto muito, Alê, mas meu namorado é um pouco ciumento. — Resolvi intervir para evitar uma tragédia.

— Namorado? — Vi Alessandro arregalar os olhos.

— Isso mesmo, cara. Agora, com licença. — Jake me puxou para longe dele, mas nos manteve na pista de dança, como se eu simplesmente tivesse trocado de par. Pegou na minha cintura firmemente e continuou a dança.

— O que foi isso, hein? Era pra bancar o namorado, mas você está levando bem a sério o seu papel — ironizei, por conta da sua crise de ciúme.

— Eu deveria bancar o namorado corno? — Ele ainda estava bravo. — Desculpe, Alê. — Fez uma voz fina, imitando-me. Era totalmente engraçado e inesperado vê-lo assim.

— Você fica fofo assim, sabia? — Ri do seu jeito.

A música ia entoando seus últimos acordes e ele me arrastou pelo meio das pessoas até uma área afastada, perto dos banheiros e me encostou na parede fria, fazendo um arrepio percorrer o meu corpo e começou a beijar meu pescoço lentamente.

— Continua me achando fofo? — Subiu mordiscando minha orelha direita. Suspirei.

— Muito fofo — falei baixinho, tentando controlar a minha respiração irregular.

Ele aproximou sua boca cada vez da minha, fechando o espaço que nos separava. Com uma das mãos, começou a explorar o meu corpo enquanto percorria meus cabelos com a outra. Coloquei as mãos em sua nuca, puxando-o ainda mais perto de mim. Quando notei que o beijo estava quase ultrapassando os limites em uma área pública, eu o empurrei. Ele me olhou sem entender nada.

— Aqui não, meu irmão pode aparecer — expliquei ofegante.

Ele apenas concordou e me guiou de volta à mesa. Abaixei a cabeça e me sentei rapidamente, tentando disfarçar o que tinha acabado de acontecer.

— Tudo bem, Bianca? — Minha tia não perdia a chance de me importunar.

Levantei a cabeça concordando com ela e sorrindo. Ela me olhou espantada e Kate, que estava na mesa, não conseguia parar de rir. Olhei para o Jake e levei um susto. Merda, ele também percebeu e tentava não rir. A boca dele estava coberta de batom vermelho, e se espalhava pela barba que circundava a boca. Não queria nem imaginar o meu estado.

— Vocês dois têm um fogo, hein — Kate falou em meio a uma gargalhada e eu não sabia onde enfiar a minha cara.

Sorte que meu irmão não estava na mesa, mas senti sua presença atrás de mim assim que me lembrei da sua existência. Nick colocou as mãos nos meus ombros.

— Qual a graça, gente? — Engoli em seco, lançando um olhar furioso para as duas à minha frente.

— Nenhuma, Nick. Jacob, será que você pode me acompanhar? — Nem olhei para trás, para que Nicolas não me visse de perfil. — Com licença. — Puxei Jake comigo e ele finalmente pode soltar uma gargalhada. — Está rindo de quê? Esse batom era para ser 24 horas. Vou processar a marca. — Bufeí irritada enquanto seguia para o banheiro. — Nos encontramos aqui.

— Espera. — Puxou o meu braço. — Devo dizer que eu fiz um estrago e tanto. — Sorriu e me soltou.

Segui para o banheiro mantendo a cabeça baixa para que ninguém mais me visse naquele estado. Cheguei em frente ao espelho e olhei lentamente, com medo do que veria. Não deveria ter olhado. Tinha batom por toda a área ao redor dos lábios. Estiquei-me, puxei várias folhas de papel do suporte e tentei tirar as marcas do meu rosto. A praga estava tão firme que não queria sair. Ótimo. Na hora de migrar da boca para o rosto foi ligeirinho, não é? Umedeci ainda mais o papel e depois de quase arrancar metade do meu rosto, finalmente consegui tirar o maldito batom. Repeti o processo tirando a mancha por completo e pesquei o batom em minha bolsa para recolocá-lo. Com muito cuidado, é claro. *Se eu borrar isso de novo, terei que sair pela porta dos fundos.*

Depois de me certificar que estava com uma imagem aceitável, saí do banheiro à procura do cretino e o avistei encostado na parede. Ele sorriu ao me ver.

— Está melhor? — perguntei e ele assentiu.

— Tenho certeza que Alejandro iria aprovar também.

De onde veio isso agora?

— Você está com ciúmes do Alessandro?

— Na verdade... estou.

Merda, que vontade de agarrá-lo ali mesmo. Não, Bianca, o batom. Cheguei perto dele.

— É realmente excitante saber disso — sussurrei no seu ouvido.

— Acho que podemos ir embora. — Ele sorriu.

Concordei. Voltamos à mesa e nos despedimos de todos, trocando olhares cúmplices com tia Cris e Kate. Atravessamos o salão, que já não estava tão cheio, e pesquei minhas chaves na bolsa enquanto chegávamos ao carro, mas fui barrada por ele.

— Eu dirijo. — Tentou pegar as minhas chaves, mas eu as puxei.

— Nada disso, gato. Meu carro, minhas regras. — Sorri, provocando-o.

— Não brinque com fogo, gata, você pode se queimar — alertou, encarando-me.

— E se eu quiser me queimar? — Ouvi um suspiro lento e rouco vindo dele.

— Apenas dirija, não me faça perder o controle aqui. — Entrou no lado do passageiro com urgência. Entrei do lado do motorista lentamente e olhei sorrindo para ele. — Você me paga por essa tortura quando chegarmos — avisou entredentes.

— Estou ansiosa por isso. — Sorri ainda mais e liguei o carro.

CAPÍTULO 7

— Agora você vai ter que me pagar com juros todas as provocações que me fez hoje. — Ele estava sério. Controlando-se, aparentemente. O apartamento estava no mais completo silêncio e o encarei.

— Quando começo? — Ok, eu estava sendo atirada, mas eu queria muito. Eu queria ele.

Ele andou a passos firmes até mim e me beijou com voracidade. Mesmo à meia luz, eu conseguia sentir sua ansiedade e excitação. Andamos esbarrando em alguns móveis e quadros de parede enquanto fazíamos nosso caminho até o quarto dele. Nesse meio tempo, sua camisa e nossos sapatos já ficaram pelo caminho, sendo tirados com a mínima perda de contato possível entre nosso corpo.

Ele me ajudou a abrir o zíper do meu vestido e eu o tirei lentamente, provocando-o, enquanto tentava acalmar os batimentos do meu coração. Assim que deixei que caísse ao chão, ele me puxou e nos jogou na cama. Iniciou beijando toda a extensão do meu corpo, causando-me arrepios. Eu estava apenas com a parte de baixo do meu conjunto de lingerie, que ele tratou de tirar imediatamente.

— Sua vez, quero ver você também — pedi.

— Não seja por isso. — Sorriu se levantando e tirando as peças sem perder contato visual. Seu abdômen era todo musculoso e rígido e estava difícil parar de admirá-lo. Jake subiu na cama colando nosso corpo, fazendo-me arfar com o contato. — Não se arrependa amanhã — disse e olhei em

seus olhos.

— Jamais — afirmei.

Seu sorriso acompanhou o meu e ele me preencheu repentinamente, fazendo-me arfar e segurar em suas costas, arranhando-o no processo. Arqueei o meu corpo, trazendo o seu ainda mais perto. Ele começou os movimentos lentamente e aumentou o ritmo gradativamente, deixando minha respiração totalmente desestabilizada.

Senti meu corpo começando a estremecer, dando-me indícios de que eu estava muito perto.

— Ainda não — Jake ordenou em meio à sua respiração entrecortada. — Só quando eu disser.

Isso só serviu para me deixar ainda mais perto da borda, sentindo aquela sensação crescer ainda mais dentro de mim, com meu corpo implorando por sua libertação.

— Por favor! — Arfei já não conseguindo mais me segurar.

— Agora! — Senti toda a onda de prazer percorrendo o meu corpo ao mesmo tempo em que o notei tendo a mesma sensação. Vi Jake se jogar ao meu lado, exausto e me encarando. — Você é minha agora. Acabei de reivindicar seu corpo. — Sorriu.

CAPÍTULO 8

Abri meus olhos lentamente, lembrando-me da noite anterior, sentindo cada músculo do meu corpo reagindo às lembranças. Pisquei algumas vezes devido ao contato repentino com a luz e vi um Jake sem camisa e sorrindo, sentado na beirada da cama com uma bandeja nas mãos.

— Bom dia, linda! — Sorriu.

— Bom dia. — Sorri de volta, ajeitei-me na cama e ele colocou a bandeja cheia de comidas gostosas no meu colo. — Uau, tudo isso é para mim?

— Tudo para você. — Inclinou um pouco a cabeça. — Vai comendo enquanto eu vou tomar um banho.

Levantou-se e foi em direção ao banheiro. Ouvi o som do chuveiro ser ligado enquanto comia algumas coisas que estavam dispostas na bandeja e tomei o café. Delicioso. *Acho que estou apaixonada.* Parei de morder o bolinho que estava em minha mão quando esse pensamento me atravessou. *Não, não posso estar apaixonada.* Comecei a entrar em desespero e coloquei a bandeja ao lado da cama. Coloquei minhas roupas e ouvi passos pelo quarto. Levantei o olhar e vi Jake desfilando pelo quarto só de toalha, exibindo seu corpo.

— Aonde pensa que vai? — indagou unindo as sobrancelhas. — Não vai fugir novamente, não é? — Seu tom não parecia nada amigável.

— Claro que não. — Fui até ele e o beijei rapidamente. — Só me arrumei porque tenho plantão daqui a pouco. — Sorri e ele retribuiu. Embora

ele tenha acertado em cheio o que eu ia fazer.

— Certo. Só vou deixar porque você é uma doutora muito sexy — zombou me abraçando.

— Palhaço, agora me deixa ir, senão vou me atrasar, delegado.

— Seria um atraso totalmente justificado. — Beijou meu pescoço. Fiz um esforço tremendo para me afastar, o cheiro dele me embriagava.

— Tenho que ir — avisei.

— Estraga prazeres. — Fez um beicinho.

Calcei minhas sandálias e me virei para ele fechar o zíper do meu vestido, o que ele fez lentamente, fazendo um arrepio subir pela minha espinha. Saí rápido do quarto. Nem tinha olhado as horas, mas pelo visto era cedo, porque não encontrei ninguém na sala. Abri a porta do apartamento, mas fui puxada antes de sair. Jake me encostou na parede e me beijou ardentemente. Colocou a mão na minha cintura e eu puxei de leve seus cabelos.

— Não podia te deixar ir sem uma despedida adequada. — Piscou assim que me largou, deixando-me totalmente sem fôlego.

Droga, Jake, não faça eu me apaixonar ainda mais.

Dei as costas para ele sorrindo e entrei no elevador. Virei-me e o vi encostado na porta, olhando-me como se eu fosse uma presa enquanto as portas do elevador se fechavam.

Entre no meu carro e acelerei até o meu apartamento. Tomei um banho rápido, embora não estivesse nem um pouco a fim de tirar o cheiro dele da minha pele. Coloquei uma calça jeans e uma blusa básica, e fui o mais rápido possível para o hospital.

Passei o dia tentando focar em algo que não fosse a noite anterior. Vi vários casos interessantes, que perdi apenas por estar distraída. Quando dei por mim, o dia tinha passado sem eu ter feito nada relevante e eu estava irritada com isso. Meu celular continuava sem nenhuma mensagem de texto ou ligação. Eu tentava disfarçar e fingir que não esperava nada, mas era mentira.

Já era quarta-feira e, em meu horário de almoço, juntei-me aos demais internos em um grupo de estudos para a prova final do internato.

— Ok. Tenho 36 anos, dor de cabeça atrás dos olhos, visão dupla, apresentei vômitos e estou com dificuldades na fala. Qual o diagnóstico? — perguntei enquanto mastigava uma maçã. Era mais fácil estudar os casos em grupo, para não errarmos o diagnóstico.

— Hum, você fuma? — Thiago perguntou.

— Não com muita frequência — pensei um pouco antes de responder.

— Primeiro você vai passar por uma tomografia ou ressonância e eles vão confirmar um aneurisma já em seu extremo, certo? — Mari opinou.

— Correto — vibrei. — Acho que estamos preparados para isso.

— Eu espero que sim — Elena completou.

— Sua vez. — Apontei para Ricardo. Ele estava prestes a começar quando meu pager começou a apitar. — Continuem aí, gente, tenho que ir.

Corri o mais rápido possível ao andar de um paciente que eu estava acompanhando. Em meio à minha pressa, ouvi o bipe novamente e acelerei meus passos. Que merda. Cheguei ao quarto totalmente sem fôlego e encontrei meu paciente assistindo televisão, aparentemente sem nenhum problema. Ele se virou para mim.

— Ah, finalmente! Será que dá para providenciar um travesseiro melhor? Esse é muito baixo e estou com dor no pescoço.

Nem acreditei no que ouvi.

— O quê? Eu achei que você estava morrendo. — Era o cúmulo.

— Queridinha, ainda bem que eu não estava, não é? Senão eu já estaria morto com essa sua rapidez.

Que folgado! Saí dali bufando e fui procurar o Henrique. *Ele me paga por ter me deixado com aquele desaforado.* Encontrei-o na cantina sem pressa nenhuma em almoçar. Sentei-me na cadeira à sua frente sem falar nada, dando um susto no coitado. Sustos? Bem feito.

— Aquele paciente é MUITO folgado! — Fui direto ao assunto.

— O quê?

— Por favor, Henrique, o do 507 que você fez questão que eu tomasse conta.

— Ah, o Jonas. Ele é um excelente paciente e relaxa que hoje à tarde ele vai ter alta e você vai estar livre — disse enquanto bebia seu café.

Concordei com a cabeça e me levantei. Respirei aliviada e andei sorrindo até o quarto de descanso, que para minha alegria estava vazio. Joguei-me em um dos beliches de baixo, fechando os olhos e aproveitando meus últimos minutos de folga antes de voltar ao trabalho. Minha mente viajou e meu pensamento foi direto ao cretino. Nem para ligar ou mandar mensagem nesses dias todos. Não que eu estivesse esperando com ansiedade. Senti um peso no canto da cama e me assustei dando um pulo, fazendo meu rosto bater com tudo no beliche de cima.

— Merda! — Levei a mão à cabeça por conta da dor e olhei o

causador do susto. Jake me olhava, rindo da situação. — Acho que bati a cabeça muito forte. Estou alucinando. — Esfreguei os olhos, arrancando outra risada dele.

— Estou bem aqui, todo seu — afirmou.

— Está fazendo o que aqui? — Levantei-me ainda na defensiva e não confiando em tê-lo tão perto.

— Vai dizer que não sentiu saudades? — Ele se aproximou e eu fui recuando até encostar na parede. — Porque eu sei que sentiu. Da mesma forma que eu senti. — Chegou perto o suficiente para falar ao pé do ouvido.

— Não foi o que pareceu — sussurrei totalmente afetada com a sua aproximação.

— Doe a admitir isso? Porque isso é música para meus ouvidos. — Ele se afastou para me olhar nos olhos. Só podia ser brincadeira.

Ele quer jogar? Vamos jogar.

— E você, hein? Sentiu minha falta? — Levantei lentamente o meu uniforme, deixando um pouco de pele à mostra. Seu olhar desviou do meu e se fixou no movimento da minha mão. Tirei devagar a minha blusa observando suas pupilas ficarem dilatadas. — Está calor aqui, não? — provoqueei.

— Você com certeza tem sua passagem garantida ao andar de baixo por tortura. — Fechou o espaço entre nós reivindicando minha boca com vontade.

Como eu senti falta disso. Ele enfiou uma mão entre meus cabelos e eu pulei em seu colo, colocando minhas pernas ao redor do seu corpo, deixando tudo ainda mais intenso.

— QUE MERDA É ESSA AQUI? — O susto que eu levei não tem nem como explicar. Pulei rapidamente do colo de Jake me virando assustada para encontrar um Henrique totalmente irritado nos encarando. Abaixei, peguei minha blusa que estava jogada no chão e a vesti apressada.

— O que você tem a ver com isso, Henrique?

— Rá! O que eu tenho a ver? — Riu sem humor, parecendo um namorado ciumento. — Você está em horário de trabalho e quase transando com esse cara em pleno hospital e acha que, sendo seu superior, eu não tenho nada a ver com isso? Dr. Ricardo iria adorar saber disso, não acha?

Merda, nem tinha me tocado. Comecei a entrar em desespero.

— Eu acho que isso tudo é dor de cotovelo, cara, você queria estar no meu lugar e está se roendo por isso. E quanto ao Ricardo, ele não vai fazer nada, ele sabe que estou aqui, então, por favor, pare de passar vergonha — Jake falou firme e senti um incômodo na sua voz.

— Quem pensa que é para achar que tem passe livre aqui, hein?

Isso vai dar merda.

— Quem eu sou não vem ao caso, mas se quiser chamar o Ricardo, fique à vontade. Vou adorar contar que está se doendo por não conseguir arrumar uma mulher. Agora, se já terminou, a saída é por ali. — Jake apontou para a porta aberta e um Henrique estupefato e soltando fumaça saiu batendo a mesma. Eu o encarei, chocada.

— Você conhece o Dr. Ricardo? — questionei.

Bem que eu estranhei ele saber onde eu estava e entrar assim.

— Ele é meio que meu tio! — Sorriu de lado e se aproximou de mim, mas saí do seu caminho.

— O quê? Você vai ter que me explicar umas coisinhas. — Coloquei as mãos na cintura.

— Vai me deixar assim? — Apontou para o volume em sua calça. Quase ri da sua cara de desespero.

— Primeiro, onde você se meteu esses dias? — Eu precisava saber.

— Você está parecendo uma namorada ciumenta — ironizou me fazendo corar e revirar os olhos.

Eu não queria ser namorada dele, queria?

— Use sua bela mão para acalmar o seu amiguinho. Vou ver um paciente. — Fui em direção à porta.

— Espera aí, Bianca! — Segurou o meu braço. — Eu bem que gostaria que fosse a minha namorada ciumenta. — E novamente eu estava sentindo seu hálito fresco e louca para agarrá-lo de novo.

Engoli em seco com o que ele disse. Salva pelo gongo, ou melhor, pelo toque do meu celular. Desconectei o meu olhar do dele e atendi meu celular sem nem olhar o visor.

— Alô?

— *Bianca, querida!*

Ótimo! Eu tinha que aprender a não atender sem olhar.

— Tia Cris, quanto tempo. — Podia fazer um milênio, mas tinha sido no último sábado.

— *Vou direto ao assunto, querida, já que tenho que levar meu poodle ao veterinário e você sabe, ninguém toca no meu poodle.* — Imediatamente me veio à mente uma vez em que escondi o poodle da tia Cris no terreno do

vizinho e ela entrou em desespero, quase chamou a polícia. Depois que ela o encontrou coberto de lama, eu quase tive que chamar o SAMU. Sorri com a lembrança. — *Então, você se lembra que sua mãe irá fazer aniversário no próximo final de semana, não lembra?*

— Claro, tia!

Merda, esqueci completamente. Nem o presente eu tinha comprado. E ainda teria que viajar.

— *Que bom, eu estou organizando a festa dela e preciso que venha um dia antes para me ajudar a ajeitar tudo. Esse ano será na casa de campo dos seus pais, aquela bem afastada, perfeita para ter uma festa sossegada. São muitos convidados, você sabe como são essas festas. Se quiser, pode trazer seu namorado.* — Olhei para Jake que não estava entendendo nada.

— Não sei se ele vai poder ir, tia, mas eu estarei lá. — Jake franziu a testa.

— Onde eu não posso ir? — perguntou alto, fazendo-me colocar a mão para tampar o áudio do celular.

— Na festa de aniversário da minha mãe. Você não vai. — Fiz menção de voltar a falar com tia Cris, mas ele foi mais rápido e pegou meu telefone.

— Boa tarde, Cristina, como vai? — Tentei tirar o telefone dele, mas sua feição mostrava o quanto estava se divertindo com meu desespero. — Soube de uma festa, saiba que eu estarei acompanhando a Bianca. — Sorriu para mim, zombando da minha cara. Fez uma pausa. — Ah, não se preocupe, estamos usando camisinha sim. — Eu fiquei tentada a sair correndo. *Ele só pode estar de brincadeira.* Depois do que, para mim, pareceu uma era, ele finalmente desligou e eu o encarei furiosa, vermelha e abismada.

— Você tem noção do que acabou de fazer? — Quase gritei na cara dele, pegando meu celular de sua mão.

— Te salvei de ter que ir sozinha? — disse na maior cara lavada.

— Me salvou? — perguntei indignada. — Você conseguiu me ferrar, isso sim. Eu vou ter que ir na sexta ajudar a organizar umas coisas pra festa e vou ter que te carregar junto.

— E qual o problema? Não vejo problema em passar alguns dias do seu lado.

Idiota gostoso.

Eu ia responder, mas meu pager começou a apitar desesperadamente. Olhei o visor. 507. Que cara chato.

— Tenho que ir.

— Já? — Fez biquinho.

— Sim, e sabe... Tem um aparelho revolucionário chamado celular, ele serve para ligar e mandar mensagem. Você tem meu número, use-o. — Andei até a porta.

— É mesmo? Tudo bem, mas só vou deixar você ir porque é uma médica muito sexy. Já te disse isso, não disse?

Revirei os olhos e saí dali, mesmo querendo ficar por mais tempo. Andei me arrastando até o quarto do bendito, só faltava uma hora para terminar o meu plantão. Graças a Deus. Cheguei ao quarto do Jonas e ele estava com uma cara estrangulada.

— Aleluia, garota! Até uma enfermeira consegue ser mais rápida.

Parar de reclamar não quer, né?

— O que foi agora? O travesseiro está alto demais? — perguntei.

— Não, sua incompetente, meu curativo está doendo.

Será que estava doendo mesmo? Fui checar. Tirei com cuidado o curativo em seu quadril, ele estava se recuperando de uma apendicectomia. Quando coloquei o olho nos pontos, quase tive um treco. Apertei o botão de emergência e acionei Henrique pelo pager. A ferida estava totalmente inflamada, inchada e com vestígios de sangue. Verifiquei a temperatura e estava alta. Merda.

Henrique entrou na sala sendo seguido por algumas enfermeiras e internos.

— Qual o caso, Dra. Albuquerque? — Nem olhou para a minha cara.

— Dor aguda, ferida inflamada, com sangue e o paciente está febril — relatei mecanicamente.

— E você não checou ele como deveria, doutora? Como ele chegou a esse ponto?

Que droga de conversa é essa? Eu o chequei de hora em hora, como de praxe. Não tinha culpa daquilo. Todos os olhares se voltaram para nós.

— Sim, de hora em hora, como previsto — respondi firme.

— Se tivesse feito realmente, não chegaria a este ponto. Acho que estava ocupada. — Sorriu ironicamente. *Que merda é essa?* — Está fora do caso.

— O quê? — Respirei fundo, tentando não voar no pescoço dele. — Você realmente não sabe levar um *não*. — Saí do quarto esbarrando na nossa plateia chocada, não me importando com nada.

Eu estava com muita raiva. Chequei o relógio. Quase na minha hora. Aproveitei o tempo forçado que ainda restava e fui pedir ao chefe para pegar minhas folgas atrasadas a partir de sexta, e já me despedir do internato, porque segunda teria a prova mais importante da minha vida. Graças a Deus ele atendeu ao meu pedido.

Depois de uma conversa franca com o chefe e, diga-se de passagem, muito proveitosa, troquei de roupa e segui para o carro.

Fiquei o caminho todo pensando no presente perfeito para minha mãe e assim que decidi, dei meia volta e fui para o centro da cidade. Eu tinha que comprar alguma joia. Minha mãe amava esse tipo de presente.

Estacionei em frente à Tiffany e entrei na loja. Como sempre, fui muito bem atendida e meus olhos brilharam vendo os anéis de brilhantes e as demais joias. Eu precisava me controlar e comprar apenas o presente perfeito.

Observei os colares em conjunto com anéis e fiquei extremamente na dúvida do que levar. Até ver um relógio que parecia ter sido feito sob medida para a minha mãe. Sua pulseira toda em ouro ostentava alguns cristais cravejados em ouro branco que se estendiam até o marcador. Todo delicado e sofisticado. Perfeito. Fui até o caixa, paguei e segui para casa.

CAPÍTULO 9

Era noite de quinta-feira, cheguei exausta do plantão. Sem dúvidas aquele conseguiu ser um dos mais puxados de todos. Henrique me designou para as piores tarefas, tive que ficar com toque retal, sutura e todas as ações mais básicas que uma futura cirurgiã detesta. Fiquei vendo de longe alguns internos que não sabiam nem a sequência de procedimentos de um apendicectomia acompanharem casos complicados e até cirurgias.

Ainda assim, passava por Henrique sorrindo. Não iria dar o gosto de ele achar que estava conseguindo me afetar. Sorria o mais plenamente possível e percebi uma certa irritação da parte dele. Ponto para mim. Eu realmente não esperava uma reação como aquela, ele parecia um cara tão doce e paciente e estava se saindo um manipulador que não sabia perder.

Comecei a arrumar as coisas para a viagem. A festa seria na nossa casa de campo, onde moramos por um tempo e que se tornara um lugar onde meus pais gostavam de ir para relaxar e não ficarem expostos. Durante a semana, falei com tia Cris, que me passou a lista de convidados para eu poder enviar a rota, para acharem o lugar. Quase coloquei meu guarda-roupas inteiro nas malas que fiz e tive que me sentar em cima de uma delas de tão socada de roupas que ficou. Fazer o quê? *Melhor eu levar e não usar, do que chegar lá e lembrar do que deixei em casa.*

Eram oito horas da noite, aproveitei para tomar um banho relaxante e sem pressa, já que iria sair no outro dia bem cedo e até lá seriam quase seis horas de viagem. *Meu Deus, seis horas presa àquele homem.* Saí do banho me enrolando na toalha e fui até meu quarto colocar o pijama. Peguei o

celular e vi algumas notificações de mensagens não lidas. Abri a primeira:

“Hey, estou chegando aí, já que vamos bem cedo amanhã.

PS: sim, estou me convidando (O beijo eu dou quando chegar)”

QUÊ? Comecei a ler as outras, em total desespero.

“Se você não aparecer para ler essas mensagens (Você que insistiu pra eu utilizar esse aparelho de última geração e entrar em contato), vai levar uma bela surpresa.”

E, por fim, a última:

“Estou subindo.”

Olhei meu estado no espelho e tentei não entrar em pânico. *Eu só preciso secar o cabelo*, respirei fundo. Ouvi a campainha tocar e... merda, até bati meu dedinho do pé na quina da cama, dando um grito em meio aos xingamentos. Fui resmungando atender a porta e dei de cara com um Jake de mala e cuia entrando no meu apartamento.

— Tenho que ter uma conversinha com esse porteiro que libera a sua entrada assim, sem mais nem menos.

— Bianca, não adianta tentar me barrar, eu dou um jeito de burlar — falou, sorrindo de lado. — E não acredito que não me esperou para tomarmos banho, estou realmente chateado. — Fez biquinho.

— Você é o cara mais folgado que eu já conheci, ultrapassando até o Nick — bufei, indicando o corredor para que ele me acompanhasse. — Você vai ficar no quarto de hóspedes.

— O quê? Eu não atravessei a cidade para dormir sozinho, meu amor.

— Primeiramente... — Olhei bem na cara dele, e que cara linda com

aquela barba por fazer. — Eu preciso ter uma noite plena de sono, sem distrações. E segundo, seu papel de namorado só começa amanhã. — Deixei-o com a mala no quarto ao lado do meu e fui secar meu cabelo, saindo de fininho e não dando brechas para ele responder.

Eu precisava manter o resto de sanidade e dormir bem.

Depois de secar meu cabelo, apaguei as luzes e me deitei na minha cama. Tentei ouvir algum barulho no quarto ao lado, mas estava tudo no mais completo silêncio. *Deve ter dormido*. Coloquei meu celular para despertar às cinco da manhã, porque queria chegar cedo e aproveitar o dia.

Revirei-me na cama ouvindo um som estridente ao fundo, que só ia ficando mais alto. Sentei-me na cama em um sobressalto e um pouco mais lúcida, lembrei que era o meu despertador. Levantei-me lentamente e sonolenta acendi as luzes. Olhei no espelho e meu rosto estava inchado. *Ótimo, vou linda*, pensei ironicamente. Fui até o closet e vesti a roupa que tinha separado: um shorts jeans com lavagem clara, cintura alta e curto, junto de uma camiseta com manga 3/4 branca com alguns detalhes em preto. Soltei o cabelo e o deixei meio ondulado. Pus uma sapatilha para dirigir e levei um salto para usar depois.

Abri a porta do meu quarto e percebi que Jacob ainda dormia, já que a luz estava apagada. Entrei no quarto e acendi a luz. O cretino estava dormindo profundamente.

— Acorda! — Balancei seu corpo devagar. Nada. — Jake? — bufei irritada e ouvi um gemido em retribuição. *Sono pesado do caramba*.

Puxei a coberta que cobria metade do seu corpo e gritei seu nome mais alto. Ele deu um pulo da cama, meio desorientado. Eu esperava dar um susto nele, e não levar. O cretino estava pelado. Joguei a coberta por cima

dele de novo, embora a visão estivesse bem agradável.

— Que merda, Jake, aqui não é a sua casa para você ficar tão à vontade — reclamei, apesar de que minha vontade era rir da cara de sono que ele fazia.

— Você sabe muito bem que eu só durmo assim, como vim ao mundo — contestou.

— Está certo, agora vai se arrumar pra gente ir logo. — Bati a porta e me escorei nela pelo lado de fora, suspirando. — E anda logo que você não é uma noiva! — gritei. De repente a porta abriu e caí dentro do quarto.

— Quer que eu vá pelado?

Sim, ele ainda estava nu e me levantei rapidamente.

— Será que é tão difícil pôr uma roupa? Te espero na sala. Você tem dez minutos ou eu vou sem você.

Saí dali sem desviar o olhar daquela bela paisagem e decidi esperar no sofá da sala. Fiquei mexendo nas minhas redes sociais enquanto a noiva se arrumava. Deu tempo para eu ver todo o meu feed de notícias, falar com a Melanie pelo Messenger e colocar todo o assunto atrasado em dia. Não sei por que ela estava acordada àquela hora da madrugada, mas assim que eu voltasse de viagem, teríamos uma conversinha.

Finalmente Jake saiu do quarto, vestia uma calça jeans e uma camiseta branca. Básico e sexy. Como era possível? Descemos o elevador esmagados pela quantidade de malas que eu carregava, enquanto ele tinha somente uma.

— Você não quis desmontar o guarda-roupa e levar também? — Jake perguntou, fazendo-me rir.

— Ainda estamos em tempo. — Olhei para ele, divertida.

— Entra logo nesse carro, mulher — falou no momento em que as portas do elevador se abriram revelando a garagem do prédio. Ele me ajudou a colocar as malas no carro e quase faltou espaço. Entrei no lado do motorista e ele no do passageiro. — Quero ver esse carro subir os morros com esse tanto de mala — comentou enquanto colocava o cinto.

— Se não subir, você desce para empurrar. — Ele me olhou desesperado e arranquei com o carro.

Liguei o som e fiquei cantarolando algumas músicas que eu gostava, enquanto Jake ficou calado a maior parte do tempo, rindo baixinho quando eu desafinava.

— Qual é? Sua voz não deve ser tão horrível assim! Se solta — falei olhando rapidamente para ele.

Antes que ele respondesse qualquer coisa, o carro da frente parou de repente e eu pisei fundo no freio, fazendo com que ele voasse para frente, salvo de dar com a cara no painel pelo cinto de segurança. Ops.

— Gata, eu não assinei meu seguro de vida e nem escrevi meu testamento — zombou se segurando firme.

— Foi o carro da frente que parou do nada, não está vendo? — Tentei argumentar.

— O semáforo fechou, Bianca. Era óbvio que ele ia parar. — Prestei atenção e vi que ele tinha razão. — E sem música — disse, desligando o rádio.

— Que seja. — Liguei o rádio de novo. — Meu carro, minhas regras. — Levantei uma sobrancelha, desafiando-o. Ele simplesmente desligou

novamente o rádio.

— Eu quero chegar vivo para conhecer minha sogra, amor, e você tem um jeito peculiar de dirigir. — Olhei para ele.

— Minha mãe não é sua sogra, é apenas de fachada. E eu dirijo muito bem. — Ergui a cabeça.

— Por enquanto, gata, por enquanto — retrucou baixo olhando pela janela, mas eu ouvi. Fingi que não tinha ouvido nada e liguei a música baixinho, para não ficar um silêncio constrangedor.

As horas dentro daquele carro pareciam se arrastar e o trânsito quase parado não ajudava. Precisava fazer o tempo passar mais rápido.

— Então, me conta algo que eu não sei de você.

— Algo de mim? — questionou e pensou um pouco. — Bom, eu sou incrível, mas isso você já sabe. — Olhou para mim com uma cara de cafajeste que só ele conseguia. — Interessada?

— Pff, não dá para tentar ser legal mesmo! — bufei. — Preciso saber da sua vida para parecermos um casal de verdade.

— Já pude perceber que você não é nada matinal. — Olhei de canto de olho para ele. — Já é algo que eu sei sobre você. Mas vamos lá, já que está tão interessada em mim. — Ele abriu um largo sorriso e pude confirmar: ele estava tentando me irritar. — Como você sabe, eu tenho vinte e cinco anos, um irmão que mora comigo e minha sobrinha...

— Eu quero saber mais do que isso, Jacob, isso é muito superficial — argumentei sem tirar os olhos da estrada.

—Você sabe muito mais da minha vida do que eu da sua, você não me dá nenhuma informação. — Ele claramente estava pescando informações,

só pela cara de cachorro que caiu da mudança.

— Ok. Estou nas últimas semanas de internato e vou me formar. Quero me especializar em Cardiologia. Sou fácil de agradar. — Ele soltou uma risada que me fez calar e olhar para ele. — O quê? É verdade. Minhas flores favoritas são as tulipas e minha cor preferida é o lilás. Sua vez.

— Uau, realmente não imaginava isso. Ok, vamos lá, não sou bom em falar de mim. Isso é algo sobre mim, não é? — disse e eu ri. Acenei positivamente com a cabeça. — Certo, me tornei policial depois que meu pai foi morto, porque, por incrível que pareça, eu iria me formar em administração para cuidar da empresa dele — falou tão seriamente que eu até olhei para ele. Senti que era um assunto delicado pelo tom da sua voz.

— Sinto muito. — Coloquei minha mão direita em sua perna.

— Tudo bem, já faz tempo. — Fez uma pausa, observando os primeiros sinais de que o sol iria nascer. — Continuando a sua exploração sobre mim, eu gosto de filmes de ação, obviamente, e os de terror. Tenho minha sobrinha como filha e amo a cor vermelho. Sério, e ver você de vermelho está no meu top três de coisas favoritas. — Rimos da graça que ele estava fazendo.

Não sabia o que dizer, o clima naquele carro estava diferente, menos tenso. Sentia que nós não éramos tão diferentes quanto eu pensava. Dei seta para a direita e entrei em um restaurante que eu conhecia na região. Os primeiros raios de sol estavam surgindo e o meu estômago, roncando.

— Aonde vamos? — Fiz uma curva fechada demais, e acabei rindo do desespero do cretino. — Não me diga que vamos conhecer os anjinhos do céu? — Vi-o fechar os olhos e fazer o sinal da cruz. Debochado. Nem fiz questão de responder e estacionei em frente ao restaurante. — Não estou

certo se já posso abrir os olhos. Já cheguei ao paraíso? — Dei um tapa em seu braço, fazendo com que ele abrisse os olhos.

— Você vai parar em outro lugar rapidinho, se continuar desse jeito.
— Tirei o cinto e saí do carro.

Entrei no restaurante com Jake no meu encalço, falando bobagens. Escolhemos uma mesa de canto, perto da janela. O lugar era amplo, mas não estava tão cheio.

— Bom dia, casal. O que vão querer? — Levei um susto quando uma garçonete loira apareceu do nada.

— Bom dia. Eu vou querer um waffle e um café preto reforçado. E você, amor? — Jake olhou para mim e fiquei de queixo caído.

— Dois pães de queijo e um suco de laranja. — Dei um sorriso forçado. A mulher sorriu de volta, anotou os nossos pedidos e saiu. Olhei séria para a cara do Jake, que fingia ler o cardápio. — Amor? Sério? — Vi ele sorrir, mesmo de cabeça baixa.

Ele amava me provocar e sabia que, embora eu tentasse negar, eu adorava suas provocações.

— Estou apenas treinando para quando chegarmos na casa da sua mãe — justificou com a maior inocência. — E acho que estamos fazendo uma ótima atuação, já que até uma desconhecida nos confundiu.

— Ah, claro — desconversei. Até porque eu mesmo já estava confundindo as coisas.

Logo a garçonete trouxe os nossos pedidos e ficamos em silêncio a refeição inteira, com algumas trocas de olhares. Ele insistiu em pagar a conta e estava tão surpresa que acabei deixando. Jake simplesmente não parecia

esse tipo de cara.

Entramos no carro e seguimos viagem. O trânsito por ali estava mais leve, o que fez com que não demorássemos tanto para chegar à casa dos meus pais. Provavelmente o Nick só viria no outro dia, por causa da Diana, e eu teria que encarar tia Cris sozinha.

Fiquei feliz quando avistei a placa de boas-vindas da pequena cidade. A viagem até que foi agradável, não fiquei tão tentada a jogar Jake pela janela, o que já era um avanço. Ainda teria que lembrar do resto do caminho para a casa de campo, já que ainda teríamos um percurso de quase quarenta minutos até lá.

— Me diz que pelo menos você sabe pra onde a gente está indo — Jake comentou quando me viu ficar pensativa em qual caminho pegar.

Eu me lembrava que tinha que virar em alguma ponte, só não imaginava que teriam duas, uma para cada lado.

— Me deixa pensar — repreendi.

Espera, acho que era pra direita. Dei seta e entrei. Andei um pedaço, estranhando um pouco.

— Aqui é contramão, mulher! — Jake gritou quando viu dois carros vindo na nossa direção. — DESVIA! DESVIA!

Joguei o carro com tudo para o acostamento e parei.

— Eu acho que era a outra ponte mesmo! — concluí.

— Você acha? — perguntou com os olhos arregalados. — Na volta eu dirijo.

— Ninguém toca no meu carro — disse determinada... a irritá-lo, é

claro.

— Veremos! — desafiou me encarando.

Eu não disse mais nada, apenas sorri, dei meia volta e peguei o caminho certo. Aumentei o volume e fiquei observando a vegetação. Era um lugar reservado, tranquilo. Pouca gente conhecia o caminho e era bem fácil se perder se não soubesse onde estava indo. Comecei a reconhecer o lugar e fiquei animada, não ia ali há muito tempo. Estacionei o carro e Jake já saiu se esticando.

— Obrigado, Deus, por ter me deixado chegar vivo — disse olhando para o céu e joguei minha bolsa na cabeça dele.

— Não seja por isso, tem um lago enorme bem perto daqui, onde eu posso te afogar. — Sorri. Ele ia dar uma resposta engraçadinha, mas foi interrompido.

— Filha! Que bom que chegaram! — Minha mãe acenou da porta. Corri até ela e a abracei, fazia muito tempo que não a via. — Já estava na hora da senhorita aparecer, não é? — Minha mãe tentou me repreender.

— Você sabe como é, né, mãe? Estou quase me formando. — Ela me apertou ainda mais.

— Sei! — Semicerrou os olhos, encarando-me. — Agora anda, me apresenta logo esse moço. Ele é mesmo seu namorado?

Por que todos acham que não tenho capacidade de arrumar um namorado?

— Sim, mãe, esse é o Jake. — Minha mãe estava radiante ao puxá-lo para um abraço.

— Muito prazer, senhora Albuquerque.

Tão galante.

— Ora, sem formalidades, me chame de Anne. — Minha mãe estava receptiva até demais. — Então você é o famoso Jake. Cristina falou muito bem de você.

— Eu ouvi meu nome? — Levei até um susto quando ela apareceu abrindo a porta. *Nisso que dá minha mãe ficar invocando.* — Oh, Bianca. Jacob, querido, que bom que pode vir. Entrem, tragam suas malas.

Minha tia, como sempre, tomando a frente de tudo. Jake foi buscar as malas, e eu o ajudei, é claro. Minha mãe foi chamar o meu pai e avisar que tínhamos chegado.

— Quais quartos vamos ficar, tia? — questionei quando ela nada disse sobre as malas.

— Quartos? Por favor, o quarto de vocês é na terceira porta à esquerda. — Ela chegou perto e sussurrou: — Somos todos adultos aqui, sabemos o que vocês fazem. E Jake já me confirmou que estão usando camisinha. Relaxa, não sou tão antiquada. — Meu rosto esquentou e eu quase me engasguei com a minha própria saliva.

Jake estava se segurando para não rir e dei uma cotovelada nele quando tia Cris se virou. Levamos as malas até o bendito quarto. Um quarto que eu já conhecia bem, costumava passar as férias ali e aproveitava para decorar com as fotos que mais me marcavam. Deixamos as malas no closet para arrumar depois.

— Parece que viveu altas aventuras por aqui — Jake comentou ao observar as imagens.

— Sim, muitos verões. — Sorri com a lembrança. — Vou tomar um

banho. Se quiser, pode ir desfazendo sua mala.

Era tudo o que eu precisava, um banho relaxante para tirar o cansaço da viagem e ter energia para ajudar tia Cris a organizar tudo. Deixei Jake vendo as fotos e me dirigi ao banheiro. Peguei uma toalha e abri a porta do box, jogando-me debaixo da água quente, deixando com que ela fizesse o trabalho de relaxar os meus músculos e fechei os olhos.

Fiquei pensando nos meus afazeres. Teria que ir até a cidade e comprar umas coisas. Ouvi um barulho e abri os olhos, assustada. Olhei para trás e vi Jake entrar no banheiro pelado e se jogar debaixo do chuveiro comigo.

— Mas o que você tá fazendo? — gritei e tentei tampar minhas partes íntimas. O cretino sorriu malicioso.

— Meu amor, não há nada aí que eu já não tenha visto, e apreciado muito. — Ergueu uma sobrancelha.

Chegou perto de mim e me prensou contra a parede fria. O choque térmico da água quente com o corpo dele colado ao meu fez um arrepio percorrer todo o meu corpo. A água escorria e eu só sabia fixar meus olhos nos dele. Sem pensar duas vezes, puxei-o pela nuca e o beijei. Não sei o que estava acontecendo comigo.

— Já fez isso alguma vez? — Jake parou o beijo e questionou.

— O quê? — indaguei meio desnorteada. — Sexo no chuveiro? — Ergui uma sobrancelha e ele assentiu. — Não, por quê? — Eu não estava entendendo nada.

— Fico feliz em ser o primeiro nisso — afirmou voltando a me beijar, virando meu corpo e me deixando encostada no box.

Ele sabia deixar qualquer momento mágico e gravado na minha mente, mas esse bateu o recorde. Eu tive que me segurar para não gritar e chamar a atenção desnecessária da minha família. Cheguei a morder seu ombro tamanha era a sensação que percorria o meu corpo. Ele conseguia me seduzir por inteiro, e eu, sem dúvidas, já estava misturando as coisas. E dependendo do rumo e da proporção que aquilo tomasse, poderia não terminar bem para mim.

CAPÍTULO 10

Estávamos saindo do banheiro, enrolados na toalha e rindo de alguma coisa que Jake disse, quando ouvimos um pigarro. Ainda sorrindo, virei meu rosto em direção ao som e quase caí dura quando vi meu pai sentado na cama nos olhando com uma sobrancelha erguida.

— Desculpe interromper, hã... seja lá o que vocês estivessem fazendo — disse um tanto constrangido. — Entrei porque achei que estava sozinha e estou com saudades de você. Mas, bem, vou deixar vocês se trocarem e te espero na sala, tudo bem, filha?

Ele tentava fazer parecer que era uma situação comum, que acontecia todo santo dia, mas as minhas bochechas coradas e roxas de vergonha não deixavam. Assim que ele saiu, eu me joguei na cama, enfiando a cabeça no travesseiro.

— Sou a pessoa mais azarada da face da Terra — resmunguei com a voz abafada.

— Merda, ele deve achar que vim pra cá para transar com a menininha dele. — Jake, que até então estava calado, pronunciou-se e estava preocupado. — Que bela primeira impressão — constatou e se jogou ao meu lado.

— Você sabe, né? — Ergui a cabeça, virando-me para ele. — Não precisa se preocupar, não é um namoro de verdade. — Vi sua feição mudar para raiva e franzi a testa. Ele não disse nada, mas se levantou e foi até o closet.

— Vamos nos trocar, seu pai está esperando. — Ele foi completamente frio. Usando um tom de voz que nunca tinha ouvido.

Levantei-me lentamente e fui até a mala. O que eu tinha feito? Peguei uma roupa na primeira mala que encontrei. Um vestido soltinho, de alças finas e confortável. Sequei meus cabelos rapidamente, fiz uma maquiagem leve e esperei por ele, que tinha desaparecido no closet há algum tempo, mas não demorou a aparecer. Descemos as escadas em silêncio e eu estava ficando incomodada com aquilo. Avistei meu pai e fui correndo abraçá-lo.

— Como vai minha médica favorita, hein? — papai perguntou ainda agarrado a mim.

— Vou ficar melhor se você me disser que está tomando seus remédios em dia. — Soltei-me do seu abraço e coloquei as mãos na cintura. Ele odiava tomar remédio. Desviou o olhar de mim. — Pai! Vou mandar a mamãe ficar de olho em você.

— Depois falamos disso, filha. Agora me apresenta este rapaz. — Olhei para Jake, que ainda tinha um olhar esquisito estampando seu rosto. Fui até ele e peguei sua mão. Fria. Ele estava nervoso. Apertei sua mão, passando tranquilidade e confiança.

— Pai, esse é o Jacob, meu namorado. — Sorri olhando para o Jake.

— Muito prazer, senhor. — Jake estendeu a mão para o meu pai, que o puxou para um abraço. Meu pai aparentava ser um cara durão, mas na verdade ele era bem tranquilo.

— Que isso, rapaz, me chame de Eduardo, somos uma família agora, não é? — Isso o tranquilizou e ele estava visivelmente mais relaxado. Meu pai falou baixinho para ele, mas como meu ouvido era muito bom eu escutei. — E sinto muito ter atrapalhado a diversão de vocês, na próxima, prometo

que bato antes de entrar.

Fiquei indignada. *Como posso ter pais tão liberais?*

— Bom, pai, tenho que ir até a cidade encontrar o decorador que Leda indicou, se preferir, podem ficar conversando.

Eu não queria outro decorador, mas Leda não estava no país e me garantiu que o cara faria um bom trabalho.

— Não vai almoçar?

— Como algo quando eu voltar. — Sorri e beijei sua bochecha.

— Vamos deixar ela cuidar da parte chata. Vou te mostrar o lugar, e contar uns segredos da Bianca. — Meu pai estava sendo cúmplice demais do Jake, que estava obviamente adorando, até seu sorriso voltou a aparecer. Deixei os dois conversando e segui para o meu carro.

Dirigi até o centro da cidade procurando o escritório do tal decorador. Leda foi só elogios para a pessoa que indicou. *Espero que seja bom.* Estacionei o carro e segui a pé. Fiquei tentada a entrar nas lojas de roupas primeiro, mas consegui controlar meu impulso. Não demorei a avistar o prédio que Leda me descrevera. Entrei sem muita cerimônia e encontrei a secretária.

— Boa tarde, gostaria de falar com o Fernando. — Sorri. A moça parecia simpática.

— Só um minuto. Sente-se, por favor. — Apontou para um sofá de canto que havia ali.

Não precisei esperar muito. Logo um homem de blazer preto e calça púrpura, com um lenço estampado no pescoço apareceu. *Que estilo, hein!*

Ele começou a me mostrar as ideias para a festa, e tenho que confessar que havia adorado todas. A casa dos meus pais era gigante e optei por uma festa na área externa, em frente à entrada da casa, onde poderia ser feita uma bela decoração.

Decidi por uma parede de flores e uma bela mesa de doces. Pedi o cardápio que Leda sempre escolhia para nossas festas. Ele me mostrou como poderia ser feita a iluminação de uma forma diferente, com uma parte do lugar coberto, para o caso de chuva. E me encantei com as imagens. Nem vi o tempo passar e ele resolveu me levar para almoçar em um restaurante ao lado do prédio, para continuarmos avaliando as ideias.

Depois de passar quase a tarde toda discutindo os mínimos detalhes e combinado de encontrar Fernando para ajudá-lo no dia seguinte, voltei para casa. Assim que entrei na sala, avistei Jacob rindo. Cheguei mais perto e meus olhos bateram na alta silhueta e no longo cabelo loiro que eu reconheci imediatamente. Priscila. Minha “tia”, que na verdade tinha quase a mesma idade que eu. *E eu pensei que não a veria tão cedo.* Tentei passar despercebida, o que foi em vão.

— Bianca? — Priscila chamou e eu me virei para encará-la.

— Sim, tia Priscila! — Sorri forçadamente e ela se aproximou para me abraçar.

— Encontrei esse homem e ele disse que é seu namorado. — Deu risada. — Confesso que fiquei chocada. Você tem bom gosto! — Deu uma leve piscadela, arrancando uma risada de Jacob. Fechei a cara.

— Realmente. Aliás, nós temos o mesmo gosto, não é, tia? — Não pude deixar de ser ácida.

— Ora, não precisa me chamar de tia. Temos quase a mesma idade,

Bianca. — Esboçou um sorriso sem graça. Acho que Jacob percebeu que o clima ficou pesado.

— Filha! — Meu pai entrou na sala sem perceber nada. — Priscila veio para o jantar, faz tempo que não se viam, não é? — Sorriu. — Sabia que ela se formou em direito?

Sério, eu queria vomitar.

— Pois é, tio, eu estava contado para o Jacob sobre o meu último caso e descobri que ele é delegado. Temos muito o que falar. — Deu uma leve risada e o meu olhar encontrou o de Jake imediatamente.

— Ótimo! Aproveitem enquanto eu vou passar no estábulo para ver o Tornado. — Olhei para o meu pai. — Ele está lá? — Meu pai assentiu e eu passei por eles esbarrando em Jacob e indo para a saída dos fundos.

A luz natural da lua cheia deixava tudo iluminado. Caminhei até o estábulo onde encontrei meu cavalo. O único branco dentre tantos que havia ali. Sorri. Abri a porteira e comecei a afagá-lo.

— Lembra de mim amigão? — Peguei a escova que estava num canto e comecei a escová-lo. Ele relinchou e eu sabia que era de alegria, o que me fez rir.

— Você monta?

— Que droga, Jacob! Precisa me assustar assim? — Coloquei a mão no peito.

— Desculpa! — Ele se aproximou, escorando-se na parede. — Então, você monta? — perguntou de novo e eu suspirei.

— Quando morei aqui, vivia em cima do meu cavalo. Esse daqui é o Tornado! Foi meu fiel escudeiro por um bom tempo — expliquei nostálgica.

— Nunca imaginei isso — falou sorrindo da minha expressão.

— Eu posso ser surpreendente também.

— Ah, eu acredito! — Eu sentia seus olhos sobre mim, mas não parei de escovar o Tornado. — Aconteceu alguma coisa? — questionou.

— Por quê? — Fiz-me de desentendida.

— Você parecia incomodada com a Priscila.

Controlei-me para não o fuzilar com o olhar. *Já está íntimo da minha tia.* Eu estava com ciúmes e não podia acreditar nisso.

— Impressão sua! — Dei de ombros.

— Filha? O jantar está na mesa! — A voz da minha mãe me salvou de falar algo que eu me arrependeria depois. — Não me diga que está pensando em montar o Tornado? — Ela soltou uma risada.

— Talvez amanhã cedo. — Escovei seus pelos mais um pouco e fiz um carinho antes de sair. — Vamos lá, então! — Não encarei Jake até chegarmos à sala de jantar.

Minha mãe dispôs a mesa de jantar para seis lugares, infelizmente. Meu pai se sentou em uma ponta e a minha mãe na outra, e eu me sentei ao lado de Jake. Enquanto a Priscila e a tia Cris se sentaram na nossa frente. O cheiro da comida estava divino, e eu esqueci de tudo quando comecei a comer.

— Bianca, como foi com Fernando? — tia Cris perguntou.

Eu ia responder, mas Jake me cortou. Ele parou de comer e olhou para mim com um olhar questionador.

— Fernando?

— O decorador. — Franzi as sobrancelhas e me virei para tia Cris. — Foi uma tarde muito proveitosa, devo dizer que talvez eu abandone Leda na organização das festas. — Dei uma risadinha. — Ele me deu umas ideias incríveis.

— Fico feliz que se entenderam, você vai ficar encarregada de ajudá-lo amanhã.

Concordei e continuei a comer, porém percebi um silêncio na mesa e olhei para cima. Jake estava com uma expressão esquisita no rosto.

— Nossa tarde também foi excelente — Priscila se meteu. — Tentei não contar muito do passado para o seu namorado, mas tenho tantas histórias boas. Além de termos muito o que falar sobre trabalho, ele me deu ótimas dicas.

Queria furar os olhos dela com o meu garfo.

— Que ótimo, tia. Já passou no exame de ordem dos advogados? — Sorri a encarando. Um rubor apareceu em suas bochechas.

— Isso é apenas um detalhe, eu já trabalho na área. — Tentou se esquivar e eu apenas continuei sorrindo. Tia Cris tentava segurar a risada.

Graças a Deus, depois de uns minutos de silêncio, meus pais engataram uma conversa sobre algo que eu não fiz questão de prestar atenção. Assim que terminei, retirei-me da mesa sob o olhar minucioso de Jake, que fez menção de levantar, mas Priscila chamou a sua atenção perguntando sobre a carreira policial.

Fui em direção às escadas e comecei a subir de dois em dois degraus, como sempre, porém, na metade, senti uma leve tontura que me fez me segurar na barra lateral. O que estava acontecendo? Merda, era impossível

não ter uma indigestão olhando a cara azeda da Priscila. Segui para o quarto, coloquei um pijama e me deitei. Mas o sono não vinha.

Conversaram sobre mim, ela ficou a tarde toda com ele. Ele não me deve satisfações. Não somos realmente um casal. Ouvi passos no piso de madeira e o barulho da porta sendo aberta.

— Bianca? — Jake se sentou na cama. — Já dormiu? — suspirou.

Não respondi. Não queria que soubesse que ainda estava acordada, e pior, pensando nele. Fiz o máximo de esforço para manter a posição e parecer relaxada. Ele se levantou e pensei que pudesse ter voltado para o andar de baixo, mas ouvi o som do chuveiro ser ligado. Fiquei me virando na cama, tentando achar uma posição agradável até finalmente conseguir pegar no sono.

CAPÍTULO 11

Acordei no dia seguinte com o sol batendo no meu rosto e muito barulho. Virei-me na cama e percebi que estava vazia. Esfreguei meus olhos ainda em processo de lucidez e ouvi vozes no primeiro andar. Olhei as horas: quase oito da manhã. Pulei da cama e coloquei um vestido soltinho.

Desci para ver o que estava acontecendo. Ainda na escada, avistei as costas do meu irmão, junto de Kate, Theo e Diana formando quase um meio círculo com meus tios Jorge e Júlio, suas esposas e filhos. Estavam em uma conversa animada e eu, ainda sem entender do que se tratava, aproximei-me. Avistei Jake e Priscila junto deles.

— Olha só quem finalmente acordou. — Tio Jorge me viu primeiro, chamando a atenção de todos. Theo veio correndo me abraçar, quase me derrubando.

— Estávamos mesmo falando de você — papai comentou. Ergui uma sobrancelha. — Estávamos questionando Jacob sobre suas intenções com você, se pensa em casar, ter filhos.

Ótimo! Mais um belo momento para passar vergonha.

— Ah, é? E o que ele disse? — Tinha que fingir não me importar e levar na esportiva.

— Disse que estão vivendo um dia de cada vez — meu pai falou e percebi que a resposta não o agradou muito. Nem a mim, para falar a verdade, e não sei o porquê. Priscila sorria, sem ao menos tentar disfarçar.

Pedi licença e subi para o meu quarto para colocar uma roupa adequada para montar o Tornado. Estava com saudades de cavalgar e com vontade de molhar meus pés na cachoeira que ficava pertinho dali.

— Aonde vai? — Jacob entrou no quarto, dando-me um susto.

— Cavalgar. — Passei por ele sem dar muita atenção. Desci as escadas com ele no meu encalço. Saí pela porta da frente e andei em direção ao estábulo. Jake me puxou pelo braço, fazendo-me virar em sua direção.

— O que está acontecendo? — Procurava meus olhos.

— Não sei, me diz você! — Apontei para ele, cruzando os braços em seguida.

— Você queria que eu falasse o quê? Que vamos nos casar? — Encarei-o indignada com a sua ironia.

— Talvez fosse melhor. Afinal era para nós demonstrarmos que somos um casal de verdade. — Andei depressa e abri a baia do Tornado.

Ajuntei a sela sob seu olhar analizador.

— E não estou fazendo isso? — Ele parecia indignado. Montei rapidamente no cavalo com ele tentando me impedir de sair dali. — Você ainda vai me enlouquecer! — gritou enquanto eu saía sem olhar para trás, sumindo pela campina.

Tornado ainda me trazia a mesma sensação de paz de anos atrás. O campo verde com algumas árvores que formavam belos pontos de sombras era a visão perfeita para o início do dia. Uma lágrima teimosa insistiu em cair, mas eu a enxuguei rapidamente.

Alguns minutos depois de passar por um emaranhado de árvores, acabei chegando ao meu lugar favorito. A cachoeira continuava do mesmo

jeito, a cascata de água cristalina caía de forma suave, trazendo uma sensação de tranquilidade.

Desmontei do Tornado e o amarrei em uma árvore. Sentei-me em uma pedra e fiquei observando o lugar. Eu precisava pensar. Será que Jake gostava mesmo de mim? Eu sentia coisas ao seu lado que me faziam ter medo de me machucar.

Ele veio até aqui por vontade própria, ficamos juntos em alguns momentos e foi mágico, mas o medo me domina de uma forma cruel. E Priscila estando aqui traz à tona todos os sentimentos de insegurança que tento manter longe de mim.

Abracei meus joelhos e suspirei. Alguns raios de sol começaram a bater na água e eu sorri. Continuei observando o sol tomar ainda mais espaço entre as árvores por alguns minutos. Lembrei que tinha que recepcionar Fernando para a decoração e arregalei os olhos. Dei um pulo do lugar, desamarrei meu cavalo e o montei novamente. Era engraçado como eu lembrava exatamente de tudo do lugar.

Cheguei à casa já era hora do almoço e belisquei uns petiscos na cozinha, sem muita fome. Subi as escadas até o meu quarto e encontrei Jacob deitado na cama.

— Como foi? — perguntou cordialmente.

— Ótimo! — respondi já entrando no chuveiro para um banho.

Eu esperava que quando eu saísse do chuveiro ele já não estivesse lá, mas estava errada. Assim que saí enrolada na toalha, dei de cara com ele.

— Podemos conversar agora? — questionou.

— Será que não podemos deixar pra depois? Fernando deve estar

chegando e preciso atendê-lo. — Eu estava claramente adiando a conversa.

Sei que deveria enfrentá-lo e falar dos meus sentimentos, mas é mais fácil falar do que realmente fazer.

Ele suspirou.

— De hoje não passa — falou determinado e saiu, fazendo-me engolir em seco.

Penteei meus cabelos rapidamente e os deixei secar naturalmente. Coloquei uma bermuda jeans e uma blusa soltinha. Aproveitei para pegar o presente da minha mãe e descí as escadas.

O fato de Jake estar tão íntimo da minha família sem nem sequer ser dela, estava me assustando. Ele estava com Nick e Theo jogando videogame na sala. Avistei minha mãe na entrada da casa conversando com Fernando e apontando a área da festa. Aproximei-me deles, chamando a atenção de todos.

Vi pelo canto do olho Jake me encarar assim que Fernando entrou para me cumprimentar, vestido totalmente ao contrário do que eu esperava: roupa social cinza e gravata borboleta discreta. Cumprimentei-o com dois beijinhos no rosto e escutei meu irmão reclamando e pedindo para Jake prestar atenção no jogo. Nem me dei ao trabalho de olhar. Queria que ele sentisse o que eu estava sentindo, ou melhor, não queria estar sentindo isso sobre ele.

— Ei, mãe, pode vir aqui? — chamei-a sorrindo e a abracei apertado.
— Te amo muito, você é a melhor de todas.

— Sabe que eu sou chorona! — Soltou-me enxugando uma lágrima. Dei risada e entreguei seu presente.

— Eu espero que goste, assim que vi isso na loja, achei a sua cara. — Ela desamarrava o embrulho animada e chamou atenção de todos na sala.

— É lindo! — Ergueu a caixinha, mostrando-a a Fernando. — Vou usar hoje à noite! — Abraçou-me novamente. — Obrigada, filha!

— É realmente lindo! — Fernando comentou.

— Eu vou levar lá em cima e deixar com o vestido. Vocês fiquem à vontade e explorem o lugar. — Sorriu antes de nos deixar sozinhos.

Eu tinha que focar na festa. Tudo teria que estar pronto antes das quatro da tarde. Levei Fernando até o local onde eu queria a decoração. Muitas luzes faziam parte da proposta, além de flores e lustres. O pessoal que estava começando a trazer as mesas e flores estava a todo vapor. O paredão de flores estava sendo montado e as coisas estavam fluindo.

Como algumas coisas estavam adiantadas, aproveitei para mostrar o lugar para Fernando. Em frente à entrada da casa havia um belo jardim e começamos a caminhar por ele.

— Essa festa vai ser incrível! — falou entusiasmado. — Adoro festas ao ar livre.

— Nunca organizei uma desse tipo, mas estou adorando — comentei.

— Vai sair em alguma coluna essa festa? Alguma entrevista? — perguntou.

— Eu espero que não! — respondi francamente, fazendo com que ele erguesse uma sobrancelha.

— Você vai fazer uma festa desse naipe e não vai sair nem na internet? — Colocou as mãos na cintura, fazendo com que eu risse. — Você é a herdeira cobiçada dos Albuquerque, queridinha, já que o bofe do seu

irmão casou — frisou suspirando.

— Ok... Vamos focar na festa e esquecer o meu irmão, né? — sugeri, rindo da careta dele. — Além do mais, eu não costumo aparecer na mídia.

— E o outro bofe que estava na sala com ele?

— Aquele cretino? — bufei.

— Florzinha, eu só queria saber se ele é solteiro, mas estou vendo que ele te fistou — constatou me olhando com malícia. — Uau, isso é que é um casal de respeito. — Empurrei ele.

— Não inventa. A minha vontade é de matar ele — afirmei sem conseguir me manter séria.

— Já eu, acho que serei o alvo dele. Não olha agora, mas ele está na varanda de braços cruzados e com uma cara nem um pouco boa. — Segurei o impulso de me virar. *Mas então quer dizer que ele está me observando?* — Ei, ei, ei, pode ir tirando essas ideias da sua cabecinha oca, que eu não vou compactuar com isso. — *Droga, como ele adivinhou?* Mesmo assim, enlacei meu braço no dele e escorei minha cabeça em seu ombro. — Ai, minha nossa senhora da plástica, me aguarde, que eu vou precisar de você quando aquele gato selvagem quebrar a minha cara.

Caí na gargalhada, fazendo a cena parecer ainda melhor. Não demorou muito para ouvirmos um pigarro.

— Bianca, sua mãe está te chamando — Jake falou tão sério que me assustou. — E você... Ferdinando, não é? Sua equipe já está indo, terminou tudo e você já pode acompanhá-los. — Sua cara fez Fernando engolir em seco.

— Jacob! Não precisa ser grosso — gritei com ele. — E é Fernando e

não Ferdinando.

— Não vou discutir na frente de estranhos. Você vem comigo.

Ele achava que era quem para me dar ordens? Cruzei os braços e fiquei plantada no lugar. Ouvi Fernando sussurrar um "vai, sua louca", mas não dei ouvidos.

— Não! — Olhei para o lado.

— Ah, mas vem sim!

Pensei em retrucar, mas senti meu corpo ser erguido por Jake. Ele me colocou nas costas como se fosse um homem das cavernas.

— ME LARGA! SEU OGRO! — Tirei os fios de cabelo do rosto e observei Fernando ficar ainda mais distante, olhando a cena boquiaberto e se abanando.

Argh!

Jake subiu as escadas comigo em seu ombro, passando pela minha família que nos encarava e eu ainda tive que sorrir e fingir que era tudo friamente calculado. Chegamos ao nosso quarto, ele me jogou na cama e voltou para trancar a porta.

— Que merda você acha que está fazendo? — perguntei ao vê-lo andar de um lado para o outro do quarto e passando a mão pelos cabelos. — Vai afundar o chão desse jeito.

— Você que está me deixando maluco! — Parou e me encarou.

— Não é o que parece — falei, seca.

— O que você quer dizer com isso? — Chegou mais perto.

— Desde que chegamos, quase não nos vemos. E só você não vê que

a Priscila está se aproximando de você para me ferir, e não faz absolutamente nada. — Desviei o olhar.

— Ok, então esse é o ponto? Você está com ciúmes e fica me provocando? — Pude sentir um certo divertimento em sua voz.

— O quê? Eu não disse isso. Eu e ela temos uma história. Ela acha que você é meu e está querendo tirar você de mim. Não percebe? Achei que iria me ajudar nisso, nessa coisa entre nós. — Apontei de mim para ele.

— Você é inacreditável, Bianca! Você está, sim, com ciúmes, mas prefere fingir que nada está acontecendo. Quando vai perceber que está apenas me afastando? — ele explodiu.

— Nós não temos nada. Isso foi um erro, eu não deveria ter inventado essa história. — Não o encarei. — Agora eu acho melhor me arrumar para a festa.

Segui para o banheiro, trancando a porta. Liguei o chuveiro e fiquei encostada na parede enquanto a água caía sobre mim. Eu queria gritar de frustração e tentar entender por que era tão difícil dizer o que sentia.

Depois de uma meia hora tomando banho, fui até o closet e peguei o vestido que havia separado. Ele era lindo. Preto, bordado com várias pedrarias e descia marcado até a cintura. Sorri e preendi meu cabelo em uma trança lateral com alguns fios soltos que deixaram o visual mais casual. Coloquei os brincos que mamãe me dera no meu aniversário de quinze anos e o colar que fazia o conjunto. Fiz uma maquiagem leve e, enfim, estava pronta.

Olhei pela janela e vi que já estava escurecendo. As luzes da decoração estavam se destacando. Já podia ouvir as batidas da música soando e o burburinho de pessoas chegando. Coloquei os sapatos e saí rapidamente

do closet, esbarrando em Jake sem camisa. Engoli em seco, encarando-o.

Ele correu os olhos pelo meu corpo sem conseguir disfarçar. E sem dizer uma palavra, passou por mim. Suspirei e desci para a festa. Passei pela porta da frente e constatei como tudo tinha ficado lindo. Avistei meus pais ao lado de Nicolas e cumprimentei vários parentes até conseguir chegar perto deles.

— Ficou lindo, né, pai? — Sorri.

— Você que está linda, filha.

— Não deixa ela mais mimada do que já é, pai — Nick soltou e eu dei uma cotovelada nele, que arrancou risadas de todos ao redor.

— Mudando de assunto, acredita que até sua avó apareceu hoje? — Minha mãe interveio.

— Vovó Stella está aqui? — Arregalei os olhos, surpresa.

— Está atacando a comida na cozinha. — Sorriu cúmplice.

— Vou dar um oi para ela então. Volto logo.

Circulei pelo jardim e entrei em casa. Algumas pessoas se acomodavam no sofá e conversavam tranquilamente. Entrei na cozinha e a vovó realmente estava assaltando a comida e eu só consegui rir da situação. Ela trajava um vestido longo e prateado, e tinha joias reluzentes penduradas em suas orelhas e pescoço.

— Peguei no flagra! — Dei um susto por trás dela, que até jogou o camarão para o alto e ele acabou caindo dentro de uma taça de champanhe. Caí na risada e ela, assim que me viu, acompanhou-me. *Acho que já sei de onde puxei esse meu jeito.* — Isso que eu chamo de aproveitar a festa.

— Bianca Albuquerque, respeite a sua avó. — Ela sorriu e me abraçou em seguida.

— Ora, vovó, em todo caso, foi você quem me ensinou. — Aproveitei para beliscar o camarão e rimos, cúmplices.

Arrastei Vovó Stella até onde meus pais, Nicolas e Kate, as crianças e alguns outros convidados conversavam animadamente.

— Vovó? — Nicolas correu para cumprimentá-la. — Está mais jovem do que ano passado.

— Galante como sempre esse meu neto. — Ela cumprimentou Kate e Theo enquanto Nick ficou ao meu lado.

— E cadê o seu namoradinho, hein, maninha?

Nick tinha que entrar justamente nesse assunto.

— Tá lá em cima se arrumando, é pior que uma noiva — resmunguei e ele riu. — Por falar nele, vou chamá-lo. — Sorri para o meu irmão e peguei uma taça de champanhe.

Subi as escadas em direção ao quarto e assim que cheguei ao andar superior, tive que levantar a barra do meu vestido que estava quase arrastando no chão quando trombei em algo.

— Bianca! Que bom te ver de novo! — A voz da minha estimada tia Priscila me fez erguer o olhar e a encontrar em um vestido rosa totalmente justo e um sorriso no rosto.

— Achei que já tivesse ido embora, tia. — Sorri de volta, totalmente cínica.

— E perder a festa do ano? Nunca. — Olhei na direção que ela saiu e

uni as sobrancelhas.

— Você?... — Olhei do meu quarto para ela.

— Sim, eu estava fazendo uma visitinha para o seu namorado. — Chegou perto de mim. — Que cá entre nós, sabemos que não é nada seu. Vem cá, você paga quanto para ele fingir ser seu namorado? — Ela tinha um ar de deboche enquanto falava.

— De onde você tirou isso? — Puxei-a pelo braço para um canto.

— Ele acabou de me contar, Bianca. Como eu disse, tivemos uma longa conversa. Aliás, deu pra perceber que combinamos, não é? — Sorriu. — Sabe que ele vai acabar me escolhendo. — Deu de ombros. — Acho que você nunca superou o Adam, você era tão apaixonada por ele que nem percebeu que ele ficava comigo pelas suas costas. Mas eu não o culpo, eu também me escolheria. Olha só para você, parece uma colegial. — Ela se divertia ao falar cada palavra. — Agora, se você me der licença. — Ameaçou passar por mim, mas eu a impedi.

— Priscila? Não está esquecendo de nada? — Sorri calmamente para ela.

— E o que seria, querida?

Sério, parecia que ela tinha colado o sorriso no rosto.

— Isso! — Arremessei a taça de champanhe na cara dela e consegui desfazer o sorrisinho do seu rosto.

— SUA MALUCA! — Ela não acreditava no que eu havia feito. Ainda bem que a música alta e o burburinho abafavam os gritos histéricos dela.

— Você parecia com calor, resolvi te ajudar — ironizei.

— SUA VACA! — berrou e avançou nos meus cabelos, girando-me pelo corredor e nos fazendo bater nas paredes.

— Me solta! — gritei.

Ela nem me deu ouvidos. Enfiei as unhas no seu braço e ela me soltou gritando de dor.

— Sua estúpida! Não vê que ele só está te usando? Todos sabem que você é rica! — Nem havia notado que paramos justamente na porta do meu quarto, que se abriu revelando um Jake que nos encarava sem entender a situação. — Divirtam-se! — Priscila escapuliu, deixando-me a sós com Jacob, que me puxou para dentro do quarto.

CAPÍTULO 12

— Vocês estavam brigando? — questionou olhando meu cabelo bagunçado.

— Sou eu quem faz as perguntas aqui — retruquei e me virei para encará-lo. Eu estava totalmente magoada e nem sabia explicar o porquê. — Você contou para ela? Que isso... — Apontei para nós. — Nunca existiu?

— O quê? Do que você está falando? — Ele me olhou desconfiado e eu titubeei com a reação dele.

— Ela sabia que não temos nada, que é tudo fachada. — Continuei o encarando e meus olhos se encheram d'água. Querendo, ou não, ela não mentiu. — Quer saber, pra mim chega! Chega de mentiras, chega de histórias — falei furiosa. — Eu sou uma farsa completa.

Praticamente saí correndo do quarto e desci as escadas de cabeça baixa, para que ninguém pudesse ver uma lágrima idiota que insistiu em cair. *Preciso de ar fresco, preciso pensar em como contar aos meus pais, para todos, que eu sou uma piada.*

Saí da casa pelos fundos e tirei meus saltos.

— BIANCA!! — Ouvi um grito abafado e me virei. Jake.

— Sai de perto de mim. — Aumentei o passo quando vi ele começar a correr. Virei-me e arremessei meus sapatos na sua direção, fazendo-o se abaixar para desviar. Aproveitei para levantar o meu vestido e correr para longe.

— Caramba, Bianca, para com isso. Você simplesmente supõe as coisas, não me deixou explicar. — Senti sua voz mais próxima, mas continuei correndo. Dei mais alguns passos e ele me puxou pelo braço. — Você parece que gosta de me tirar do sério, não é? Joga na droga da minha cara que não temos nada, mas fica aí morrendo de ciúmes. — Ele estava com raiva.

— Você fica se esfregando na minha tia! — gritei, atraindo a atenção de quem estava por perto. — Não vê o quanto me machuca? Justo ela? — Uma lágrima escorreu, mas eu a sequei rapidamente.

— Como posso saber? — Olhou desesperado para mim, passando a mão pelos cabelos, frustrado. — Você não me dá nada. Se eu digo sim, você diz não. Se eu digo que gosto de você, você foge. Eu só posso pensar que você quer me deixar louco.

— Como se eu soubesse de algo, não é? Você nunca me disse nada.

— Você quer que eu seja mais explícito e direto? — Parou me olhando, incrédulo. — EU TE AMO , PORRA!

Fiquei plantada no lugar, estática, sem saber o que fazer ou como agir. Eu queria gritar de volta, mas a minha mente estava trabalhando a mil por hora. Eu precisava pensar e tudo que consegui fazer foi o que sempre fiz: fugir.

Virei as costas e andei às pressas até o estábulo e só conseguia pensar em sair dali. Peguei meu cavalo e sequer coloquei a sela. Dei o comando e Tornado galopou rápido para fora do estábulo.

Ouvi o barulho de um outro cavalo e olhei para trás. Jacob estava logo atrás de mim. Meu cabelo já estava totalmente despenteado e eu desviava das árvores. A lua iluminava pouco o lugar, o céu estava carregado e deixava a noite mais escura. Apertei minhas pernas em torno do dorso do Tornado,

fazendo-o correr ainda mais e entrar na trilha que eu queria.

Ouvi um barulho alto, seguido de um grito. Olhei para trás e entrei em desespero ao ver Jake rolar no chão e o cavalo disparar. Não consegui parar o Tornado, que parecia assustado com alguns relâmpagos no céu. Saltei dele em uma área com grama, tentando não me machucar.

Levantei-me limpando a grama que grudou no meu vestido e andei rapidamente até Jake. Ele estava imóvel no chão.

— Jake? Responde! — Chequei sua respiração e pulso. Normal. Procurei por algum ferimento e graças a Deus não encontrei. Cheguei perto de seu rosto. — Por favor, fala comigo! — choraminguei.

— Ai! — Ouvi seu gemido e o abracei. — Será que eu preciso fazer uma loucura para você se preocupar comigo? — Abriu os olhos e me encarou.

— Eu sempre me preocupei com você. — Ajudei-o a se levantar, e ele fez uma careta de dor no processo.

— Está com dor aonde? — perguntei rapidamente.

— Sinceramente? — questionou me olhando no fundo dos olhos e eu assenti. — A maior dor é aqui. — Colocou a mão em seu peito, na direção do coração.

— Jacob! Tem muitas coisas que você não sabe sobre mim, tenho meus receios e... — A chuva começou a cair, cortando a minha linha de raciocínio e nos pegando de surpresa. — Eu conheço um lugar aqui perto — avisei e peguei a trilha com ele atrás de mim.

Eu percebia que ele estava com dor enquanto caminhávamos o mais rápido que ele conseguia. Continuei pela trilha que eu já planejava seguir e

logo encontramos a clareira. A cabana ainda estava do mesmo jeito. Era pequena, usada apenas para guardar alguns materiais, mas serviria para nos proteger da chuva.

— Está com dor aonde? — perguntei assim que entramos e ele apontou para o quadril. — Depois é bom fazer um Raio-X para ver se foi só a pancada ou se tem algo mais — falei olhando o local rapidamente.

— Será que podemos deixar o modo médica desativado por um tempo? — Deu um sorrisinho.

— Eu só estou preocupada. — Cruzei os braços e me sentei no chão de madeira.

— Eu sei, mas quero que continue me contando de onde parou. — Sentou-se ao meu lado, escorando-se na parede.

—Vamos ser diretos aqui, então, não é? — perguntei suspirando.

— Eu acho que já fui bem direto minutos atrás. — Deu de ombros.

— Eu tenho muitos medos... — comecei. — Não sou uma mulher sonhadora que acredita em contos de fada, já tive decepções que fizeram com que eu me fechasse. O que aconteceu hoje com a Priscila foi como se eu estivesse alguns anos atrás e tudo fosse acontecer de novo. Eu a peguei com o meu namorado na época, e ela tentava fazer disso um hábito, até que eu não suportei mais.

— Por que não me disse isso?

— Eu não queria que soubesse. — Dei de ombros. — Mas acho que meu surto dessa vez foi diferente, e até ela percebeu. Eu nunca contei nada para meus pais sobre isso, por sermos parentes, mas acho que todos desconfiam, pelo jeito que nos tratamos. Não foi fácil perceber que você

derrubou todos os muros que eu ergui por tanto tempo no meu coração. E você fez isso de uma forma tão simples que chegou a ser desconcertante.

— Ei, olha pra mim — pediu. — Você acha que é fácil para mim também? O amor não é algo que você controla, ele te deixa insano e te leva a cometer loucuras. O seu silêncio de antes me destruiu, mas eu sabia que não estava sentindo sozinho. Tanto que subi naquele cavalo sem nunca ter feito isso na vida.

“O que eu quero dizer é que eu estou aqui, correndo o risco. E eu sei que você está percebendo que é inútil lutar contra isso. — Colocou a mão no meu tórax, sentindo meu coração quase saltando do peito. Seu olhar estava sério, porém, convicto, com um magnetismo que não me deixava desviar o olhar. — E essa história de fingirmos que estamos juntos... Bom, eu sempre soube que era real, estamos encenando para nós mesmos, porque já agimos como um casal.”

— Eu estou percebendo isso. Esse teatro foi totalmente ridículo. Eu estou ciente que estou apaixonada e isso estava tornando tudo mais difícil. Cada gesto seu me fazia duvidar. Eu já não conseguia diferenciar o que era real e isso deixou tudo mais complicado. Mas eu quero estar perto de você a cada momento do meu dia e não sei como lidar com isso.

“Gosto de ter tudo sob controle, você já deve ter notado, e esse sentimento vai contra toda a minha natureza e odeio isso. Odeio o fato de você ser tão paciente e... detesto não conseguir controlar o que sinto quando te vejo e... principalmente, odeio amar você — confidenciei atropelando algumas palavras e olhando em seus olhos. Ele abriu um pequeno sorriso e se aproximou, beijando-me. Retribuí imediatamente.”

— Essa foi a declaração mais controversa que já ouvi na minha vida, mas foi, com certeza, a melhor de todas — sussurrou.

— Quantas você já ouviu? — Dei um tapa de leve em seu braço e ele deu risada.

— Ciúmes? — brincou e dei uma cotovelada de leve em seu braço, arrancando uma leve risada. Comecei a ficar com frio. As roupas encharcadas não ajudavam e Jake percebeu. — É melhor tirarmos essas roupas molhadas — ponderou me encarando. Passei os olhos pelo contorno do seu corpo, a camisa grudada em sua pele me fez ter pensamentos nada conservadores. — O que foi? — perguntou com a voz baixa.

— Nada de mais, estou apenas tendo pensamentos impuros. — Minha voz estava carregada de luxúria. Ele percebeu isso.

— Eu realmente gostaria de realizar o que sua mente está pensando, mas acho que preciso de um incentivo. — Ele estava mais perto e um arrepio de antecipação percorreu o meu corpo.

— Um eu te amo resolveria esse problema? — indaguei lentamente e ele sorriu, concordando.

Jake fechou o espaço entre nós e mordeu levemente a minha orelha. Sua língua percorreu toda a extensão do meu pescoço até o meu ombro. Ele me ajudou a tirar o vestido e fiz o mesmo com suas roupas. Pegou sua camisa e a estendeu no chão, deitando-me em cima dela em seguida.

Suspirei quando me tocou inesperadamente e fechei os olhos totalmente extasiada. Ele começou com movimentos lentos, fazendo pausas torturantes, provocando-me.

— Jacob, seu cretino! Anda logo com isso. — Consegui dizer com certo esforço entre um suspiro e outro. Ele parou seu movimento, deixando-me com vontade de matá-lo. Fiz uma careta e ele me encarou sorrindo.

— Também te amo. — E não parou até eu gritar seu nome alto e bom som.

— Agora eu realmente te amo, Jacob! — falei sorrindo para ele.

— Me senti usado agora! — Fez uma cara de sofrimento. — Quer me usar todos os dias? — perguntou, pegando-me de surpresa.

— O que você quer dizer com isso? — Ergui uma sobrancelha em dúvida do que realmente tinha ouvido.

— Bianca Albuquerque, você quer namorar comigo? — Olhei para ele com medo de que estivesse maluca, mas acabei soltando um sorriso bobo. — Oficialmente dessa vez.

— Talvez eu queira. — Um vinco se formou entre suas sobrancelhas.

— Não existe *talvez* no meu vocabulário, vou entender como um grande sim, levando em conta o fato que você me ama.

Quando ele ficou tão confiante?

Levantei-me e me sentei no seu colo, enlaçando minhas pernas no seu quadril.

— Agora que entendeu a resposta, me faça sua. — Tomei sua boca em um beijo desesperado.

Eu amava aquele homem e já não sabia me controlar perto dele.

Ouvindo o leve barulho da chuva que não parava de cair lá fora, ele me fez dele e nada poderia nos tirar aquilo. A cabana, a viagem, nós dois juntos estariam gravados na minha memória para sempre.

Abri meus olhos e levei um susto ao tentar entender toda a situação que se passava. Jake gritava com um cara que estava parado na porta da cabana nos encarando. Especialmente a mim, e achei que Jake ia matar o coitado. Foi quando percebi que estava nua e corri para colocar o meu vestido enquanto os dois trocavam insultos.

— E quem é você? — Jake questionou e eu olhei para o rapaz. Meu coração quase saiu pela boca. Era Adam, meu ex-namorado.

— Bianca? — Adam não desviou seus olhos azuis de mim. Vi Jake querer falar alguma besteira e decidi intervir.

— Adam! Não sabia que ainda morava por aqui. — Não olhei para Jake, que tenho certeza que não estava entendendo nada.

— Bom, meu pai continua sendo o caseiro do lugar, eu estou passando uns tempos com ele. — Deu de ombros.

—Será que alguém pode me explicar? — Jacob alterou o tom de voz.

— Desculpe, sou Adam. Bianca e eu já fomos namorados.

Maravilha!

— E você me traiu com a minha tia — acusei.

— Achei que tivéssemos deixado isso para trás. — Desviou o olhar.

— Ótimo! Eu sou Jacob, namorado dela. — Jake se posicionou ao meu lado.

— É um prazer, cara. Querem ir até a minha casa? Trocar de roupa, essas coisas — sugeriu.

— Não é necessário! — falei. — Mas se tiver uma carona até a minha

casa... — Deixei no ar.

— Meu carro está aqui perto, deixo vocês lá.

Assenti e o seguimos. Era perceptível a carranca de Jacob, ele não conseguia esconder a raiva. Durante o curto caminho, Adam perguntou sobre mim e Jacob ficou em silêncio todo o tempo.

Assim que chegamos à casa, agradeci rapidamente e fui atrás de Jake, que saiu em disparada ao bater a porta do carro.

A casa tinha rastros da festa do dia anterior. A decoração no jardim estava um pouco molhada, mas, ainda assim, bonita. Entrei em casa e encontrei minha família no sofá. Assim que me viram, percebi o alívio. Estavam preocupados comigo.

— Bianca Albuquerque, quer nos matar do coração? — Minha mãe se aproximou, já me abraçando. — Por que sua roupa está assim? Pegou chuva? — Ela estava nervosa.

— Mãe, está tudo bem. Eu tô bem, só preciso de um banho quente, está bem? — Ela me encarou, pensando se me deixaria ir. Por fim, abriu espaço e eu subi as escadas rapidamente.

Encontrei Jacob fazendo as malas e franzi a testa.

— O que está fazendo?

— As malas! — respondeu secamente.

— Jacob Ferraço, estamos namorando há algumas horas e você não vai fazer isso comigo! — Cruzei os braços.

— Você não me disse que seu namoradinho morava aqui.

— O quê? — Encarei-o em choque. — Adam é meu *ex-namorado* e

eu não sabia que ele estava por perto.

— Ele não parava de te olhar — falou entredentes.

— Ele me traiu! Achei que tivesse sido clara. — Virei-me de costas.
— Vou tomar um banho. Quando decidir virar adulto de novo, a gente conversa.

Entrei no banheiro deixando o meu vestido caído no chão. Liguei a água quente e a deixei escorrer pelo meu corpo. Sorri ao relembrar a noite anterior. Ouvi o barulho do box sendo aberto, mas não me virei.

— Desculpa! — Jake me abraçou. Assenti. — Não sei o que deu em mim.

— Tudo bem!

O banho foi lento, com tempo para curtir o momento e lavar qualquer mágoa que o passado pudesse ter deixado.

— Você vai levar as minhas malas, né? — pedi enquanto terminava de secar meus cabelos.

— Você quer dizer o seu guarda-roupa? — Não deixou de provocar.

— Muito engraçado!

— Vamos de uma vez, mulher!

— Deixa de ser histérico. — Desliguei o secador e tentei me manter séria o máximo de tempo possível, mas acabei gargalhando. Uma batida na porta fez com que eu parasse.

— Já estão indo? — Minha mãe entrou no quarto. — Sumiram a festa toda e já vão? — Colocou as mãos na cintura.

— Mãe! Eu prometo que vou te visitar em breve. — Puxei-a para um abraço apertado.

— Hum, está certo, mas só vou aceitar porque não tem como segurar mesmo — resmungou.

— Pode deixar que eu vou cuidar direitinho da dona Bianca, viu? — Jake piscou.

— Ah, eu tenho certeza disso. — Deu risada e saiu do quarto.

— O que ela quis dizer com isso? — Jake sussurrou.

— É melhor não sabermos. — Sorri. — Vamos de uma vez.

Peguei duas das malas enquanto ele tentava carregar o resto. Fingi não ver uma mala rolar depois que cheguei ao fim das escadas. Abracei meus pais, me despedindo deles. A viagem foi melhor do que eu esperava, na verdade, eu não imaginava que poderia ser tão bom ir para lá novamente.

— Dessa vez eu vou dirigir, e não quero ouvir uma reclamação. Eu quero chegar em segurança.

— Sabe que o carro é meu, não sabe? — Encarei-o desafiando.

— Que tal ficar com o rádio? — propôs. Aceitei bufando e ele deu risada.

— Se você cometer um errinho, vai parar no carona! — Coloquei uma música e cruzei os braços.

— Você é tão má. Tão minha. — Sorri com o comentário.

CAPÍTULO 13

Eu estava exausta. Dormi metade do caminho e Jake me ajudou a levar as malas para o meu apartamento. Em seguida, pegou um táxi e foi direto para a delegacia, tinha algo de errado por lá. Aquilo devia estar um verdadeiro caos. Já eu, fui dormir, afinal teria uma prova pela manhã e precisava estar com a mente focada.

Eram quase nove horas quando acordei meio sonolenta com batidas na porta. Andei esbarrando pelos móveis até acordar de vez e atender.

Melanie nem falou nada, apenas invadiu meu apartamento e se jogou no sofá toda sorridente.

— Nossa! Que cara amassada, B.

— Eu quero é uma explicação para sua cara estar desse jeito, parece até que é parente do coringa — falei me sentando ao seu lado.

— Ah, que exagerada, Bianca. Eu estou feliz sim, e vou te contar. — Fez uma pausa dramática.

— Anda logo, Melanie, desembucha. — Ela riu do meu desespero.

A essa altura eu já estava muito bem acordada. *Será que ela não entende que não se pode aguçar a curiosidade dos outros sem terminar de contar as coisas? Faz parte da regra que eu acabei de criar.*

— Eu conheci um cara! — ela praticamente gritou. — E ele é tão incrível. — Eu só consegui rir da forma apaixonada que ela falava. Devia ser realmente *o cara*.

— Quando isso aconteceu? E por que só estou sabendo agora? — Fiz uma cara séria para ela, que parou de sorrir no mesmo instante.

— B, é que... — Não deixei que ela terminasse a frase e caí na risada na cara dela. — Sua vaca! Isso não se faz — resmungou me abraçando.

— Estava com saudades. — Soltei do seu abraço e fui até a cozinha buscar uns petiscos para comermos. Não sei ela, mas eu estava faminta.

— E você, hein, como foi a viagem com o policial gostosão? — Melanie discreta como sempre.

— Turbulenta — soltei, fazendo-a rir.

— Explica, Bianca.

— Lembra da Priscila? — Ela fez que sim com a cabeça. — Então, ficou me infernizando o tempo todo, não desgrudava do Jacob um minuto sequer. — Ela me encarou. — Sério, parecia um carrapato — concluí e ela deu uma risada alta.

— E você ficou com ciúmes?

— O quê? Hum... — Dei uma pausa constrangedora que só a fez rir ainda mais.

— Nem precisa responder.

— Vaca, deixa eu terminar de contar. — Levantei uma sobrancelha para ela, que tentou se recompor e assentiu com a cabeça. — Certo, eu estava conversando com Fernando, o decorador da festa da minha mãe, e Jake encarnou totalmente o homem das cavernas me carregando para casa — relatei e a ouvi suspirar. — Aí brigamos de novo.

— Que novidade!

Dei mais uma olhada para que ela se calasse e ela fez sinal de zíper na boca.

— Continuando, era a noite da festa e a Priscila saiu do quarto do Jake, foi o que pareceu ao menos, e me disse umas coisas e acabamos engalfinhadas. Fiquei muito louca. — Ela levantou uma sobrancelha. — Sério, mais do que eu sou. Entrei no quarto e saí de lá decidida a contar a todos a verdade, mas acabei não contando. Saí correndo pelo meio da festa e ele veio atrás.

— Meu Deus, espera eu ir buscar a pipoca, isso está parecendo novela mexicana. — Melanie me fez rir.

— Idiota — retruquei e ela mostrou a língua. — Aí ele se declarou — falei baixo.

— MEU DEUS, EU SABIA. — Ela saiu correndo pela sala, comemorando como se tivesse ganhado o ouro olímpico.

— Aí eu peguei meu cavalo e corri de lá. — Ela parou o que estava fazendo e se virou para mim. Andou lentamente até onde eu estava, com a cara fechada.

— Você está brincando comigo? Você não pode destruir a minha felicidade por você assim. — Jogou-se no sofá totalmente desolada.

— Deixa de ser dramática, que ainda não terminou. — Ela voltou a prestar atenção. — Ele veio atrás de mim e caiu do cavalo. Enfim, acabamos numa cabana e rolou.

— Rolou o quê? — Ela estava com os cotovelos apoiados nas pernas, totalmente concentrada no que eu dizia.

Dei de ombros, porque era óbvio o que eu estava dizendo, não era?

— Estou namorando! — falei de uma vez. Ela paralisou.

— Espera, você aceitou, assim? — Eu consegui deixar minha amiga realmente chocada.

— Também não foi assim, né?

— CADÊ A ALIANÇA? — Ela puxou minha mão à procura do anel.

— A gente estava no meio do mato, Mel, não tinha como ele me dar qualquer coisa, a não ser uma fita de capim amarrada no dedo.

Passamos horas conversando sobre mim, sobre ela e o tão estimado homem que a encantara, o que não era exatamente fácil, já que ela não se amarrava facilmente e enjoava muito fácil dos caras. Horas depois, ela voltou para casa com a promessa de voltar ainda naquela semana. Assim que ela saiu, deixei tudo como estava e voltei para a cama.

Acordei cedo, a ansiedade pela prova estava me matando. Troquei de roupa umas cinco vezes, no mínimo. Andei pelo apartamento tentando repassar as técnicas que aprendi e tudo parecia se misturar na minha cabeça.

Peguei meu celular em minha bolsa e mandei uma mensagem para o Jake, avisando que estaria fora quase o dia inteiro por conta da prova, que seria na cidade vizinha. Não esperei por sua resposta e saí.

A estrada não estava muito movimentada, o que me ajudou a refletir sobre tudo. O internato havia terminado, não do jeito que eu queria, mas era um ponto final. Se eu passasse na prova, teria que escolher o hospital com o melhor programa de cardiologia e, apesar dos pesares, gostaria de continuar onde estava.

Dei seta assim que avistei o local onde faria a prova. Eu esperava

realmente que Henrique e meus outros supervisores fizessem uma avaliação imparcial do meu desempenho durante o internato, do contrário, estaria bem ferrada.

Entrei pela porta giratória e dei de cara com alguns dos internos do hospital e muitos desconhecidos. Assinei o papel da minha inscrição na recepção e me sentei em uma das cadeiras disponíveis.

Fiquei mexendo nos pingentes da minha pulseira enquanto aguardava. Olhei diversas vezes para o relógio, mas ele parecia não querer ir mais rápido. Porém, graças a Deus, antes que eu tivesse um enfarto ou arrancado todos os pingentes da minha pulseira, a mulher nos chamou.

Coloquei todos os meus pertences em um saco plástico, que foi lacrado logo em seguida, deixando apenas duas canetas e uma garrafa d'água em cima da mesa. Respirei fundo assim que um dos organizadores distribuiu a pequena prova de cem questões.

Eu sou foda, eu vou me dar bem. Mentira, eu estou é ferrada.

Abri o caderno de questões e comecei. Aquilo levaria horas, e eu faria tudo com calma. Confesso que a primeira dezena de questões me tranquilizou, mas a partir daí tudo ficou meio nublado.

Não sei explicar o que estava acontecendo, fiquei em dúvida em muitas questões e tive que seguir meu instinto para que conseguisse sair daquela sala algum dia. Tomei toda a água e minha boca continuava seca. Eu sempre ficava nervosa nesse tipo de ocasião.

O aplicador da prova anunciou que faltavam menos de 30 minutos para o fim do horário permitido. Acelerei e comecei a passar as alternativas assinaladas para o cartão-resposta. Observei a sala esvaziar e sobrar apenas alguns desesperados, contando comigo, é claro. Depois de quase esgotar o

tempo, consegui entregar.

Peguei minhas coisas e no caminho para o banheiro tirei meu terninho, que já estava me fazendo suar, e coloquei o saco com as minhas coisas na bolsa. Lavei o rosto e me olhei no espelho. Eu estava um caco. Depois, saí do prédio em busca de um restaurante próximo para almoçar e felizmente encontrei um de comida italiana que eu amava. Escolhi a mesa e fiz o pedido.

Enquanto esperava, recoloquei a bateria do meu celular. Duas chamadas perdidas. Que merda, Jacob! Tentei ligar para ele que não atendeu e me deixou frustrada. O que ele queria? Não demorou muito tempo para eu sanar aquela dúvida. Meu celular logo começou a vibrar sobre a mesa.

— Alô? — Ouvi sua respiração pesada do outro lado da linha.

— *Aleluia, mulher!* — disse me fazendo rir.

— O que você quer? Eu avisei que estaria fora da cidade.

— *Eu sou seu namorado, quero saber de você, ué* — começou como quem não quer nada.

— Desembucha! — O garçom trouxe meu prato e serviu o suco.

— *Então, encontrei a Melanie.* — Ih, aí tem. — *Ela pode ter mencionado o seu local de prova.*

O quê?

— E? — Mexi na minha comida.

— *Eu posso estar em frente.* — Arregalei os olhos. Imediatamente virei meu olhar para a janela e o encontrei sorrindo com o telefone em mãos.

Seu olhar encontrou o meu e ele entrou no restaurante. O garçom o

trouxe até a minha mesa e eu não consegui conter um sorriso bobo.

— O que você está fazendo aqui? — questionei enquanto ele se sentava.

— É claro que eu não iria deixar de vir dar apoio à minha namorada num dia tão importante, não é? — Sorriu e abaixou o olhar para uma sacola parda, que eu nem tinha notado e retirou algo embrulhado de dentro. — Para te dar um ânimo. — Abri a embalagem e meu sorriso só aumentou.

— Chocolates? — Olhei para ele. — Você está seriamente na disputa de melhor namorado do ano.

— A gente tenta, né! — disse se gabando. — Agora me conta, como foi a prova? — Acenou para o garçom trazer o mesmo prato para ele.

— Para que falar de assuntos chatos? Vamos falar sobre como vou te agradecer hoje à noite — ressaltei.

— Maldita provocadora. — Sorriu afetado quando deslizei minha perna na sua por baixo da mesa.

— Você atravessou a cidade só para me desejar boa sorte, e ainda me trouxe chocolates. Realmente, se eu soubesse que você era tão bom nisso, teria te pedido em namoro antes — falei e aproveitei para dar uma garfada na comida. Ele caiu na risada.

— Está se aproveitando da situação, Srta. Albuquerque? — Ergueu uma sobrancelha.

— Por que eu faria isso? — Dei um leve gemido enquanto provava o molho. Ouvi um ruído de desaprovação.

— Maldita provocadora. — Ri com o comentário.

— Eu sempre pago pelos meus pecados. — Pisquei para ele. — Ah, já estava me esquecendo, você está intimado para a minha formatura no sábado. Alugue ou compre um terno bem bonito. — O garçom trouxe o prato pedido por ele e o serviu uma taça de água.

— Convidando desse jeito! — Sorriu e eu suspirei aliviada.

O almoço passou num piscar de olhos, mesmo querendo que o momento durasse muito mais. Jake pediu a conta e em seguida teve de ir embora. Eu abri a caixa com meus queridos chocolates e entrei novamente no prédio enquanto degustava aquelas delícias.

Avistei Elena em uma das cadeiras da recepção e me aproximei.

— E aí? Como foi na prova? — A cara dela não era das melhores, na verdade, parecia que ia vomitar a qualquer momento. Comi mais um chocolate e a olhei novamente, ela fez o que eu menos esperava: começou a chorar desesperadamente.

— Ei, ei, ei! O que foi? — Fiquei sem saber como reagir.

— Eu fui horrível! Eu sou um fiasco! — ela soltou em meio a um soluço e chamou a atenção de muitos olhares ao redor.

— Ela menstruou, tá legal? Já podem voltar a fazer o que quer que estavam fazendo — gritei para o pessoal que a encarava como se fosse um ET.

— Obrigada! — disse e me abraçou.

— Aqui, come um chocolate. — Dei um dos meus amores, que ela prontamente aceitou. Mas quem resiste a chocolate?

Ela estava começando a se acalmar, até um senhor bem-vestido aparecer para me chamar para a segunda parte da avaliação.

— Respira e não pira, ok? — Segui pelo corredor um pouco nervosa, porque agora a prova seria individual e oral.

Já na sala, encarei o senhor à minha frente, que não parecia nada amigável. Pediu meus dados e não deu um sorriso sequer. Já disse que não sei lidar com pessoas extremamente sérias? Ele começou a fazer uma pergunta atrás da outra, exigindo cada vez mais de mim. Eu respondi a maioria no automático, baseado em casos que presenciei no hospital, mas ele parecia realmente querer me testar ao extremo.

Não sabia se tinha me saído bem. O senhor mantinha a carranca no rosto, mesmo quando eu esperava um sorriso por achar que havia acertado.

— O resultado sai hoje à noite e você pode acompanhar o seu desempenho fazendo login no site. Obrigado, Srta. Albuquerque — concluiu simplesmente, sem dar nenhuma pista ou indício do meu desempenho.

Saí dali resignada e sem certeza nenhuma do futuro. Passei pela porta da frente do prédio sem olhar para trás. Eu estava ansiosa e precisava saber o resultado. Atravessei a rua e entrei no meu carro, dando partida logo em seguida.

CAPÍTULO 14

Da sacada do meu quarto, fiquei observando a cidade. O sol estava se pondo e os poucos raios de luz batiam por entre os prédios, deixando a visão do crepúsculo ainda mais bela. Talvez eu estivesse tentando me acalmar, numa tentativa falha de não surtar e, principalmente, parar de atualizar a cada segundo a página da prova em busca do resultado.

Fiquei bebendo meu café e navegando na internet, cheguei até a ler algumas notícias irrelevantes dos famosos como "Saiba como a Gio tem esse corpo sem dieta" ou "A franja do momento", notícias que não mudariam em nada a minha vida, mas que me distraíram naquele momento. Meu celular começou a vibrar insistentemente em cima da cama.

— Alô?

— *Oi, minha querida, como está?* — Sorri ao ouvir a voz da minha mãe.

— Ansiosa pelo resultado, mãe.

— *Tenho certeza que você se saiu bem, filha, esqueceu que é uma Albuquerque?*

— Isso não vai fazer diferença agora, mãe. — Meneei a cabeça imaginando uma conversa física com ela.

— *Como é? Você é Bianca Albuquerque, uma filha incrível, e a mais inteligente da família. Você sabe que até hoje eu acho que o seu irmão comprou o teste da OAB, né?* — Soltei uma gargalhada.

— Eu sabia que não era a única a pensar isso. — Ela riu do outro lado da linha.

— *Vamos manter isso entre nós.*

— É claro! — Atualizei o site despreocupadamente e dei um grito.

— *Bianca? Filha?*

— EU PASSEI. — Não consegui conter o grito e larguei tudo na cama, só carregando o celular e saí correndo pelo apartamento. Ouvi minha mãe rir do outro lado da linha.

— *E qual a novidade?* — Sorri com o comentário.

— Mãe, eu tenho que desligar. Tenho que ir a um lugar.

Tomei um banho rápido, coloquei uma lingerie vermelha que eu ainda nem tinha usado, um sobretudo preto por cima e saltos. Peguei minha bolsa e segui para o carro.

Estacionei o carro em frente à delegacia. Tudo que eu precisava era vê-lo. Entrei confiante e avistei a secretária simpática da outra vez.

— Boa noite, Jacob está? — Ela deu um sorrisinho.

— Ele está na sala do Sr. Lopez, mas pode esperar na sala dele.

Caminhei pelo corredor enquanto vários olhos se voltavam para mim. Entrei na sala do Jake, que estava muito mais organizada do que da última vez em que estive ali. Sentei-me em sua cadeira e fiquei mexendo nos apetrechos da mesa. Não tinha muita coisa pessoal, na verdade, só havia pilhas de documentos.

Virei a cadeira para a parede e abri o sobretudo. *Eu vou fazer uma*

bela surpresa para aquele cretino. Fiquei olhando as molduras da parede e já estava impaciente com a sua demora. Ouvi o trinco da porta se mover e sorri. Virei a cadeira devagar e gritei um "surpresa".

Eu estava numa posição nada confortável, mas que iria deixá-lo de cara no chão, só que eu não esperava encontrar a cena à minha frente.

—Uou! — Ouvi um dos policiais falar.

Merda. Mil vezes merda.

Jake me encarava chocado e eu fechei meu sobretudo prontamente. Ele veio, como planejado, mas o que não estava nos meus planos era ele vir acompanhado de dois policiais.

— AI, MEU DEUS! — gritei horrorizada e virei a cadeira. Ouvi risadas atrás de mim.

— Lopez, Santos, nos falamos depois. — Jake tinha um tom de voz nada agradável e fechei os olhos, esperando a bronca.

— Claro, chefe, vá se divertir!

Mil vezes merda. Como sou desastrada.

Ouvi a porta bater e o ruído cessar. Virei lentamente a cadeira e Jake estava parado me encarando com uma cara nada boa. Seus olhos estavam escuros, diferentes.

— Vermelho é definitivamente a sua cor — disse enquanto se aproximava. — Vou ter que mudar aqueles dois de unidade, não quero ouvi-los falando de você. — Ele estava perto. — Muito menos tendo bons sonhos com o que viram. — Muito perto. — Essa visão é somente minha, e eu lutei por ela.

— Toda sua. — Fechei a distância entre nós o beijando.

O beijo foi possessivo, com resquícios de raiva, o que deixava tudo ainda melhor. Abri meu sobretudo e ele me tirou da cadeira. Sem parar de me beijar, jogou tudo que havia na mesa no chão, fazendo um barulho alto, que foi ignorado por nós. Debruçou-me sobre a mesa e começou sua exploração em meu corpo.

— Você andou nua pelo meu departamento? — Ele parou abruptamente.

— O quê? — Arfei.

— Você andou desse jeito aqui? — gemeu. — Você quer realmente me matar.

— Ninguém viu nada, a não ser aqueles dois.

— Vamos para casa! Não quero dar a mais ninguém um pedaço seu para imaginação.

Como é?

— Você está se saindo um bundão, Jacob, mas um bundão gostoso. — Sorri me levantando.

— Não me provoque, que quando chegarmos ao meu apartamento, você vai me pagar por isso. — Suas pupilas estavam dilatadas, e ele sequer conseguia disfarçar. Fechou meu sobretudo e me estendeu a mão.

— Você sabe que eu adoro pagar o preço dessas provocações, não sabe? — Peguei a sua mão e saímos da delegacia ouvindo ao fundo alguns assobios, e aquilo o fez apertar mais a minha mão.

— Minha casa — falou assim que chegamos próximos ao meu carro.

— Te encontro lá. — Dei um selinho nele e entrei no carro.

Eu saí antes dele, mas o trânsito não me ajudou a chegar antes, vi ele passar ao lado do meu carro em sua moto e ainda acenar. Cretino.

Estacionei meu carro em frente ao prédio e caminhei até ele, que estava me esperando encostado em sua moto em uma posição totalmente tentadora. Mordi meu lábio inferior.

— Vamos? — propus, fazendo-o sorrir lascivo.

— Não precisa pedir duas vezes. — Seguimos até o elevador, que ainda bem que estava vazio. Encaramo-nos e em meio a um sorriso mútuo nos beijamos. Não tínhamos como nos conter.

— Eu passei no teste — contei, parando o beijo.

— Minha doutora... — Sorri com seu comentário e enlacei minhas pernas na sua cintura.

Eu ia beijá-lo novamente, mas as portas do elevador se abriram e dois engravatados nos encararam. Jake me colocou no chão devagar e saímos de fininho do elevador. Assim que as portas se fecharam, caímos na risada.

— Por que essas coisas só acontecem comigo? — perguntei e ele riu ainda mais.

— Acho que você tem um imã para esse tipo de coisa — constatou enquanto abria a porta do apartamento.

Entreí atrás dele, que procurava o interruptor para ligar a luz. Estava tudo escuro, porém, ouvimos alguns ruídos estranhos e paramos. Ele acendeu as luzes e procuramos o foco do barulho. Quando olhei a cena à minha frente, meu queixo foi dizer olá para o chão. Eu não sabia se ria ou se ficava chocada. Jake estava tendo o mesmo dilema, pelo visto.

Joaquim estava nu e tampou suas partes íntimas com uma almofada do sofá quando nos viu, mas esse não foi o meu choque, e sim quem estava só de lingerie ao seu lado.

— Melanie? — gritei.

Ela me olhava com os olhos arregalados e não sabia onde enfiar a cara.

— Por favor, me diga que eu estou tendo um pesadelo e que quando eu abrir meus olhos vocês não vão estar observando essa cena? — Tive que rir do desespero dela.

— A Bianca é a sua amiga? — Joaquim olhou para Melanie sem entender nada.

— Você está saindo com o irmão do meu namorado? — Ela não sabia a quem responder e olhava de mim para ele.

— Resumindo: Bianca é minha namorada, que é melhor amiga da Melanie, que está saindo com o meu irmão, que é um idiota e sentou com essa bunda branca e pelada no MEU sofá. — O desabafo do Jake me fez rir, e a Melanie me acompanhou, embora eu soubesse que era de nervoso.

— Maninho, eu só batizei ele, mas pode usar agora. — Puxou Melanie pelo corredor em direção do que eu imaginava que fosse o quarto dele. Olhei para Jake.

— Será que tem como piorar? — indaguei.

— Tia Bia! — Ouvi a voz da Isabella e me virei lentamente para ela. Jake começou a rir.

— Oi, Isa, o que você está fazendo acordada a essa hora? — Abaixei-me para ficar na sua altura.

— Tinha uns barulhos muito estranhos vindo daqui, você viu o que era? — A cara inocente dela ao me perguntar me fez engasgar e ter uma crise de tosse.

— Bella, era a TV que o tio esqueceu ligada, agora vai dormir — Jake falou enquanto tentava, sem sucesso, parar de rir da minha cara. Isa acenou positivamente com a cabeça e correu para o quarto.

— Obrigada pela ajuda — ironizei, devido à sua risada que não parava.

Ele não disse nada, apenas me pegou pela cintura e me encostou na parede, fazendo com que eu arfasse e entrelaçasse minhas pernas em sua cintura.

— Eu não esqueci a sua provocação — acusou.

— Graças a Deus — retruquei, beijando-o logo em seguida.

Seu celular começou a tocar, mas ele sequer deu atenção. Estávamos ocupados demais para qualquer coisa, para qualquer um.

CAPÍTULO 15

Acordei sentindo meu corpo junto ao dele. Sorri e continuei deitada, aproveitando a sensação. Olhei o relógio no criado-mudo ao lado da cama e dei um pulo. Tinha que ir para o hospital.

— O que foi? — Ouvi a voz rouca do Jake.

— Continua a dormir, amor. Eu tenho que ir. — Dei um selinho em sua boca, que sorriu ainda de olhos fechados. Fofo.

Levantei-me, coloquei meu sobretudo e saltos, e saí de fininho pelo corredor. Mas não fui só eu que tive a brilhante ideia. Dei de cara com a Melanie fechando a porta devagar, para não fazer barulho.

— Mel! — Ela se virou assustada para mim, colocando a mão no peito. — Fugindo?

— Droga, Bianca, que susto! — Suspirou. — Melhor que seja eu, né?

— É melhor não resistir aos homens dessa família, eu sou a prova viva de que quando colocam algo na cabeça, não há quem tire. E, olha, se você estiver na mente dele... sinto muito, amiga. — Pisquei para ela e fui em direção à saída.

Entrei no meu carro e dirigi até o hospital, ainda bem que tinha sempre uma roupa reserva no meu armário. Entrei pelo hall e cumprimentei a secretária. Subi pela escada, já que o elevador estava ocupado, como sempre. Troquei de roupa e encontrei Elena.

— Residentes? — questionei.

— Residentes, gênio da turma. — Ri da brincadeira dela. Ela também fora muito bem na prova.

— Você sabe que vamos ter nossos próprios internos agora, não é? — Ela me olhou arregalando os olhos.

— Não tinha pensado nisso... — Nem deu tempo de terminar de responder, o chefe apareceu.

— Bom, quero parabenizar os novos residentes, os que escolheram o programa deste hospital. Também quero dizer que nem todos foram bem, e que alguns vão ter que repetir o ano. — Olhou para além de mim, onde havia uma garota de cabeça baixa. — Enfim, eu separei cinco internos para cada um de vocês. Façam bom uso deles e principalmente os ensinem — dito isso, ele saiu pela porta do vestiário. Olhei ao redor e puxei Elena, teríamos que encarar os novatos.

A semana passou rapidamente, fiz plantão durante o dia e passei as noites com Jacob; ora na minha casa, ora na dele. Eu e Elena nos aproximamos bastante e discuti vários casos com ela. Nossos internos não eram de todo ruins. Um desmaiou quando viu o coração durante uma cirurgia, mas vamos fingir que nunca aconteceu.

Era sexta e eu tinha combinado com a Melanie para fazer a última prova do meu vestido. Estava tudo preparado, minha família e amigos confirmaram presença e, claro, Jake seria o meu par.

Olhei para o relógio umas oito vezes, sem brincadeira. Melanie não costumava ser pontual, mas ela estava se superando. Estava com o carro

estacionado em frente à casa dela e comecei a buzinar. Mas que diabos? Finalmente a donzela apareceu saindo às pressas e calçando os sapatos pelo caminho.

— Atrasada! — falei enquanto ela entrava no carro.

— Eu não me atraso, eu faço suspense. — Sorriu e eu revirei os olhos.

Acelerei o carro e abri nossos vidros, ligando a música alta. Estava louca para provar o meu vestido e ver se estava tudo certo com as medidas. O trânsito ajudou dessa vez, e em menos de 20 minutos chegamos ao ateliê.

Como sempre, fomos bem recebidas. Dona Lúcia foi buscar o meu vestido, que já estava ajustado de acordo com a prova que tinha feito no mês anterior. Ela o trouxe com o máximo de cuidado e Melanie me ajudou. Coloquei-o devagar, deixando o zíper traseiro para Mel fechar enquanto me olhava no espelho, apreciando o resultado. Ela puxou devagar o zíper e fez uma careta.

— O que foi, Melanie? — questionei sua demora.

— Não fecha, Bianca! — Olhei para ela pelo espelho, esperando uma explicação. — Dona Lúcia? — gritou e eu já entrei em alerta. A senhora chegou rápido e analisou a situação.

— Meu Deus, menina, vamos ter que abrir uma pence.

Espera aí, isso quer dizer que eu engordei?

— Você sabe, né, deve ter sido um erro na hora de medir. Eu estou com o mesmo peso — argumentei enquanto tirava o vestido.

— Claro, querida, deve ter sido isso — concordou sem graça.

— No mais, eu amei, ficou do jeito que eu queria. — Entreguei o

vestido a ela e puxei a Melanie comigo. — Vamos comer? — Olhei para ela.

— E depois fala que mediram errado! — soltou rindo.

— Mais uma para falar que eu engordei, não. — Levantei a mão, rindo. Eu não era preocupada com o meu peso, por exemplo, agora estava com uma vontade louca de comer massa e iria arrastar a Melanie comigo. — Vamos de comida italiana?

— Só se for agora! — Atravessamos a rua e na próxima quadra encontramos um restaurante ótimo.

Almoçamos e conversamos sobre tudo. Perguntei sobre o Joaquim e ela fez questão de desconversar. *Esses dois, não sei não*. Resolvi não pressionar e mudar o assunto, e isso foi fundamental para o nosso almoço correr tranquilamente. Depois de comermos muito, diga-se de passagem, resolvemos andar pelo shopping e fazer umas compras, já que meu plantão seria só à noite. Eu tinha conseguido trocar o turno para poder sair cedo no outro dia.

Melanie provou todo modelito que eu achava que iria ficar maravilhoso nela e ela se cansou. Fiz campanha para ela escolher um verde-esmeralda longo e que tinha uma superfenda na coxa esquerda, o que a deixaria fatal e com certeza mataria o pobre Joaquim do coração.

Depois de quase estourar meu cartão comprando sapatos e algumas roupas totalmente básicas, juro, a deixei em casa e fui para o meu apartamento. Precisava de um banho. Fazia um dia que não via Jacob e estava morrendo de saudades. Quando fiquei tão dependente?

CAPÍTULO 16

Passei por Henrique no corredor do sétimo andar do hospital e fiz questão de não olhar na cara dele, mesmo sentindo o seu olhar sobre mim. Minha turma de internos me seguia feito carrapatos em busca de um caso interessante para atendermos. Fiquei no pronto atendimento esperando algo interessante para ensinar a eles.

Atendi a alguns casos comuns e entediante de gripe e virose, até que as sirenes de várias ambulâncias anunciaram algo grande. Corri junto dos demais residentes e internos até a área em que os paramédicos nos entregavam os feridos.

— 19 anos, fratura exposta na tíbia e parada cardiorrespiratória — gritou um dos paramédicos e eu prontamente peguei o caso.

Continuei a massagem cardíaca que o paramédico estava fazendo para manter a jovem viva. Já dentro da sala de atendimento, gritei para um dos internos aplicar epinefrina e preparar o carrinho de parada. Pedi para o interno mais próximo pegar o meu bipe e chamar a doutora Santiago, chefe da cardiologia.

— Carrega em 200! — Tentei uma vez. Nada. — 300! — Os batimentos apareceram na tela e me deixaram aliviada. — Temos pulso. — Doutora Santiago entrou na sala, parabenizou-me e assumiu o caso, permitindo que eu a auxiliasse na cirurgia e meus internos puderam observar.

Depois desse caso, não tivemos outras grandes emoções durante a noite. Ainda tive um tempo de checar o celular e encontrar mensagens do

Jake.

“Saudades gata! J.” (22h46min)

“Só para constar, o homem da sua vida está aqui deitado no sofá (comprei outro) sozinho e esperando para te ver naquela lingerie vermelha. J.” (23h03min)

“Na verdade, não me importo de te ver fora dela também, só para constar. J.” (23h12min)

Sorri ao digitar uma resposta:

“Eu também estou sozinha, vestida de médica e salvando vidas, e aí? B.” (23h15min)

Não demorou para o meu celular apitar novamente.

“Estou imaginando coisas nada decentes nesse momento. J.”

“Queria estar aí, juro que não teria que ser nada decente. B.”

“Maldita provocadora! J.”

Já ia continuar a troca de mensagens, mas meu pager apitou, anunciando mais trabalho. *O que será que esses internos aprontaram?*

Eu estava acabada. O plantão noturno sempre me deixava assim, mas ser babá de cinco crianças perdidas me deixou exausta. Fizeram uma confusão nos exames de um paciente e disseram que o homem tinha um tumor no fígado em estágio terminal, e deram o diagnóstico de doença curada a uma mulher à beira da morte. Foi uma dor de cabeça tremenda arrumar a bagunça.

Já em casa, joguei-me na cama. Minha mente nem teve tempo de

pensar muito até pegar no sono. Não sei exatamente quanto tempo eu dormi, mas o sol bateu forte na minha janela fazendo com que raios de luz invadissem o quarto.

Olhei o relógio de parede com os olhos semicerrados. Duas horas da tarde. Meu Pai amado! Eu tinha tanta coisa para fazer: cabelo, maquiagem, vestido. Por que dormi tanto? Joguei as cobertas longe e corri para o banho. Fiz depilação, hidratação no cabelo e pele, enfim, passei quase uma hora debaixo do chuveiro.

Saí do box enrolada na toalha e caminhei pelo closet procurando uma roupa. A campainha tocou e eu fui do jeito que estava para atender a porta. De cara, eu só vi um enorme buquê de tulipas roxas que me fez sorrir imediatamente. Jake. Ele me entregou o buquê e eu não parava de olhar para as flores.

— Que foi? Não gostou? — Ele me olhou desconfiado.

— Se eu gostei? Eu amei. Já disse que te amo, hoje? — Sorri, puxando-o para dentro.

— Eu não posso ficar muito tempo, gata! — Olhei com uma cara triste para ele. — Ei, eu preciso estar na delegacia para estar a seu dispor hoje à noite. — Deu-me um selinho.

— A meu dispor? Gosto de como isso soa. — Sorri em seus lábios.

— Eu só passei para te desejar boa sorte, afinal, você vai ser a formanda mais linda. Eu tenho que sair cedo e me arrumar também, né?

— Isso, porque você fica muito sexy de terno. — Não queria largá-lo.

— Gata, não me tente, porque senão nós dois vamos estar ferrados e principalmente atrasados.

Deixei que ele fosse, mesmo não querendo. Não demorou muito tempo e a campainha tocou novamente. *Ué, será que esqueceu algo?* Abri a porta animada.

— Melanie! — Não contive a decepção e acabei rindo da cara que ela fez.

— É assim que recebe a sua amiga? Com esse desgosto? — Entrou e colocou a mão no peito, fingindo estar ofendida.

— Desculpa, achei que fosse o Jake de novo — justifiquei.

— Ok, está perdoada. Agora vai colocar uma roupa que temos que ir buscar seu vestido, passar no salão e ficarmos lindas. Não esquece de levar o sapato e tudo mais, porque vamos terminar em cima da hora. Já estou levando o meu vestido.

— Mel, você preocupada com compromissos? Está parecendo comigo. — Ri da cara dela e fui colocar uma roupa. Optei por um vestido florido e soltinho. Sequei meu cabelo com o secador, passei um batom e voltei para a sala. — Vamos? — chamei.

— Nossa, que rápida! — Deu um pulo do sofá. — Vamos.

Batendo perna pelo centro da cidade e vendo as vitrines que a Melanie não me deixava olhar direito, avistei um chaveiro e parei no lugar, fazendo com que ela trombasse em mim.

— Temos que ir a um lugar antes do ateliê — avisei.

— Você não vai às compras, Bianca. — Tentou ser rígida, sem sucesso.

Não disse nada e segui até o chaveiro, pedi uma cópia da chave do meu apartamento e Melanie me olhava chocada. Fingi não perceber o seu choque.

— Bianca Albuquerque, você está mesmo fazendo o que eu acho que está fazendo? — perguntou e me virei lentamente para ela.

— Sem comentários, Melanie.

— Eu vivi para ver o dia em que você vai dar a chave do seu apartamento para um homem. — Ela caiu na gargalhada.

— Idiota! — Ri do seu drama.

O homem não demorou a trazer uma cópia da chave do meu apartamento e eu puxei para fora dali uma Melanie que não tirava o sorriso do rosto. Caminhamos até o ateliê e pegamos o vestido. Paguei no cartão e fomos direto para o salão que havíamos marcado hora.

Aproveitei para tirar umas pontas finas do meu cabelo, fiz as unhas, uma maquiagem escura, que eu não usava muito, mas como era uma ocasião especial, decidi arriscar.

Olhei pra Melanie, que tinha pepinos nos olhos, e ri. Meu celular apitou na bolsa e eu levantei a mão pedindo uma pausa a Jeff, meu cabeleireiro, que estava pronto para ligar o secador novamente. Jake me ligando. Sorrindo, atendi:

— Jake!

— *Amor? Desculpa ligar em cima da hora, mas tive um imprevisto, acho que não vou conseguir chegar a tempo hoje à noite.* — Ele nem me deu tempo para falar nada e disparou as palavras rapidamente.

— Sério? — Não sei se consegui mascarar a tristeza na minha voz. —

Tudo bem — respondi no automático. Eu não esperava por isso e já tinha planejado tudo.

— *Mesmo? Eu queria muito ir, mas vou ficar preso na delegacia quase a noite toda, praticamente.*

— É seu trabalho, nós temos tempo. Depois pago a Melanie para fazer uma montagem nossa. — Tentei descontraír mesmo estando magoada. Melanie tirou os pepinos dos olhos e ficou me encarando, esperando uma explicação.

— *Tudo bem então, amor. Uma ótima formatura e não beba, por favor.* — Sorri diante da sua preocupação. — *O seu presente eu entrego quando nos virmos.* — Encerrou a ligação e eu fiquei encarando o telefone.

— Bianca? Tudo bem? — Melanie me encarava.

— Jake não vai poder ir hoje... Mas está tudo bem, pode continuar Jeff. — Ele ligou o secador novamente e assim não ouvi mais nada do que Mel falou.

Eu tinha que me concentrar. Minha família estaria presente em peso.

Deixei que ele terminasse meu cabelo, que foi preso em um coque alto, com alguns fios soltos nas laterais e sem muita ordem, o que o deixou lindo. Melanie deixou seus cabelos ruivos em ondas e fez uma maquiagem neutra, porém com um batom vermelho nos lábios.

Olhei para o relógio e já estava quase na hora de estarmos na cerimônia de colação. Peguei meu vestido e sapato, além da minha bolsa, e Melanie me seguiu até a sala privada do salão. Coloquei tudo com a ajuda dela e me olhei no espelho. Do jeito que eu imaginei. Melanie colocou seu vestido longo, que com certeza deixaria Joaquim de queixo caído.

— B, eu sei que você queria que ele fosse e... — Melanie começou.

— Estou pronta, vamos? — Mudei de assunto.

Chegando à universidade, fiquei procurando uma vaga para estacionar, já que o estacionamento estava lotado. Achei uma entre um caminhão e um Camaro, estacionei e saímos em disparada para o salão nobre. Melanie tentava acompanhar, mas o salto dela era alto demais. Encontrei a fila dos formandos e suspirei aliviada. Melanie entrou pela outra porta, desejando-me boa sorte.

O orientador me entregou a beca e comecei a ficar emocionada. Encontrei Elena um pouco à frente, que acenou empolgada. *Eu finalmente consegui.* Caminhamos em fila até o salão lotado e avistei minha família, que aplaudia de pé.

Sentei-me no lugar marcado e esperei o coordenador chamar os nomes e entregar os diplomas. Meu nome foi chamado. Levantei-me confiante e cumprimentei meus professores na bancada, sorrindo orgulhosa de mim mesma. Peguei meu diploma e vibrei apontando para os meus pais.

A cerimônia foi mais curta do que imaginava. Teve o juramento, o texto dos oradores da turma e o monólogo do nosso paraninfo. Em menos de duas horas estávamos livres e oficialmente formados. Cumprimentei meus colegas e segui com meus familiares e amigos até o salão de festas, que com certeza já estaria lotado.

O jantar passou rapidamente. Vovó Stella não perdeu uma piada e Melanie entrou na onda dela. Kate estava com a Diana no colo e Theo ao seu lado. Olhei para a cadeira vazia à minha frente.

Droga, Jacob! Há um mês eu sequer cogitaria isso ou ficaria triste por estar sozinha, mas agora eu só queria que estivesse aqui.

O apresentador não demorou a chamar todos os formandos para o centro da pista e entregou taças de champanhe, nos convidando a fazer um brinde e tirar fotos. Logo depois, anunciou a hora da valsa e imediatamente saí em busca do meu pai, que veio sorrindo e arrastado para o centro da pista de dança, já que era uma negação nesse quesito. Tentei evitar pisar nos seus pés, mas ele estava muito descoordenado e me fez rir. Pisei mais algumas vezes até conseguirmos manter o ritmo, mas mal deu tempo de dançarmos direito já que a música logo terminou.

— Agora, peguem seus pares para a dança com o convidado especial — anunciou o apresentador, animado.

Olhei para o meu pai e pedi para que avisasse Nick que eu o estava esperando. Era para ser o Jacob, mas como ele não estava. Esperei no meio da pista de dança e avistei Nicolas vindo até mim. Sorrindo, pegou a minha mão.

Observei os casais ao meu redor e as primeiras notas da segunda valsa soaram pelo salão. Nicolas me guiou tranquilamente, já que era o pé de valsa da família. Ri com os giros que ele me fez fazer, mas estranhei quando ele parou abruptamente. Olhei para ele, esperando uma explicação, já que todos continuavam normalmente. Ele apenas sorriu e olhou além de mim. Virei-me lentamente e não sei se entrei em choque, mas não conseguia me mexer. Olhei para trás, mas meu irmão já tinha sumido.

— Não achou mesmo que eu ia perder isso, não é? — Jake sorriu pegando a minha mão e me guiando na batida da música. Sorri para ele, mas eu queria socá-lo por me fazer passar por aquilo.

— Graças a Deus que não. — Segurei em seu ombro.

Nossos olhares estavam fixos um no outro enquanto dançávamos, e eu

não conseguia tirar o sorriso do rosto. Eu estava leve, parecia estar nas nuvens. A música logo entoou as últimas batidas e eu não conseguia desgrudar meu olhar do dele.

— Vem, vovó Stella quer te conhecer desde a festa da minha mãe. — Puxei ele até a minha mesa e todos se viraram.

— Ora se o meu cunhado não resolveu aparecer. — Nicolas se levantou, cumprimentando-o. — Ainda bem que veio. Bianca já estava insuportável e era nítida a razão.

Olhei indignada para o meu irmão.

— Depois a gente conversa, Nicolas — rebati, fulminando-o com os olhos e me virei para Vovó Stella. — Esse é o meu namorado, vó. — Ela se levantou e, ainda séria, ficou de frente para ele. Analisou-o por um tempo e todos ficaram em silêncio. Jake apertou a minha mão.

— Isso é que é homem, minha neta! — vovó soltou me fazendo rir e Jake voltou a respirar. — Se você largar, eu pego. — Todos da mesa caíram na risada.

— Sente-se, Jacob — pediu meu pai, arrastando uma cadeira. Jake olhou para Melanie, que tinha uma expressão engraçada no rosto enquanto o encarava.

— Então, antes de sentar, eu queria dar meu presente à Bianca, e queria que vocês estivessem presentes nessa hora.

Olhei para ele sem entender nada e vi Melanie bater palmas e olhar para o alto, soltando um aleluia sem som. *Essa deve ter bebido todas.* Foi quando vi Jake tirar uma caixinha de veludo do bolso do seu smoking.

— Bianca e eu passamos por muita coisa até chegar aqui, não foi nada

fácil fazer essa cabeça dura deixar de ser orgulhosa. — Fez uma pausa e olhou para a minha família. — Vocês devem saber melhor do que eu.

Ouvi risadas e tia Cris se pronunciou:

— Um mal de família, meu caro. — Todos riram.

— Enfim, já passou da hora de oficializarmos nosso relacionamento.

Abriu a caixinha e não conteve um gritinho surpreso e eufórico quando vi dois anéis. Um deles, era um solitário maravilhoso, com pedras incrustadas em quase toda a extensão do aro, a pedra maior, vista de frente, imitava uma coroa e o par combinava, porém era mais discreto. Pulei no pescoço dele e quase o fiz derrubar a caixa.

— ALELUIA, MEU DEUS! — Ouvi Melanie gritar e virar um copo de alguma bebida. Soltei-me de Jacob para fazermos a troca de alianças. *Meu Deus, nunca usei uma dessas.* Estendi minha mão e ele o colocou lentamente, fiz o mesmo e dei um selinho nele.

— Vocês são tão melosos, não quero nunca ter uma namorada — Theo comentou, fazendo todos rirem.

CAPÍTULO 17

Perto das cinco da manhã, Jake e eu fomos para o meu apartamento. Eu estava exausta da agitação da formatura.

— Espera aqui — falei assim que chegamos ao meu quarto. Ele já foi tirando sapato e afrouxando a gravata e se sentou na minha cama. Peguei a minha bolsa e a abri, tirando a pequena caixinha. — Sei que a formatura é minha, mas eu tenho uma coisa para você também. — Entreguei a ele.

— O que você está aprontando, hein? — questionou desconfiado, desfazendo o laço dourado. Quando tirou a chave do pacote, encarou-me sem entender nada.

— Sei que isso é um grande passo. Mas sinto que é a hora. É também uma prova de que confio em você. Essa chave é tanto do meu apartamento quanto do meu coração. — Ele me encarava tão profundamente, que eu já estava ficando sem graça. — Fala alguma coisa!

— Eu te amo, Bianca. Mais do que já amei qualquer pessoa. E não reclame se eu aparecer no meio da noite na sua cama — disse sorrindo.

— Eu não vou reclamar, pode ter certeza. — Cheguei perto dele.

— Agora, vem cá, que eu vou fazer o que quero fazer desde o início da noite: tirar esse vestido.

Ele se aproximou sutilmente de mim e me beijou suavemente. Desceu os beijos pelo meu pescoço e abriu o zíper do meu vestido lentamente. Cada parte do meu corpo que ia ficando exposta, ele ia cobrindo com beijos.

Quando estávamos somente pele com pele, ele me olhou nos olhos por um longo período.

— Quero que nunca esqueça que eu te amo, Bianca Albuquerque. Sempre vou te amar. — Senti uma sensação estranha ao ouvir suas palavras.

— Também amo você, Jake. Saiba que meu coração é seu — afirmei e o beijei com tudo de mim.

Fizemos amor lentamente, aproveitando cada momento, cada sensação, cada segundo que era só nosso. Depois de exaustos, deitei-me sobre seu peito nu e fiquei ouvindo seu coração até adormecer, sentindo sua mão acariciando meu cabelo.

Quando acordei, estava sozinha na cama. Sobre o travesseiro, havia um bilhete com a caligrafia toda desordenada que reconheci ser dele imediatamente.

“Amor,

Me chamaram na delegacia e precisei sair mais cedo para passar em casa e tomar um banho. Estava tão serena dormindo, que não quis te acordar. Bom trabalho hoje.

Te amo!

Beijos do seu Jake.”

Espreguiceei-me lentamente e me levantei. Tomei um banho rápido e coloquei uma calça jeans preta e uma blusa básica branca. Deixei meu cabelo solto e segui para a garagem para pegar o meu carro.

Cheguei rápido ao hospital, e estacionei entre duas vagas com certa

facilidade até. *Estou virando quase uma piloto de fórmula 1.* Sorri comigo mesma e segui para dentro. No vestiário, senti uma certa inquietação dos residentes e internos. Muitos cochichos e eu não estava entendendo nada. Avistei Elena perto do seu armário e caminhei até ela.

— O que está rolando? — perguntei baixinho. Ela ergueu a cabeça e olhou para os lados, garantindo que não seria ouvida.

— Parece que Henrique transmitiu herpes para a Cláudia, a enfermeira que fica no terceiro andar — sussurrou. — Mas eu não te disse nada, ok? — Assenti com a cabeça. — E tem mais, todos no hospital vão ter que passar por exame de sangue completo por conta disso.

— Você está brincando, certo? — Olhei para ela e sua expressão estava séria.

— Claro que não, eu já fiz o meu. — Ergueu a manga do braço direito. — Quarto andar, sala 430. Dra. Luiza está realizando os exames, o bom é que sai em pouco tempo.

Ela soltou a bomba e saiu da sala com o grupo de internos no seu encalço. *Sério que vou ter que fazer exames por causa do Henrique?* Era o fim.

Peguei o elevador até o quarto andar e vi um dos cirurgiões sair da sala sem olhar para o lado. *Meu Deus, será que Cláudia pegou o quadro de médicos inteiro?* Bati na porta e Dra. Luiza gritou um "entre". Pela expressão em seu rosto, ela não estava nada feliz em ter que aplicar os exames.

— Sente-se. — Apontou para uma cadeira.

— Isso é tão desnecessário — falei ao me sentar.

— Concordo, mas são ordens do Dr. Ricardo. — Deu de ombros e

aplicou a agulha no meu braço esquerdo, coletando o meu sangue.

Fiz o mais rápido possível e disparei pela porta. Meus internos deviam estar reclamando que não tínhamos casos. Fui direto ao pronto atendimento e tentei achar algo interessante, mas o máximo que encontrei foi uma mulher muito congestionada em busca de alívio para gripe. Suspirei de tédio.

Já estava quase me sentando quando avistei uma ambulância chegando. Corri com meus internos na minha cola, mas não consegui chegar na frente de Luan, novo residente do hospital, a quem eu já criei um pequeno ódio por ser totalmente rápido. Ele ainda passou por mim com o paciente e teve a audácia de me provocar piscando para mim. Droga!

Já eram quase oito horas da noite e eu estava entediada. Sentei-me em um dos corredores e meus internos me acompanharam.

— Nem uma apendicectomia? Inacreditável! — Júlia reclamou.

— Ah, teve aquele cara com palpitações — falei desanimada.

— Hoje não teve nem uma sutura sobrando — Carlos suspirou.

Ouvi meu pager apitar e todos se levantaram, ansiosos por um caso. Olhei o que estava escrito.

— Gente, é só a Dra. Ramos. — A expressão deles caiu de novo e eu tentava entender o que Luiza poderia querer comigo.

Peguei o elevador até o quarto andar, que estava bem movimentado; carrinhos de parada passando para um lado, residentes correndo para outro. Bati na sala dela e entrei.

— Me chamou, Dra.? — Fui me sentando na sua frente. Ela ajeitou seus óculos.

— Precisamos falar sobre os seus exames.

Que merda é essa?

— Eu não posso ter pegado herpes — defendi-me. — É totalmente impossível.

— Você não tem herpes, Dra. Albuquerque, mas você tem que dar uma pausa maior entre os plantões. Na sua condição, é importante beber muita água e comer nas horas certas. E eu sei que não anda fazendo nada disso — disparou a falar e eu não entendi nada.

— Como assim, *na minha condição?* — Franzi a testa.

— Espera, você não sabe? — Encarou-me pensativa. — Você está grávida, doutora.

Encarei-a congelada na cadeira. Grávida? Minha mente parecia trabalhar a mil por hora. *Como eu, sendo médica, não tinha percebido isso? Eu não tive enjoos, nenhum sinal claro. Que droga! Como vou contar isso para o Jacob? Será que ele quer ser pai?* As perguntas borbulhavam na minha mente. Pisquei várias vezes até sair do transe.

— Grávida? — Consegui me levantar. — Não é possível.

— Doutora, acalme-se. Aqui, beba um copo d'água. — Dra. Luiza se levantou para me entregar. — Desculpe dizer assim.

— Tudo bem, é que eu não estava preparada para uma notícia dessas.

— Olha, acho melhor você ir pra casa, descansar, dar uma espairecida. — Eu apenas assenti no automático. Levantei-me, peguei o papel

com o resultado e saí daquela sala e do hospital o mais rápido possível, sem olhar para trás.

— Melanie? Código vermelho — falei rapidamente assim que me sentei na sala do meu apartamento. Ela somente disse um "chego em dez minutos" e desligou.

Fiquei encarando o teto e pensando. *Eu? Grávida? Será que Jake vai ficar feliz? Nunca vou esquecer da Kate indo contar para o Nicolas toda feliz, incentivada por mim e voltar chorando com a recusa do meu irmão em aceitar o filho.* Ouvi batidas na porta e corri para abrir.

— Bianca? O que foi? — Ela entrou afobada e respirando com dificuldade. Colocou as mãos nos joelhos.

— Estou grávida! — soltei. Não fiz questão de fazer rodeios. Ela parecia em choque, encarou-me sem piscar e arregalou os olhos.

— Mas... como isso? — Finalmente conseguiu emitir uma palavra.

— Quer mesmo que eu te explique como isso funciona? Então, Jake e eu...

— Chega! Não preciso de detalhes — ela me cortou e fez cara de nojo. — Já contou para ele?

— Não, eu acabei de descobrir. — Sentei-me novamente.

— E por que não corre para o seu motoqueiro? — Abaixou-se na minha frente, questionando.

— Como será que ele vai reagir? — Olhei para ela, apreensiva.

— Sério? Bianca, aquele homem é louco por você, e é nítido isso. Só pelo fato de ele ter tido coragem de mexer com você, já merece um prêmio —

comentou e me fez sorrir. — Agora, anda, pega essa bolsa, esse exame e vai ser feliz.

— Desde quando você ficou tão madura? — perguntei e ela riu.

Levantei-me com a confiança que precisava. Deixei a Melanie no meu apartamento e fui pegar o meu carro. Dirigi pela cidade e parecia que os semáforos não estavam nada amigáveis. Eu só queria chegar ao apartamento de Jacob e fazer uma surpresa. Ele me falou que teve uma emergência na delegacia e ficamos sem nos falar o dia todo. Eu estava louca de saudades e com os hormônios à flor da pele.

Finalmente estacionei em frente ao condomínio e o porteiro me deixou subir sem ser anunciada. Peguei o elevador e esfreguei as minhas mãos, que suavam segurando aquele papel.

Em frente à porta do apartamento dele, andei de um lado a outro pensando em como dizer, criei o discurso um milhão de vezes na minha mente, até finalmente criar coragem e bater na porta.

Esperei e cheguei a pensar que não tinha ninguém em casa. Mas logo a porta se abriu, revelando uma morena alta e bem maquiada me encarando de cima a baixo. Não me intimidei e fiz o mesmo.

— Jake está? — perguntei e vi o resquício de um sorriso no rosto da mulher.

— Pode entrar. — Ela me deu passagem para entrar. Observei algumas malas na sala e franzi a testa.

— Alguém vai viajar? — questionei mais para mim mesma.

— Eu acabei de chegar — ela soltou. — Você quem é? — indagou me encarando.

— Sou a namorada do Jake. E você? — Devolvi no mesmo nível. Ela abaixou a cabeça, rindo.

— É sério isso? Desde quando Jacob fica com colegas? Como ele desceu o nível! — Fez uma pausa. — Eu sou a esposa dele .

Quando escutei o que ela disse, congelei, depois veio a gargalhada que me roubou até o ar. *Essa foi a maior piada que já ouvi na minha vida.* Ela estava calada, com cara de poucos amigos, me encarando de braços cruzados.

— Não pensou em nenhuma piada melhor? — perguntei assim que consegui parar de rir.

— Querida, Jacob pode ter esquecido do seu compromisso, mas eu vim lembrá-lo. — Abaixou-se e revirou em sua bolsa. — Aqui. — Peguei o papel e arregalei os olhos quando percebi ser uma certidão de casamento, e o nome do Jake estava bem nítido nela.

Olhei para a mulher sem acreditar. Ouvi passos e me virei para dar de cara com Jake saindo do banho e com a toalha enrolada em sua cintura. Ele arregalou os olhos quando me viu.

— Bianca? — Olhou além de mim. — Verônica? Como entrou aqui? — Ele parecia exasperado, o que me fez começar a pirar.

— Ora, pela porta. Esqueceu que eu tenho a chave?

Eu não acreditava no que estava ouvindo. Apoiei-me na parede. Aquela cena estava me dando náuseas.

— Você não é bem-vinda aqui, Verônica. — Ele foi firme, mas me fez olhá-lo.

— Jacob? Preciso ouvir de você. Eu confio em você. Me diga que não

é verdade. — O olhar de pesar em seu rosto foi tudo que eu precisava para saber.

Meus olhos se encheram d'água e eu não via mais nada em minha frente. Virei-me e saí daquele lugar o mais rápido possível. Bati a porta e apertei o botão do elevador incansáveis vezes, com os olhos embaçados. *Como fui tola a esse ponto? Eu sabia que era bom demais para ser verdade.* Ouvi passos atrás de mim.

— Bianca, eu posso explicar! — Virei-me e encarei Jake de toalha vindo em minha direção.

Percebi que o elevador não viria a tempo e corri pelas escadas, escutando os gritos dele atrás de mim. A essa altura, as lágrimas já desciam livremente. Fui enganada totalmente. Coloquei as mãos no meu cabelo em desespero e procurei meu carro, que eu já nem lembrava mais onde havia deixado. Jake pegou meu braço antes que eu pudesse sair do prédio. Ele segurava a toalha na cintura e tinha o olhar desesperado.

— Eu posso explicar — disse com a respiração acelerada.

— Só quero uma resposta: você é ou não casado com ela? — questionei olhando seus olhos, que formavam lágrimas não derramadas.

— Não faça isso, Bianca! — suplicou em um sussurro.

— É ou não é, Jacob? — exigi, torcendo para ouvir o impossível e não contendo as lágrimas que desciam livremente.

— Sim, mas... — Tentou argumentar o irremediável.

— Isso não tem explicação. O fato de você ter uma esposa e não ter sequer pensado em me contar, me deixando bancar a outra... Sinto muito se não consigo digerir isso.

Virei-me e comecei a caminhar. Ele ficou no lugar onde estava enquanto me observava entrar no carro e dar partida.

Quase dez minutos depois, eu olhava as ruas, mas não conseguia enxergar um palmo à minha frente e decidi encostar o carro. Apoiei as mãos e a cabeça no volante e chorei. Meu corpo já não aguentava mais. Gritei de raiva e frustração.

Olhei para minha bolsa no banco do passageiro e me lembrei do meu teste. Revirei a bolsa e joguei todos os meus itens no banco. Aquele maldito papel não estava. Merda! Tentei secar um pouco o meu rosto, mas as lágrimas não cessavam. Arranquei com o carro novamente, dessa vez só parando na garagem do meu prédio.

Subi lentamente até o meu apartamento e dei de cara com a escuridão. Melanie já não estava e eu já não queria companhia. O silêncio era o meu melhor amigo no momento, fechei a porta atrás de mim e me escorei na mesma. Escorreguei lentamente até o chão em um choro compulsivo, precisava botar tudo para fora.

Ele tem uma esposa... ela tem passe livre na vida dele, e eu não passo de uma diversão para livrá-lo do tédio. Como pude ser tola ao acreditar em meras palavras?

CAPÍTULO 18

Abracei os meus joelhos e joguei a minha bolsa para longe. Senti a porta tremer atrás de mim e levei um susto. Não queria ver ninguém.

— Eu sei que está aí, Bianca! — Jacob. — Temos que conversar. — Engoli em seco, mas não respondi. — Sei que está aí e vai me ouvir. — Continuei no lugar e fechei os olhos. — Você nunca foi e nem será a outra na minha vida. O fato daquele papel ou quem quer que seja dizer o contrário, não muda nada. Eu não aceito te perder. — Fez uma pausa. — Eu quero e vou te contar tudo, mas eu quero que olhe nos meus olhos para isso. Você... Está grávida. — Ouvi sua respiração profunda. — DROGA! — A porta voltou a tremer com o que pareceu um soco.

— Você mentiu pra mim. — Levantei-me com uma mão na porta e a cabeça apoiada nela. Meus olhos estavam totalmente inchados e não haveria gelo que pudesse amenizar isso.

— Eu ia te contar! Eu deveria ter contado, eu sei. — Ouvi o que parecia um soluço e meu coração se apertou. — Eu sei que está magoada, que não quer me ver na sua frente, mas saiba que não vou desistir de você... de vocês.

A cada palavra que ele pronunciava, mais eu tinha vontade de me esconder. Doía, e doía *pra* caralho ouvir a sua voz. Sabe quando dizem que o amor pode machucar? Eu sempre evitei pagar para ver, fugi como pude, mas não há para onde correr quando ele bate na sua porta.

— Não há nada pelo que lutar aqui, Jacob. Eu não vou te privar sobre

o bebê, mas não consigo olhar para você enquanto há outra exaltando um casamento que eu não fazia ideia que existia — sussurrei, mas tendo certeza que ele ouvia. Escutei um suspiro pesado.

— Bianca, te perder não é uma opção. — Observei-o pelo olho mágico com a mão apoiada na porta. E ele parecia saber que eu o via. — Hoje eu vou aceitar isso, mas amanhã é outro dia. E não vou parar até você me escutar e eu ter certeza de que você entendeu.

Vi-o suspirar e sumir das minhas vistas. Fiquei encarando a porta por mais algum tempo, sem conseguir colocar as ideias que borbulhavam na minha cabeça em ordem. Sentei novamente e peguei meu celular para mandar uma mensagem para Melanie. Eu tinha que falar com alguém.

Fiquei no mesmo lugar até Melanie chegar. Ela entrou toda animada, mas ficou parada no lugar quando eu a abracei soluçando.

— O que foi Bianca? — Seu tom de voz era preocupado. — Ele não negou o filho, né? Porque eu vou lá cortar o que ele tem entre as pernas. — Quase ri com o seu comentário.

— Não, nem cheguei a contar, mas ele descobriu mesmo assim. — Afastei-me dela, encarando-a. — Antes de tudo, eu encontrei a esposa dele no apartamento.

— Esposa? — Ela arregalou os olhos.

— Exatamente. Pode imaginar a minha cara, não é? — Sentei-me no sofá e ela se sentou ao meu lado.

— Não sei nem o que dizer. Como pode isso? — Ela olhava para os lados, tentando achar uma solução. — Vocês conversaram?

— Não, Mel, não consigo agora. Preciso digerir tudo isso. Acabei de

descobrir que estou grávida e o pai da criança é casado — suspirei.

— Que tal sorvete de chocolate? — Virei-me para encará-la. Ela soube a resposta pela minha expressão. — Me diz que você tem em casa.

— Sempre tenho meu estoque de emergência. — Sorri fraco.

Enquanto ela pegava o sorvete, liguei a TV e busquei um filme na Netflix. Ela se jogou ao meu lado e me entregou uma colher.

— Pode ser um amor para recordar? — pedi, olhando-a de lado.

— Se você gosta de sofrer ainda mais, vamos lá! — Sorriu.

Dei play no filme e já comecei a chorar quando o casal principal se conheceu. Melanie me abraçou. Não sei quanto tempo se passou, mas vimos todos os meus filmes favoritos para chorar e acabamos com o meu estoque de chocolates. Nem percebi o momento em que peguei no sono.

Acordei toda torta no sofá, com a TV ainda ligada e a Melanie dormindo no chão. Meu rosto tinha a marca da almofada e estava inchado. Levantei-me tropeçando no tapete da sala e olhei o relógio.

— MELANIE! — Dei um grito fazendo com que ela levantasse rapidamente e batesse a cabeça na mesinha de centro.

— Merda! — gemeu ainda sonolenta. — O que foi? — Olhou para mim.

— Tenho que ir trabalhar! — exclamei já correndo para o quarto atrás de uma roupa.

— E por que me acordou mesmo? — Ela estava indignada e andava atrás de mim.

— Preciso de ajuda com meu rosto. — Virei-me para ela. — Não posso chegar ao hospital desse jeito.

Troquei de roupa rápido. Ela pegou uma bolsa de gelo e colocou sobre os meus olhos por alguns minutos, depois passou corretivo e base para tentar encobrir a cara de choro.

— Acho que dá para fingir que teve uma noite ruim. — Sorriu.

Peguei minha bolsa e descemos até a garagem. Dei uma carona para Melanie até a casa dela e segui para o hospital. O trânsito estava tranquilo e eu tentava manter o foco. Estava escutando uma música e ouvi um barulho se sobrepor a ela. Estranhei e olhei pelo retrovisor. Não era possível que eu tinha tanta sorte. A polícia estava na minha cola e eu tive que encostar o carro. *O que eu fiz agora?* Vi um homem sair da viatura e suspirei quando ele se escorou na minha janela.

— Bom dia, senhorita! Habilitação e documentos do veículo. — O oficial ajeitou seus óculos escuros. Franzi a testa, mas acabei pegando os documentos na minha bolsa.

— Posso saber por que estou sendo parada? — questionei assim que entreguei os documentos.

— Blitz de rotina — murmurou. — Temos um problema aqui. — Virei-me bruscamente.

Isso não está acontecendo.

— Que tipo de problema? Eu estava dentro da velocidade permitida e tenho todos os documentos — defendi-me.

— Sua habilitação está vencida. Pode me acompanhar até a delegacia? — Ele permaneceu sério.

— Eu odeio a polícia. — Ele franziu a testa e eu fechei os olhos, percebendo que tinha falado em voz alta. Ah, droga! Eu precisava aprender a segurar a minha língua. — Digo, claro!

Ele assentiu e eu suspirei derrotada. Desci do meu carro e o segui até a viatura. Droga! Eu já estava atrasada, iria ter que acabar pegando o plantão da tarde desse jeito.

O policial entrou na viatura e acelerou o carro. Ele parecia me levar para o fim do mundo de tão longe e eu já estava irritada. Ele estacionou a viatura e encarei a fachada da delegacia.

— Não vou entrar aí — avisei, empacando no lugar de braços cruzados. Era a droga do departamento do Jacob. *Será que só existe essa delegacia na cidade?*

— Senhorita, se você se negar a entrar, será detida. — Olhei para o homem, semicerrando os olhos.

— É sério isso? Não vou e pronto. — Encostei-me no carro.

— Vire-se — ordenou já puxando as algemas e as colocando em mim. Praticamente me arrastou para dentro da delegacia e me levou direto para a sala do cretino.

— Você não pode me prender assim! É totalmente contra lei. Eu tenho direito a um telefonema.

Se tem algo que eu detesto é injustiça.

— Muito obrigado, oficial. — Ouvi a voz de Jacob e arregalei os olhos.

— Jacob, seu desgraçado! — gritei furiosa com ele. Jake olhou para o outro policial, que ria da situação.

— Sabe como é, né! São os hormônios da gravidez — explicou calmamente, deixando-me ainda mais furiosa.

— Tira essa droga de mim. — Apontei para as algemas e me virei.

— Não seja por isso. — Ele tirou as algemas.

— Jacob! Você não pode me manter aqui! — Ameacei passar por ele.

— Você vai me ouvir se eu te soltar? — Passou a chave na porta e se sentou em sua cadeira. Olhei para ele sem responder. — Foi o que eu pensei.

— Precisava me trazer até aqui? — bufei.

— Bianca, me escuta. Você precisa entender uma coisa, eu não queria te envolver. Verônica tecnicamente ainda é casada comigo, sim. Mas é uma história complicada. — Olhei novamente para ele. — Eu pedi o divórcio alguns meses atrás, mas isso só a trouxe até aqui.

— Ela não quis assinar o divórcio? — Fiquei curiosa.

— Não assinou e nem pretende. — Ele abaixou a cabeça. — Verônica é mãe de Isabella — soltou, fazendo-me arfar. Eu estava totalmente surpresa.

— Mas como ela pode ser sua esposa e ser mãe da Isabella ao mesmo tempo? Ela não tinha morrido no parto? — Eu estava confusa.

— Eu não queria ter que explicar a situação quando te falei isso. — Olhou para o alto. — Teve uma noite... — suspirou. — Em que Joaquim veio nos visitar. Verônica e eu estávamos casados há poucos meses e resolvemos dar uma festa. Vários amigos nossos estavam presentes e eu notei um olhar estranho de Verônica para Joaquim, e isso estava me deixando desconfiado. — Olhou para mim. — Enfim, bebemos demais e estávamos altos, mas Verônica não, ela se dizia contra o álcool. Naquela noite eu acabei dormindo no sofá quando o pessoal foi embora, porque sequer consegui subir

as escadas. Foi aí que tudo aconteceu.

— O que aconteceu? — Eu estava ficando afobada.

— Ela colocou algo na bebida dele, algo que o fez ficar totalmente fora de si. Ela se aproveitou da situação e de que eu estava desmaiado no sofá para passar a noite com ele. — Fiquei boquiaberta, olhando chocada para ele.

— Meu Deus! Mas por que não pediu o divórcio? Como descobriu?
— A raiva por ele ter mentido se esvaiu agora que compreendia a situação.

— Está vendo por que tinha que te falar pessoalmente? — Sorrii fraco. — Eu demorei um pouco para descobrir. Alguns meses depois, ela apareceu grávida de 10 semanas e eu estranhei o tempo, já que estávamos brigados a semana toda. Expus o que pensava a Joaquim, que me contou algo sobre aquela noite. Ela tinha tentado beijá-lo e ele recusou prontamente, estranhando a aproximação. Horas depois, ela apareceu pedindo desculpas, trazendo um copo de bebida como bandeira de paz. Foi aí que tudo mudou, ele se sentiu tonto e ela o ajudou a entrar no quarto. Ele quase não se lembra dessa noite a partir daí, mas você pode imaginar.

Fiquei com a boca aberta um bom tempo. *Como aquela vaca teve coragem de fazer isso com Jacob?*

— Pedi o DNA e ela ficou ofendida a ponto de ameaçar sair de casa. Foi aí que eu tive a certeza: ela não sabia quem era o pai. Depois de eu insistir muito, ela acabou aceitando a contragosto. E como eu imaginei, deu negativo. — Fez uma pausa me encarando.

— Jacob, eu sinto muito. — Eu queria abraçá-lo.

— Eu já superei. — Seus olhos não desgrudavam dos meus. — Senti pena do meu irmão, que teve o azar de ter uma filha com aquela louca.

— Eu também sinto. Mas como podem continuar casados até hoje? —
questionei. Eu precisava entender melhor aquela história.

— Eu quis expulsá-la de casa na época, tentei me divorciar. Mas ela
se negou. Prometeu deixar a guarda da criança para o meu irmão e sumir no
mundo. Mas isso se eu não pedisse o divórcio.

— E você pediu?

— Eu não podia continuar com isso tendo você em minha vida. Assim
que vi que estava apaixonado por você, eu entrei com o pedido. Mesmo
correndo o risco. Pensei que ela pudesse ter superado essa história e ter
encontrado alguém. Mas, como você mesma viu, ela não aceitou muito bem.
Ameaçou pedir a guarda de Isabella caso eu insistia no divórcio.

— Que vadia! — exclamei.

— Não vou dar ouvidos a ela. Se precisar brigar, eu vou brigar. Não
posso perder você. — Seu olhar transmitia determinação.

— Você sabe que ter me contado antes evitaria muita coisa —
ponderei.

— Eu sei, e me arrependo amargamente. — Puxou minha mão sobre a
mesa. — Pode imaginar a minha reação ao encontrar o seu teste de gravidez?
Você me fez o homem mais feliz do mundo. — Sorriu ternamente. — Tendo
você, eu posso enfrentar o mundo.

— Para de ser tão fofo? Fica difícil não te perdoar assim! — disse
enquanto sorria para ele.

— Isso quer dizer que... — Ele se levantou e deu a volta na mesa,
ficando na minha frente.

— Que não vou deixar ela atrapalhar a gente. Você tem a minha

confiança, meu amor, na verdade, o nosso. — Coloquei a mão na minha barriga.

— Vocês são meus, e nada vai poder tirá-los de mim. — Sorriu me puxando pela mão, fazendo com que eu ficasse de pé e me beijando em seguida.

— Eu preciso trabalhar! — sussurrei em seus lábios, fazendo-o suspirar. — Estou liberada, delegado? — brinquei.

— Talvez eu precise revistá-la. — Seu olhar era magnético, parecendo um ímã que puxava o meu. — Mas vou esperar para hoje à noite. Vou liberá-la por ser a doutora mais sexy e grávida dessa cidade. — Beijou-me novamente e abriu a porta em seguida. — É melhor você ir antes que eu mude de ideia.

Passei por ele jogando um beijinho e pegando os meus documentos no balcão da recepção.

CAPÍTULO 19

No vestiário do hospital, notei Elena me encarando pela visão periférica.

— Eu sei que está me encarando — soltei e olhei para ela.

— Bianca, é verdade? — Sorriu. Olhei sem entender. — Que está grávida? — Ergueu uma sobrancelha.

— Mas como é que você sabe? — perguntei espantada.

— Esse boato está correndo o hospital. — Fez uma careta. — Sinto muito.

— Tudo bem, eles precisam ter o que falar.

Fechei o meu armário e saí em busca do meu grupo de internos incompetentes.

— Doutora, que bom que veio! Teve um acidente com um ônibus e uma van com muitos feridos. Doutor Ricardo convocou todos — Júlia avisou e me levou com ela até o pronto atendimento.

Não demorou muito para as ambulâncias aparecerem. Perdi as contas de quantas pessoas entraram em macas. Corremos para atender o máximo possível e liberar os leitos o quanto antes. A maioria teve somente alguns cortes e arranhões, enquanto outros tiveram ferimentos maiores e poucos chegaram a precisar de cirurgia.

A tarde foi longa atendendo aos pacientes e eu precisei dar uma

pausa, estava com dor de cabeça e nas costas de tanto ficar em pé sem descansar.

Deitei-me em uma das camas de descanso e estava um pouco enjoada, ver aquele cara com as tripas para fora estando em jejum não me caiu bem. Decidi ligar para a minha mãe para contar a novidade.

— *Finalmente lembrou que tem mãe!* — Dramática como sempre. Dei risada.

— Desculpe a demora, mãe!

— *Acho bom mesmo reconhecer!* — ela disse e escutei meu pai ao fundo sussurrando algo.

— E como estão as coisas por aí? Papai anda tomando os remédios direitinho?

— *Eu o estou obrigando, como sempre!* — Pude sentir sua raiva e dei risada.

— Mãe, na verdade, eu liguei por outro motivo.

— *Ah! Não foi pra falar com a sua mãe e ver como estão as coisas?*
— Ela não deixava passar a chance de jogar uma indireta e eu estava tentando não rir.

— Também, mas eu tenho uma novidade!

— *Pois fale de uma vez!* — disse afobada.

— Você vai ser vovó! — Fui direta ao ponto. Ela demorou um pouco a responder.

— Por que o seu irmão não disse nada aqui? Deixe só quando eu encontrar com ele.

O quê?

— Mãe, não é a Kate que está grávida, sou eu! — Decidi ser mais explícita. A linha ficou muda.

— *O que foi mulher? Ficou pálida!* — meu pai falava ao fundo.

— Mãe? — chamei.

— *Bianca está grávida!* — Com certeza ela estava contando ao meu pai.

— *Eu pensei que isso não ia acontecer nunca!* — meu pai vibrou.

— *Vai ser uma menina!* — minha mãe comentou.

— *É menino! Mais um Albuquerque!* — meu pai rebateu e a ouvi mandando-o se calar. — *Está se alimentando direito? Marcou o ultrassom? Anota aí o número do doutor Lucas, ele vai ser seu obstetra* — disparou a falar e eu corri para pegar uma caneta e anotei no braço mesmo.

— Mãe? Relaxa, viu? Eu estou grávida, não doente. Eu juro que qualquer novidade eu te aviso.

— *Não sabe a alegria que é a nossa filhinha nos dar um neto.* — Mesmo não a vendo, sabia que estava sorrindo.

Despedi-me e desliguei o telefone. Levantei-me e passei no refeitório para comer alguma coisa. Estava há muito tempo sem ingerir nada. Sentei-me em uma das mesas e comecei a devorar o meu hambúrguer.

— Oi, Bianca! — Levei um susto quando Henrique se sentou à minha frente.

— O que quer, Henrique? — Não olhei para ele.

— Olha, eu sei que agi mal, como uma criança mimada, mas eu nunca

tinha perdido nada na vida. E achei que com você não seria diferente — justificou e eu finalmente o encarei. — Eu soube que está grávida e fico feliz por você. Tenho certeza que será uma mãe incrível. E aquele cara tem muita sorte.

— Isso era para ser um pedido de desculpas? — Ergui uma sobrancelha.

— Você sabe que sim, embora do meu jeito, é uma bandeira de paz. — Sorriu. — Eu já vou, tenho um paciente me esperando.

Ele saiu tão rápido quanto chegou, e eu fiquei encarando meu hambúrguer sem entender toda aquela situação inusitada. Aproveitei o momento para ligar para o doutor Lucas e marcar uma ultrassonografia. A princípio, ele só teria horário para a próxima semana, mas, quando ouviu meu nome, lembrou-se da minha mãe e me encaixou para o próximo dia ao meio-dia. Terminei meu lanche e fui dar alta a alguns pacientes.

Assim que cheguei a casa, fui tomar um banho quente e relaxar. Passei a mão pela minha barriga e senti um pequenino relevo. Tinha uma vida crescendo em mim. Sorri. Enquanto passava o condicionador no meu cabelo, lembrei-me que tinha que avisar a Jacob sobre o exame que faria.

Saí do banheiro e vesti uma calça jeans clara e uma blusa de alças finas preta. Sequei meu cabelo e passei um batom vermelho-cereja nos lábios. Peguei minha bolsa e saí do apartamento logo na sequência. Entrei no meu carro, liguei o som e segui pelas ruas cantarolando uma música qualquer que estava tocando.

Estacionei em frente ao apartamento do Jake e espantei as memórias da minha última visita. Peguei o elevador e assim que cheguei ao corredor, ouvi vozes alteradas e estranhei. Bati à porta e não demorou para Joaquim a abrir. Percebi que a discussão vinha dali e arregalei os olhos quando olhei Melanie e Jake discutindo. Na verdade, Melanie gritava sozinha.

— Seu bundão! Está achando que pode pegar as duas? Ah, mas a minha amiga não. — Segurei minha vontade de rir quando Jake encontrou meu olhar.

— Por que não pergunta a ela? — Apontou para mim. Melanie, ao se virar, dirigiu-me um olhar confuso.

— O que está fazendo aqui, amiga? — Andou até mim. — Pode deixar que eu estou colocando esse sem-vergonha no lugar dele.

— Mel... — comecei sorrindo. — Estamos bem. Ele me explicou a situação. — Ela arregalou os olhos e olhou de mim para Jake, que sorriu erguendo uma sobrancelha.

— Mas você já perdoou? — questionou me encarando. — Nem deu tempo para ele sofrer? — suspirou, fazendo todos rirem.

Isabella apareceu pulando no colo de Joaquim, que a colocou em seus ombros.

— Tia Bia, é verdade que você vai ter um bebê? — Olhou-me esperançosa.

— É sim, Isa, vai ser sua priminha ou priminho. — Sorri e ela saiu dos ombros do pai e correu na minha direção, abraçando-me e quase me fazendo cair.

A campainha soou e Joaquim suspirou.

— De novo? — Ri da sua cara e ele foi se arrastando atender.

Vi-o empalidecer e me aproximei para ver quem era.

— Você de novo? — Encarei Verônica que segurava sua bolsa no antebraço, com um sorriso irônico na cara. — Isa, vai para o quarto — ordenei, já prevendo a confusão.

— Eu que pergunto! Eu tentei entrar, mas vejo que trocaram a fechadura — disse passando por Joaquim, que ainda a encarava, catatônico. — Jacob, querido, vai mesmo insistir nesse divórcio? Recebi um aviso do meu advogado e se você continuar, vou pedir a guarda da garota.

— Verônica, eu não quero ter que te arrastar para fora. — Jake olhou firme para ela. — Eu quero você longe da minha vida, longe mim e de Isabella. Você pode até tentar, mas vamos lutar pela guarda dela.

— Querido, eu sei que você gosta de algo mais selvagem. — A desnecessária sorriu novamente.

— Acho que é você quem gosta de algo fora do comum, não acha? Que tal um “boa noite, cinderela”? — Seu lábio tremeu enquanto tentava manter o sorriso.

— Querida, você acha que é algo para o Jake? Ele vai logo descartá-la, notou que ele gosta das morenas? Ele apenas quis experimentar uma mais nova. Qual será a próxima? Uma estudante do ensino médio? — Desdenhou e eu já estava pronta para voar no pescoço dela.

— Ei, sua vadia, não fala assim com ela que ela não pode se estressar! — Melanie chegou ao meu lado.

— E você quem é? — Ergueu uma sobrancelha em deboche.

— Minha namorada! — Joaquim se pronunciou e notei pela reação da

minha amiga que ela foi pega de surpresa. Verônica começou a rir.

— Vocês dois só podem estar brincando? Quando vão perceber que é tempo jogado fora? — Olhou para mim e para Melanie.

— Você fala isso porque não segurou nenhum, não é mesmo? — rebati.

— E você acha que vai segurar? — ameaçou dando um passo na minha direção.

— Chega! Vai fazer mal para o bebê! — Melanie gritou fazendo com que Verônica paralisasse.

— Bebê? — Olhou para mim e pude ver raiva passar por seus olhos.

— Sai daqui, Verônica! — Jake a pegou pelo braço, tentando fazê-la sair.

— Será que o filho é mesmo seu, Jacob?

Foi a gota d'água! Quando dei por mim, Melanie já a tinha pegado pelos cabelos e as duas estavam engalfinhadas. Mel arrastou Verônica até a porta, que gritava pedindo ajuda. Corri para abrir a porta e parecia calculado, já que, assim que abri, Mel a jogou para fora, fazendo-a cair de bunda no chão e totalmente descabelada. Não contive a risada, que não passou despercebida.

— Vocês me pagam! — Levantou-se e começou a andar pelo corredor.

— Querida, eu não estou te devendo! — Melanie gritou.

Até estranhei a atitude de minha amiga. *Será que ela bebeu?* Parecia estar louca por uma briga. Todos voltaram para dentro e Jake suspirou.

— Que merda! Quando eu vou ter paz? — questionou cansado e se jogou no sofá.

— Ei, para com isso, você não tem culpa de nada — afirmei e o abracei.

— Olha, está ficando meloso demais para o meu gosto, vamos lá pra dentro, Mel? — Joaquim me fez rir e puxou a Melanie para o quarto.

— Faz tempo que não vejo meu irmão tão feliz — Jake comentou enquanto enrolava uma mecha do meu cabelo.

— Nunca vi Melanie tão envolvida com alguém — completei, sorrindo. — Ah, vim para isso e quase esqueço. Amanhã vou fazer o primeiro ultrassom. Marquei uma consulta e queria que fosse comigo, perto do meio-dia. — Olhei timidamente para ele.

— Está brincando? É claro que eu vou! Já dá para saber o sexo? — Ele estava tão empolgado, que me fez rir.

— Ainda não, amor, mas na próxima provavelmente. — Dei um selinho em sua boca.

— Tudo bem, mas logo temos que começar a comprar coisas, né? Roupas, enxoval e essas coisas. — Ele começou a falar e eu só o encarei, rindo da sua empolgação. — O quê? Sou prevenido.

— Te amo! — Encostei meus lábios aos seus.

— Eu amo vocês — falou com seus lábios grudados ao meus.

— Acho que vou dormir aqui — sugeri.

— Não pretendia deixá-la sair mesmo! — E me beijou, não deixando brechas para mais nenhum diálogo consistente naquela noite.

CAPÍTULO 20

Acordei com muita preguiça e sem vontade de me levantar. Abri meus olhos e percebi que estava no quarto dele. Jake estava deitado ao meu lado na cama, encarando-me com um sorriso leve nos lábios.

— Eu posso me acostumar com isso, sabe? — disse com a voz rouca de quem acordou há pouco. — Te observar dormir, tão linda.

— Para! — Puxei a coberta para o meu rosto. — Devo estar com a cara inchada e totalmente descabelada.

— Linda de qualquer jeito. — Levantou-se e colocou um shorts. — Vou pegar algo para comer, o que quer?

— Huum, quero melão! — Ele já ia começar a andar, mas se virou rapidamente.

— Melão? — Franziu a testa.

— Isso aí! — Minha boca já salivava só de imaginar a textura e o sabor.

— Espera, isso é desejo? — Arregalou os olhos. — Não sai daqui, vou ali no mercado comprar. — Comecei a rir do meu desespero colocando a camisa. Parou perto da porta. — Meu filho não vai nascer com cara de melão! — E saiu correndo.

Liguei a TV e fiquei assistindo enquanto esperava. Eu estava louca para comer a fruta, coisa que nunca me ocorreu. Geralmente tinha vontade de comer besteiras, não uma coisa saudável. Não deu cinco minutos e ouvi a

porta bater, e Jake chegar correndo com o melão na mão.

— Você fez pacto com o Flash para ser tão rápido? — Olhei rindo para ele.

— Tem um mercado aqui em frente — justificou . — Vou pegar uma faca. — Andou em direção à porta novamente.

— Será que pode me trazer o pote de sal? — Ele se virou em câmera lenta para mim com a expressão totalmente confusa. — Espera, eu vou até a cozinha, não vou conseguir cortar o melão aqui.

Levantei-me e passei por ele, que me seguiu até a cozinha. Peguei uma faca e o sal e me sentei em frente à bancada da cozinha. Jake se sentou no outro lado da bancada com uma expressão esquisita. Cortei uma fatia do melão e comecei a colocar sal.

— Isso parece uma delícia. — Olhei para ele.

— Eu acho que prefiro não comentar. — Comecei a comer e a sensação até que era boa.

Devorei quase o melão inteiro sob o olhar de Jake, que parecia não acreditar que eu estava comendo com tanto gosto essa mistura.

— Aleluia, mulher! Temos que ir até o consultório da sua obstetra daqui a pouco. — Olhei o relógio e apressei em arrumar tudo.

Estava satisfeita e tinha que voltar para casa para tomar banho e trocar de roupa.

Coloquei a roupa da noite anterior e peguei minha bolsa. Jake me acompanhou até o meu carro e seguiu comigo até o meu apartamento.

— Anda, mulher! — Jake gritou da sala enquanto eu passava batom.

— Está vendo como é bom esperar? — zombei.

— Vingativa! — Entrou no quarto, olhando-me pelo espelho.

— Calminha aí, estou pronta. — Peguei minha bolsa e sorri para ele.

Ele olhou para o alto, agradecendo, e me seguiu até meu carro. Jake queria dirigir, mas não deixei, e liguei o som para distrai-lo. A viagem foi tranquila, e ele até elogiou a forma como estava dirigindo.

Não entrei na contramão nenhuma vez, estava ficando profissional.

Estacionei em frente ao consultório e Jake e eu subimos as escadas devagar. As portas automáticas se abriram, revelando uma ampla recepção. Andamos até a recepcionista.

— Bom dia, tenho hora marcada ao meio-dia — informei.

— Bianca Albuquerque? — Olhou no computador. — Doutor Lucas já vai atendê-la. Podem se sentar, se quiserem.

Sentamo-nos nas poltronas e Jake me encarava desconfiado.

— O quê? — Procurei em minha blusa se tinha sujeira ou algo assim.

— É um médico? Homem? — A cara dele era impagável. — Não seria melhor uma mulher? — Não tive tempo de responder, Doutor Lucas veio me chamar para o exame. Entrei sorrindo e Jake veio emburrado atrás de mim.

— Sente-se, Srta. Albuquerque. — Doutor Lucas sorriu e, merda!, ele era novo demais, e senti Jake não gostando nada da situação. — Meu Deus, nem acreditei quando ouvi o sobrenome ontem ao marcar a consulta. Nossas mães ainda mantêm contato, e o meu pai fez o seu parto. — Começou a contar e eu não lembrava de nada.

— E agora você vai ser meu médico! — constatei. — Vai virar tradição passada de geração para geração.

— Sim, e é uma honra! Aposto que a sua mãe me indicou, minha mãe é uma puxa-saco e deve ter falado para ela — comentou, simpático.

— Hum... doutor? Será que podemos ir ao exame de uma vez? — Jake falou e eu me virei boquiaberta, dando uma cotovelada nele.

— Ah, claro! São casados? — questionou levantando e apontando a direção para que nós o seguíssemos.

— Ainda não! — Jake disse firme e me encarou. Sorri e me deitei na maca que o Dr. Lucas indicava.

— Levante a sua blusa, por favor — Doutor Lucas pediu.

— Será que não tem uma enfermeira para fazer o exame? — Jake questionou e eu olhei para a cara emburrada dele levantando uma sobrancelha. — Ok, continuem.

Lucas colocou gel na minha barriga e iniciou o exame. Passou por toda a extensão e eu senti uma sensação gelada. Olhei e vi que ele tinha um vinco na testa.

— Algum problema, doutor? — indaguei imediatamente, tentando levantar e olhar o monitor. Jake ficou ao meu lado.

— Ouça Bianca! — Comecei a ouvir o coração do bebê.

— Que sensação incrível! — Jacob comentou se aproximando.

— Espera, silêncio! — Concentrei-me na velocidade do batimento e como ele parecia ter um ritmo diferente. *Espera, não é possível!* — Caramba, Lucas, são gêmeos? — Praticamente gritei. Arregalei os olhos e me virei pra

Jake. Ele tinha paralisado, olhando para mim.

— Exatamente, Bianca, estava esperando você perceber. — Sorriu.

— Caramba, como eu sou bom de mira! — Jake comemorou. Lucas riu, e eu queria socar meu namorado por falar isso assim.

— Bom, você está de 13 semanas, e é bom se alimentar corretamente, beber muita água e não se esforçar demais, certo? Vou te passar algumas vitaminas e explicar como vai ser o pré-natal, apesar de você já saber. — Ouvimos as recomendações e Jake tinha um sorriso grudado no rosto.

— E ela pode... hum, você sabe... Aquilo! — Jake começou enquanto eu já me levantava da maca e queria que abrisse um buraco para me esconder.

— Jacob! Eu sou médica, esqueceu? — repreendi, fazendo Lucas nos encarar.

— Vocês dois são hilários! — comentou, rindo. — E respondendo à sua pergunta, sim, está liberado. — Sorriu cúmplice para Jake.

Sentamo-nos em frente à sua mesa e ele nos explicou tudo sobre o pré-natal. Eu já sabia como tudo correria, mas Jake ficou atento, ouvindo todas as explicações e já agendamos uma consulta para o próximo mês.

CAPÍTULO 21

Entramos no meu carro e eu ainda estava em choque. Dois bebês.

— Eu vou te matar se você falar para mais alguém que tem uma boa mira — ameacei enquanto dirigia até a delegacia.

— Você sabe que eu vou ter que me gabar, não é? — Piscou. — Geralmente, culpam a genética, mas não tenho ninguém na família que tenha tido essa sorte, então, só posso ser bom no que faço.

— Cretino! — Ri e estacionei na delegacia. — Bom trabalho. — Dei um selinho nele, que saiu logo em seguida.

Dei meia volta e segui para o hospital. Passei pelo hall cumprimentando quem via pela frente, estava muito feliz. Entrei no vestiário e estava vazio, coloquei meu uniforme e jaleco, e segui para o pronto atendimento. Avistei Elena e algumas internas encostadas no balcão da residente-chefe e estranhei.

— Ei, vocês! — Elas deram um pulo, fazendo-me rir. — O que estão aprontando?

— Que susto, Bianca! — Elena colocou a mão no peito. — Estamos admirando. — Olhei na direção em que elas suspiravam.

— Quem é aquele? — Observei um homem atendendo uma senhora.

— Dr. Marcelo, Neurocirurgião e mais novo dono do meu coração — Elena explicou e suspirou novamente.

— Vocês me matam de rir. — Sorri para ela.

— Ele me mata de amor! — Caí na gargalhada.

— Bom, eu tenho uma novidade para contar. — Todas viraram a cabeça e consegui a atenção delas. — Estou grávida de gêmeos! — contei empolgada.

— Oh, meu Deus! Parabéns, amiga! — Elena me abraçou. — Que mira do Jake, hein! — Ela me soltou e me olhou com malícia.

Ah, não, mais uma para falar sobre a mira dele!

— Nem venha com piadinhas, dona Elena — adverti, segurando o riso. — Agora eu vou trabalhar, porque meus internos já estão me encarando.

— Espera, Bianca! — Elena me chamou. — Será que você pode me emprestar seu carro? Eu juro que é rapidinho, eu vim de táxi hoje e preciso ir no correio antes que feche. — Piscou os olhos como uma criança pedindo um doce.

— É claro que eu empresto! Só cuida do meu bebê! — alertei e entreguei a chave a ela. Dei um último abraço e comecei a procurar pacientes para atender.

Meus internos me seguiam como uma sombra e eu acabei ajudando doutor Ricardo e outros cirurgiões a fazerem um transplante de coração. Meus internos ficaram na sala superior, de onde podiam assistir tudo. A cirurgia ia ser longa, levei algumas boas horas lá dentro, até pedir uma pausa para o doutor Ricardo e ir até o refeitório tomar uma água. Encostei na bomba de água quando resolvi pegar o meu celular. Dezesete chamadas perdidas do Jake. Que merda aconteceu? Larguei a água e fui em direção ao hall do hospital quando avistei Jake gritando na recepção desesperado.

— Jake? — Franzi a testa. Ele se virou em câmera lenta e seu olhar parou no meu. Sua fisionomia estava caída, seu olhar parecia que estava prestes a chorar. Ele saiu em disparada e me abraçou, erguendo-me do chão.

— Deus! Graças a Deus! — Ele me abraçou apertado e eu não estava entendendo nada. — Achei que tinha te perdido. — Senti-o chorar no meu cabelo. — Por que não atendeu ao telefone?

— Eu estava em cirurgia! — expliquei, afastando-me dele. — Agora me explica essa história. Por que eu não estaria bem?

— Você emprestou seu carro? — Estranhei a pergunta.

— Emprestei à Elena, por quê?

— Eu estava trabalhando, quando recebi uma ocorrência, mandei meus homens atenderem e liguei a TV para entender melhor a situação. Estava passando imagens de um acidente com uma vítima fatal. — Sua voz embargou. — Quando deram o número da placa e a descrição do motorista, eu pirei.

— Não! — Olhei para ele, em desespero.

— Tentei te ligar, mas só dava caixa postal. — Ele me olhou com pesar. — Meu mundo caiu naquele momento, imaginando que podia ser você, eu pensei que fosse...

— Elena! — Levei a mão à boca, em choque. — Não, não e não. Ela não pode estar... Tem certeza? Por que não a trouxeram para cá para tratamento? Por que ninguém sabe de nada? — Comecei a tremer e não conseguia parar de falar. Ele segurou meus pulsos e me levou para um canto afastado.

— Bianca! — chamou a minha atenção. — Não tinha o que fazer! Ela

saiu do carro antes de explodir, mas os ferimentos eram profundos demais, ela não resistiu. Não tinha mais o que ninguém pudesse fazer — falou baixo.

— NÃO! — Comecei a chorar compulsivamente e ele me abraçou. — Eu a matei — disse entre um soluço. — Se eu tivesse dito não, tudo seria diferente.

— Ei, não se culpe! Você não tem culpa! Estamos investigando o caso e temos que localizar a família da Elena, porque ninguém veio comunicar quem era. Só deram a descrição.

— Eu... — Não consegui terminar a frase porque senti meu corpo enfraquecer e tudo ficou preto.

Eu estava num campo, a grama era verde e o céu azul e límpido, usava um vestido branco longo e o vento batia em meu rosto. Comecei a andar e senti a presença de alguém. Virei-me e avistei Elena sorrindo para mim. Tentei chegar perto dela, mas quanto mais eu andava mais parecia me distanciar. Eu estava agoniada e ela se mantinha sorrindo. E só me sentia cada vez mais longe. Abri os olhos num rompante e me sentei na cama. Olhei ao redor meio afobada e percebi estar num quarto. Jake veio ao meu lado e me abraçou.

— Eu a vi, eu vi. — Chorei no seu ombro. — Eu desmaiei?

— Por algumas horas. — Afastou-me para que eu o olhasse. — E algumas coisas aconteceram nesse tempo. Conseguimos contatar a mãe da Elena, que mora no interior e está a caminho. Eu já tomei as providências cabíveis, acionei seu plano de saúde e já tenho o local do funeral e...

— Quero ir — interrompi e comecei a me levantar.

— Eu sei, e vou te levar. — Olhou-me com tristeza. — Mas não vou poder ficar, quero acompanhar a perícia do seu carro de perto. Até amanhã vai sair o resultado, pois pedi total prioridade. Eu vou descobrir o que houve. — Assenti e me levantei. Encontramos Doutor Ricardo no meio do corredor.

— Tio, Bianca vai ficar fora hoje e amanhã, tudo bem?

Tio? Olhei entre os dois sem entender.

— Tudo bem, meu querido, eu também vou passar lá. Vá descansar, Bianca, sei que foi um baque. — Sorriu prestativo. Assenti e seguimos até uma viatura da polícia.

Entrei calada e ele dirigiu até onde provavelmente seria o funeral. Ele até tentou puxar assunto, mas eu estava aérea, com uma sensação de que era para ser eu.

Jake estacionou o carro e não havia muitas pessoas no local. Era um salão até grande e já tinha algumas coroas chegando. Entrei a passos curtos e travei quando avistei o caixão. Jake colocou as mãos no meu ombro e eu segui até umas das cadeiras em frente.

— Qualquer coisa me liga, está bem? — Jake se abaixou na minha frente. — Não queria deixá-la, mas não posso ficar.

— Tudo bem, vai lá. Obrigada por tudo. — Abracei-o novamente e ele saiu do salão.

O caixão estava lacrado, o que me deixava mais angustiada. A imagem dela no sonho que eu tive, como estava feliz me deixou com o coração apertado. Sorri ao me recordar dos momentos que compartilhamos. Ela era sol, estava sempre sorrindo e iluminava tudo e todos ao redor.

Após virar a noite ali, eu estava com sono, mas nada me faria dormir. No meio da madrugada, Melanie aparecera para me dar apoio e permaneceu até de manhã. Havia poucas pessoas quando o dia amanheceu e começou a lotar quando começou a cerimônia. Sentei-me na primeira fila, e observei as pessoas entrarem, enquanto o padre dava início à missa. Observei uma senhora entrar aos prantos, amparada por um homem. Meus olhos se encheram de lágrimas. Era a mãe dela. Foi direto até o caixão e chorou copiosamente.

Passei o resto da missa enxugando as lágrimas. Cada palavra que era dita me fazia lembrar que era para ser eu. Assim que a missa terminou, alguns dos amigos próximos ergueram o caixão e o carregaram até o cemitério. Seguimos todos atrás, cantando em sua homenagem. Encontrei doutor Ricardo e quase todos os internos do hospital. Olhei para o lado e avistei Jake escorado na viatura, encarando-me.

Quando chegou perto do adeus final, eu não consegui. Virei-me e saí correndo de encontro ao Jake, que me recebeu de braços abertos e me abraçou apertado. Apenas fiquei ali por um tempo. Ele conseguiu se tornar meu porto seguro, e estar com ele me dava segurança.

Entrei no carro e ele seguiu sério. Arrancou com o carro e notei uma expressão esquisita em seu rosto.

— Que cara é essa? — questionei.

— Não é nada — respondeu sem me olhar.

— Eu te conheço, Jacob, pare de me esconder as coisas, sim? — Ele se virou para mim e sua expressão era sofrida.

— A perícia constatou que foi homicídio — falou baixo.

— O quê? Como? Quem ia querer matar a Elena? — Um estalo na minha cabeça me fez encará-lo. — Eu era o alvo — sussurrei, chocada.

— Sim. — Respirou profundamente. — Alguém sabotou os freios — informou e pude sentir sua raiva. — E eu vou descobrir quem fez isso. — Acelerou o carro.

Estacionou dentro do meu prédio e subimos em silêncio. Ele foi na minha frente e abriu a porta.

— Eu preciso dormir um pouco. — Olhei para ele e comecei a andar até o meu quarto.

— Antes que diga algo, não é uma opção. — Entrei no quarto sem entender. Liguei a luz e entendi tudo. Vi um conjunto de malas ao lado da porta do meu closet. Virei-me e dei de cara com Jake. — Se alguém quiser fazer algo contra vocês, vai ter que passar por mim, não vou sair daqui.

— Eu amo o fato se você cuidar da gente. — Sorri. — Não quero que saia, pode ficar o quanto quiser.

CAPÍTULO 22

A semana passou sem nenhuma surpresa. Jake me levou e buscou do trabalho e mesmo sem vontade, me obriguei a ir. Nenhum evento estranho aconteceu e eu também só parava em casa, ora conversava com Melanie, ora passava meu tempo com Jake. Evitei contar qualquer coisa sobre o ocorrido aos meus pais ou mesmo a Nicolas. Jake estava empenhado em conseguir o divórcio de Verônica, que deu entrada no pedido de guarda de Isabella e já tinha a primeira audiência marcada. Não falávamos do ocorrido, mas sei que ele pensava o mesmo que eu: Verônica tinha algo a ver com o atentado. Jake verificou as câmeras de segurança do hospital, mas encontrou a imagem de um homem em uma máscara de esqui mexendo no meu carro, sorrateiramente.

Era quinta à noite e eu estava esperando Melanie no apartamento enquanto assistia a um filme. Não demorou muito para ela aparecer.

— Trouxe comida! — gritou ao entrar.

— Italiana?

— É claro! — Sentou-se ao meu lado na sala. Colocou os pacotes de comida na mesinha da sala e me encarou. — Você deve estar com problemas, está assistindo filmes de ação. — Fez uma careta.

— Minha nova paixão, sabe, você devia ver como Jason Stathan é foda. Aprendi muitas táticas e golpes com ele. — Sorri e imitei um movimento de karatê, fazendo-a cair na risada.

— Você devia ver Karatê Kid, isso sim. — Sorriu e começou a abrir os pacotes. — Cadê o Jake?

— Ah, deve estar com o Joaquim, fazendo sabe-se lá o quê. Vamos aproveitar para ter a noite das meninas.

— Claro, agora coloca uma comédia, pelo amor de Deus.

Escolhi uma comédia e rimos muito enquanto devoramos tudo que havia nos pacotes. Chegamos a ver mais um filme e eu já estava com os olhos embaçados de cansaço.

— Sabe, você também acha que foi ela, não? — Melanie começou do nada.

— É melhor não entrarmos nesse assunto.

— É a única que faria algo assim com você. — Ela me encarou. — E depois disso, não apareceu mais, apenas por meio de advogados.

— Falando nisso, tem uma audiência na semana que vem. E eu quero assisti-la perder — disse, revoltada.

— E ela vai. — Mel piscou. — Que tal fazermos como antigamente? — Olhei para ela, franzindo a testa. — Fazendo penteados, pintando unhas, ouvindo músicas e fazendo brincadeiras idiotas. Estamos precisando nos desligar.

— Vai ser incrível. — Sorri. — Vou pegar as coisas.

Peguei meu kit de esmaltes e coisas de cabelo e levei para a sala. Coloquei umas músicas na TV e foi incrível. Há tempos não passava uma noite tão leve. E ela tinha razão, eu estava precisando.

— Onde você estava? — Sentei-me na cama encarando Jake meio dormindo ao meu lado. — Não vi que horas chegou.

— Amor, eu estava preparando a defesa contra a Verônica — explicou meio sonolento. — Agora, deita, que a audiência é hoje às onze horas. Ela conseguiu adiantar.

— O quê? Como ela consegue manipular todo mundo assim? — questionei, indignada.

— Ela não vai conseguir manipular o juiz amanhã. — Ele apenas virou para o lado e voltou a dormir.

Levantei-me e andei sorrateiramente até o quarto de hóspedes. Melanie estava dormindo de boca aberta e esparramada na cama.

— Melanie? — Balancei seu corpo. Nada. — Melanie? — Fiz de novo e ela deu um pulo, quase batendo a cabeça na minha.

— Onde é o incêndio? — Esfregou os olhos.

— Nossa, super-sexy, Mel, tenta fazer uma dessas com Joaquim — provoqueei e a percebi mais lúcida me encarando.

— Meu Deus, Bianca, são seis e meia da madrugada! — choramingou olhando o relógio.

— Shiu! — Olhei séria para ela. — Preciso conversar.

— Já que me acordou, né, desembucha. — Deu espaço na cama para eu me sentar.

— Hoje vai ser a audiência de guarda da Isabella. — Ela arregalou os olhos. — Jake me disse que ele e Joaquim passaram a noite preparando toda a

defesa, já que de alguma maneira, ela conseguiu adiantar as coisas. Vamos estar na primeira fila vendo aquela vaca se ferrar. Aliás, Joaquim precisa de apoio. — Ergui uma sobrancelha, sorrindo para ela.

— Precisa? Não sei nada sobre isso. — Levantou-se e saiu do quarto, eu a segui e ela foi parar na cozinha. Pegou um café e se sentou. Fiquei calada, encarando-a, esperando uma resposta. — Desde aquela noite estranha, em que ele me apresentou como namorada para a Verônica, que ele praticamente sumiu. Quase não nos falamos, parece que está fugindo de mim. — Olhei boquiaberta para ela.

— Por que não me disse nada?

— Com tudo que você anda passando? Não iria te encher com meus problemas banais.

— E eu não te enchi sempre? Por favor, né? — Peguei meu celular que ficou jogado na sala ontem à noite e fiquei vendo minhas redes sociais.

— Ah, mas é diferente!

— Olha, eu acho que ele está estressado e se isso se resolver hoje, tudo vai voltar ao normal — defendi.

— É, talvez. — Ficou olhando para a xícara.

— Vou fazer um café para mim também. — Passei por ela e fiz o meu, sentando-me ao seu lado. Ficamos discutindo os mais variados assuntos para tentar esquecer do tema do momento: a maldita audiência.

Não demorou para o meu amado namorado aparecer na sala, somente de cueca, o que me fez tampar os olhos de Melanie com uma mão e apreciar a paisagem.

— Sabe, talvez dê para colocar uma nova criança nesse útero, Bianca,

não preciso ver nada para saber como estão se encarando. — Começamos a rir. — E é por isso, que vou para casa, me arrumar e encontro vocês na audiência. — Tirei minha mão, mas ela colocou a dela fingindo que não estava vendo nada e me matando de rir.

— Preparado para hoje? — perguntei assim que Melanie saiu.

— Tenho que estar, mas só de pensar que ela pode ter feito aquilo...

— Vamos fazer o seguinte, relaxar a mente, eu vou tomar um banho e trocar de roupa e nós vamos sair para tomar café e esquecer do mundo até chegar a hora de encarar a realidade — sugeri, recebendo o seu sorriso como resposta.

Entrei no meu quarto e fui tomar um banho. Coloquei uma calça social preta, uma blusa de alças finas e um terninho por cima, completando com um scarpin. Peguei minha bolsa e fiquei esperando a noiva ficar pronta.

— Jacob? Eu vou sem você! — gritei e não obtive resposta. — Tchau! — Andei até a porta, abri e a bati com força.

Não demorou muito para ouvir passos rápidos vindo do corredor e Jake vestindo um terno e me encarando.

— Belo truque! — declarou e eu não consegui evitar cair na risada. — Espertinha! — Dei de ombros.

Ouvi a campainha tocar e nos entreolhamos sem entender nada. Abri a porta e dei de cara com Joaquim e Isabella.

— Surpresa! — os dois disseram em uníssono.

— O que estão fazendo aqui? — Não consegui evitar a pergunta.

— Não tenho com quem deixar Isabella — disse enquanto entravam.

— Será que pode ficar com ela durante a audiência?

Não consegui conter a minha cara de decepção, eu estava louca para assistir a vaca perder.

— Claro! — Acabei me ouvindo dizer. Olhei pra Jake, que me olhava com um pedido de desculpas, mas agradecido.

— Maninho, Renato está nos esperando, parece que surgiu uma testemunha surpresa do lado dela, temos que rever a defesa.

— Testemunha surpresa? Ela está comprando a cidade? — Jake bufou.

— Já que eu não vou, você devia levar a Melanie, Joaquim! — Olhei para ele, que desviou de mim.

— Eu falo com ela mais tarde. Vamos, Jake?

Não acredito nisso. Andei até ele e aponte o dedo na sua cara.

— Olha aqui, Joaquim, se você sequer cogitar magoar a minha melhor amiga, eu corto algo que você preza muito. — Ele foi andando de costas até a parede enquanto eu avançava na sua direção. — Ela não sabe o porquê você está fugindo dela e seja o que for, descubra logo, antes que seja tarde — concluí.

— Jake? Vamos logo, antes que eu não esteja mais vivo. — Jake caiu na risada, mas acabou concordando. Andou até mim e me olhou.

— Você é a melhor pessoa que eu poderia ter encontrado, e eu já sou grato por você ter aparecido na minha vida. — Sorriu. — Eu te amo, Bianca Albuquerque. — E o beijei.

— Eu também te amo, Jacob Terraço! — Caiu na gargalhada e saiu

junto de Joaquim. Virei-me pra Isa. — Vamos ver um filme?

— Pode ser a Barbie? — perguntou animada. Ponderei.

Eu preciso agradar a criança, não é mesmo?

— Vamos à Barbie! — concordei. Ela comemorou já indo em direção ao sofá.

Tirei meu salto e me sentei ao seu lado. Coloquei o filme para rodar e até que não era ruim. Ela estava deslumbrada, ficou apaixonada pelo príncipe e disse que queria ser uma princesa. Assim que acabou o filme, ela quis ver outro e eu já estava com o estômago roncando, afinal, nem tinha tomado café. Levantei-me e fui pegar o telefone de um delivery que era super-rápido na entrega. Pedi uma pizza de calabresa e me sentei para ver o final do segundo filme. Olhei pra TV, mas tudo que consegui fazer foi pensar em Jake, em como estariam se saindo e em como eu queria estar lá. Ouvi o som da campainha tocar e fiquei animada com a rapidez da pizzeria. Abri a porta e arregalei meus olhos.

— Você?

CAPÍTULO 23

— Oi, querida! — Verônica entrou com uma arma apontada para mim, fazendo-me recuar alguns passos para trás.

— Verônica, abaixe essa arma. — Olhei para trás e Isabella ainda assistia TV, sem notar nada.

— Por que eu faria isso? — Riu, irônica. — Eu estou com você bem na palma da minha mão. Se bem que você nem deveria estar aqui, não é? — Deu uma gargalhada doentia.

— Verônica, você ainda pode viver sua vida, recomeçar, abaixe essa arma. — Olhei em seus olhos.

— PARA DE FALAR! — Dei um pulo com seu grito. — Você tá me irritando já.

— Quem é essa, tia Bia? — Isabella se levantou e veio para o meu lado.

— Vá para o seu quarto, Isabella!

— Você não vai a lugar nenhum — disse e abaixou-se para ficar na altura dela. — Sabia que eu sou sua mãe? — Começou a rir novamente, e isso já estava me deixando com medo.

— Verônica, ela é só uma criança, deixa ela fora disso — ponderei e ela olhou para mim.

— Ela é família, Bianca, ela tem que ficar.

Droga, o meu celular tinha ficado no sofá.

— Você não devia estar na audiência agora? — Tentei ganhar tempo.

— Audiência? Acha mesmo que eu quero essa fedelha? Eu devia ter feito um aborto. — Chegou perto de mim e sorriu. — Eu só queria te pegar sozinha.

— Foi você, não foi? Que sabotou o meu carro? — Criei coragem de perguntar.

— Aquilo? A culpa da sua amiguinha morrer foi toda sua, porque deveria ser você! — Ela tinha um sorriso dissimulado.

— Por que você está apontando uma arma pra minha tia? — Isabella gritou e começou a chorar. Mesmo com tão pouca idade, ela estava começando a entender tudo.

— Ainda bem que eu deixei você pirralha, está me dando nos nervos, e provavelmente já teria te jogado da janela. — Sua cara estava tomada de ódio. — Vamos dar uma voltinha! — Olhou para mim. — E você? Diga a seu pai e seu tio que eu mandei um beijo. — Sorriu para Isabella e me puxou para fora do apartamento em seguida.

Descemos pelas escadas com ela encostando a arma nas minhas costas. Droga! Cadê o Jake? Saímos do prédio e ela me fez entrar num carro prata que estava estacionado em frente ao prédio.

— Dirige! — ordenou, sentando-se no banco do passageiro e continuou apontando a arma para mim.

— Para onde? — Olhei para ela.

— Só dirige, garota! — Liguei o carro e entrei na rodovia. Ela foi me guiando para onde eu deveria ir sem tirar aquela merda apontada para mim.

— Você sabe, né? Não vai escapar dessa! — alertei sem encará-la.

— É mesmo? E do pequeno contratempo com o seu carro? Eu me safei, não é mesmo? Sabe por quê? Embora Jacob saiba que fui eu, ele não vai me prender — gabou-se.

— Você está louca, Verônica! — Meneei com a cabeça.

— Quem disse que você podia falar? — Encostou a arma na minha cabeça, me fazendo engolir em seco. — Vire à direita. Estou louca para estourar seus miolos, mas Jacob precisa assistir.

Fiquei em silêncio. Apenas dirigi e segui suas instruções. Saímos da cidade já fazia quase meia hora e eu não fazia ideia de para onde estávamos indo. Perdi as contas de quantas esquinas dobrei. Entrei em uma rua de cascalhos soltos que resvalavam no fundo do carro. Avistei ao fundo uma casa enorme, de dois andares, aparentemente abandonada.

— Estaciona ali. — Apontou para a garagem da casa.

Não questionei e estacionei. Ela saiu do carro gritando comigo e me fazendo entrar na casa. Observei o lugar e os móveis estavam empoeirados e pareciam que não eram utilizados há tempos.

— Onde estamos? — perguntei sem me virar para ela.

— Onde eu fui feliz um dia. — Ela parecia nostálgica. — Essa história começou aqui, nada mais justo que termine no mesmo lugar.

— Como assim? — Virei-me lentamente para ela.

— Você não está em posição de fazer perguntas, garota! Agora vem, reservei um lugar especial para você, um que é a sua cara. — Engoli em seco e andei. Paramos em frente à uma porta e encarei por um tempo com medo do que eu encontraria. — Está esperando o quê? Anda! — Empurrou o meu corpo, forçando-me a abrir a porta.

Observei o lugar e não tinha muito o que olhar, só havia uma cama e uma janela com grades. Fui empurrada novamente.

— Bem-vinda à suíte da casa, querida, aproveite bem a estadia. Logo você terá uma visitinha. E ele está louco para te ver! — Bateu a porta na minha cara e eu entrei em desespero.

Visita? Comecei a bater na porta e gritar.

— Verônica! Isso não vai te ajudar em nada, me deixa sair. Você vai acabar presa e sua vida vai estar arruinada.

— Queridinha, estou tentando fazer as unhas em paz, vou ter que cortar a sua língua? — Engoli em seco e me sentei na cama, resignada.

A essa altura, Jake já teria descoberto o que houve e devia estar me procurando. Suspirei. *Eu espero, porque não sei até onde Verônica é capaz de ir.*

Ouvi o que parecia ser uma batida de porta de carro. Entrei em alerta e tentei espiar pela janela, mas o ângulo não ajudava. Ouvi vozes no corredor, que sumiram de repente. A porta do quarto se abriu num rompante e dei de cara com Joaquim. *Jake me encontrou.* Suspirei aliviada. Corri até ele e o abracei.

— Graças a Deus, Joaquim, eu já estava ficando desesperada. Como me encontraram tão rápido? Ainda bem que chegaram, prenderam a Verônica? — Sorri aliviada. — Cadê o Jake? — Soltei-me dele e olhei além, mas não vi ninguém. Voltei meu olhar para o rosto dele que tinha um sorriso de lado.

— Sempre achei que você falava demais!

Espera, o quê? As palavras da Verônica voltaram à minha mente. Dei

alguns passos para trás sem acreditar, isso só podia ser uma brincadeira.

— Você? — Levei a mão à boca. — Não, não pode ser.

— Olha, eu já estava cansado de bancar o bom moço. — Sorriu e eu não conseguia acreditar. Ele começou a se aproximar e eu tentei me distanciar ainda sem saber o que pensar. — Você tinha que se meter no meu caminho? Arruinar meus planos? Isso não tinha que ser assim.

— Eu arruinei seus planos? Você é a merda de um traidor! — Não consegui conter a raiva. — Enganou a todos, e para quê? Inacreditável!

— Para quê? Jake sempre foi o menino de ouro da família, a empresa seria dele, caso ele não tivesse desistido. E me sobraria o quê? Migalhas! — Cada palavra que saía da boca dele me deixava mais chocada, a expressão de inveja que tomava seu rosto era de longe o Joaquim que eu conheci. — E agora você aparece para acabar com tudo que eu construí. — Apontou para mim. — Muito conveniente mesmo, e ainda grávida? — Começou a andar de um lado para outro enquanto falava. — Ele resolveu que quer simplesmente vender a parte dele na empresa, comprar uma casa, formar a merda de uma família feliz. Agora, me diz, como eu vou comprar sessenta por cento da empresa? É claro que alguém de fora vai comprar e eu vou ser chutado da presidência, como se não tivesse feito nada durante todos esses anos.

— Você é baixo, um traidor de merda — joguei em sua cara e ele parou de andar, postando-se na minha frente.

— Sabe, essa sua boca esperta sempre me atraiu. — Colocou a mão no lado esquerdo do meu rosto. Num reflexo, tirei sua mão e cuspi em seu rosto.

— Seu porco! — Tentei me afastar, mas um tapa forte me acertou em cheio, fazendo-me cambalear para trás e acabar caindo no chão.

— Sua vadia!

Coloquei a mão no meu rosto, controlando a minha raiva. Ouvi a porta ser aberta e pelos saltos percebi que era Verônica.

— Já conseguiu te tirar do sério, amor? — Os dois conversavam. — Mas controle-se, ela precisa estar inteira, ainda. — Ignorei a risada de ambos, que saíram do quarto em seguida, deixando-me sozinha novamente.

Merda, como Jake vai descobrir que quem está por trás de tudo é o próprio irmão? Andei até a janela e tentei forçar a barra de ferro, sem sucesso. Droga!

Não sei quanto tempo se passou, mas, pela janela, observei o dia virar noite e meu estômago não parava de dar sinal de que eu estava com fome. Deitei-me na cama dura e pequena e observei o teto. A porta se abriu, dando-me um susto e Verônica entrou deixando um prato do que parecia ser macarrão e um copo d'água.

— Aprecie o serviço de quarto, madame. — Sorriu. — Come logo, que daqui a uns minutos temos algo a fazer. — Fechou a porta, deixando-me sem resposta.

A minha vontade era de esperar ela voltar e jogar aquele prato na cabeça dela, mas a fome era maior. Corri até ali, peguei a colher e comecei a comer. Parecia que estava há uma semana sem saber o que era comida. Bebi a água e olhando aquele copo, algo insano me veio à mente. Quebrei o copo, peguei um dos cacos e o escondi debaixo do colchão. Verônica entrou no quarto em seguida e tentei disfarçar.

— Nem para comer, garota? Sua destrambelhada. — Tentei fazer uma expressão de desculpas e não irritar a doida. Ela saiu do quarto e pouco tempo depois apareceu com uma vassoura e jogou os cacos para fora.

— Podia aproveitar e voar nela — sussurrei. Era uma bruxa.

— O que disse? — perguntou raivosa.

— Eu? Nada. — Sentei-me na cama.

— Vamos brincar, princesinha? — Ouvi a voz de Joaquim e um arrepio percorreu minha espinha. Virei-me para encará-lo entrando no quarto e vi que carregava alguns apetrechos.

— Excelente momento, amor! — Só de ouvir esses dois já estava me dando ânsia de vômito.

Joaquim chegou perto de mim e puxou meus braços sem nenhuma delicadeza. Com uma corda, ele amarrou meus pulsos, que chegaram a doer de tão apertado. Em seguida, colou uma fita larga na minha boca, que me impedia de soltar até mesmo um grunhido. E eu não estava entendendo o motivo disso tudo. Olhei para a porta e Verônica trazia uma cadeira, encostou-a em uma das paredes de fundo branco do quarto e Joaquim me arrastou até ela. Encarei os dois, confusa.

— Cuidado com o tempo pra não te rastrearem — Joaquim a alertou, e minha mente já trabalhava nas possibilidades.

— Eu sei o que estou fazendo, está tudo dentro do programado. — Ela mexia no celular e logo em seguida o ergueu à sua frente. — Boa noite, Jacob, como está? — Solto um sorriso mais falso que nota de três reais.

— Cadê minha mulher, Verônica? O que você fez? — Ouvi a voz do Jake desesperada do outro lado da linha. Percebi que era uma chamada de vídeo assim que ela virou a câmera para mim e eu o vi. Estava acabado e com o olhar determinado, mas que caiu quando me viu. — EU VOU TE MATAR, VERÔNICA, SE ENCOSTAR NUM FIO DE CABELO DELA! — Ele

passou a mão pelos cabelos e Verônica puxou a câmera para ela novamente.

— Ué, não está gostando, meu amor? Ela nunca foi para você mesmo!
— Jake gritou algo que eu não consegui entender porque a risada dela encobriu. — Você vai sofrer, meu bem, vai sofrer quando eu não der notícias, e vai sofrer quando eu matar essa vadia e esse bastardo que ela carrega. — O olhar dela era duro e Joaquim ria sentado na cama.

— Se fizer algo a ela ou aos meus filhos, eu juro que... — Ele não conseguiu terminar a frase porque foi cortado.

— Espera, filhos? Tem mais de um? Isso só fica melhor!

— Eu vou te achar, Verônica, e dessa vez não vou descansar até que apodreça na cadeia.

— Boa sorte na sua tentativa inútil de nos achar, o tempo dela está contado meu bem, tic tac! — Ela piscou e desligou o celular, tirando a bateria e chip, e os quebrando em seguida.

— Você foi genial. — Joaquim correu até ela e a beijou. Fechei os olhos, não querendo observar a cena.

Quando abri os olhos, dei um grito de dor com a forma que a fita foi arrancada da minha pele. Verônica me desamarrou e saiu com Joaquim na sua cola, sussurrando formas de comemorar o plano bem-sucedido. Passei as mãos pelo meu pulso avermelhado e me joguei na cama, eu estava exausta, meu dia estava uma merda completa e não sabia se podia piorar. Remexi-me na cama e passei a mão pela minha barriga.

— A gente vai sair daqui, o pai de vocês vai vir nos buscar, eu sei disso — sussurrei para mim mesma e me virei novamente. Ouvi um leve barulho de chuva e sequer notei o momento em que adormeci.

CAPÍTULO 24

Minha pálpebras se forçaram a entrar em contato com a luz quando senti um peso em cima de mim. Tentei me debater desesperada com o contato e ouvi um "shhh". Já mais lúcida, encarei Joaquim em cima de mim, tentando beijar o meu pescoço e boca a todo custo.

— ME LARGA! — Senti o cheiro de bebida alcoólica em seu hálito.
— ME SOLTA, JOAQUIM!

— Shhh, você vai gostar, eu posso ser melhor que o meu irmão. — Ele era forte demais.

Tentei novamente sair de baixo dele e ele começou a tentar rasgar a minha blusa, deixando-me aflita. Corri a mão pela beirada do colchão e encontrei o pedaço de vidro que tinha guardado. Não pensei duas vezes, enfiei-o no braço dele com toda a minha força, fazendo-o gritar e se levantar de cima de mim. Aproveitei e acertei um chute bem no meio das suas pernas, que fez com ele caísse de joelhos, urrando de dor. Meio desorientada, corri para fora do quarto. Olhei de um lado para outro e não vi ninguém, então aproveitei e disparei para fora do maldito lugar.

A chuva bateu no meu rosto assim que cheguei na escadaria da frente da casa. Estava tudo muito escuro, mas eu corri. Corri como nunca. Entrei na mata fechada e olhava constantemente para trás, em dúvida se o Joaquim estava no meu encalço. Tropecei em alguma raiz de árvore e olhei um corte na minha perna, mas com a adrenalina, não senti nada. Fui o mais longe que pude e me encostei no tronco de uma árvore. Não sabia onde estava, muito

menos como voltar e para aumentar o meu desespero não tinha como pedir ajuda. Ouvi a voz do Joaquim ao longe.

— BIANCA? — A chuva não me deixava ter certeza de que estava realmente longe. — Eu não vou te fazer mal, confie em mim. — Olhei para os lados e não vi ninguém. Eu não vou voltar para lá. Agachei-me ali e tentei acalmar a minha respiração.

— Princesa, você foi uma menina muito má, eu vou ter que colocá-la na linha.

Parei de respirar. Senti a sua voz próxima demais, e espiei por um dos lados e constatei o que eu temia. Uma árvore me separava dele. Assim que ouvi barulhos de folhas e galhos se quebrando, me levantei em alerta. Quando notei que ele me acharia a qualquer segundo, peguei uma direção e corri, mas dessa vez ele estava na minha cola, e gritando horrores, aterrorizando-me. Olhei para trás e o vi muito perto, virei-me novamente, mas acabei escorregando numa área cheia de lama. Levantei-me com dificuldade, a exaustão estava me dominando. Dei mais alguns passos, mas fui puxada bruscamente.

— Te achei! Fim da linha, princesa — disse com ódio no olhar.

Ele apertou meu braço com uma força extra que estava fazendo com que ele latejasse. Uma lágrima solitária rolou e já não conseguia me conter. Não sabia mais o que fazer. Ele conhecia o perímetro, pois me puxou corretamente até a casa. E enquanto cruzávamos a frente, uma luz forte quase me cegou. Um carro chegou à toda velocidade e estacionou na nossa frente.

— Que merda é essa? — Verônica olhava de mim para Joaquim. Vi a expressão de Joaquim fraquejar e entendi a situação.

— Essa imbecil fugiu! — Joaquim tentou se defender.

— Parece que você não está dando conta do recado, Verônica, já que ele tentou algo comigo sem consentimento — falei com raiva e vi a expressão dela mudar.

— Você o quê? — Olhou para ele.

— Vai acreditar no que essa vagabunda fala? Vamos sair dessa chuva e conversar lá dentro. — Ele me puxou para dentro da casa e me jogou dentro do quarto. Senti minha perna latejar e vi marcas no meu braço. Ouvi vozes alteradas e me aproximei da porta para ouvir.

— Que merda achou que estava fazendo? — Verônica gritou.

— Qual é? Não posso aproveitar? — devolveu, e eu me peguei torcendo para que ela ganhasse a discussão.

— Aproveitar? É só o que me falta. — Deu uma pausa. — Acho melhor você ir embora.

— Está me enxotando? É sério? — ele alterou o tom de voz.

— Você bebeu e está fora de si. Quase passou dos limites. — Ela tinha sua voz baixa e controlada.

— E daí? Esqueceu que eu não sou o bom moço? Não sou meu irmão. — Ele parecia querer desafiá-la.

— É claro que não! É um moleque! — Ouvi alguns barulhos. — Me solta, seu idiota.

— Eu estou cansado de ficar sempre em segundo plano. Você está querendo meu irmão novamente, não é? — Joaquim falou baixo. — Pois eu quero o que só foi dele, aquela garota!

— Você sabe que ele sempre foi melhor que você, é por isso que o

inveja tanto, mas não é hoje que vai estragar o plano por algo estúpido.

Eu não estava certa de que o rumo dessa conversa ia acabar bem.

— Eu o invejo? — Ouvi a sua risada. — Eu que te empurrei para ele, precisava da parte dele na empresa. Mas você curtiu o bom moço, não curtiu? Estúpida!

— Não fala assim comigo! Você que estragou tudo!

— Eu? Você que engravidou na pior hora! Eu não precisava de uma filha, muito menos ter que fingir que fui violado. — Quanto mais eu ouvia, mais eu ficava chocada com a frieza deles, principalmente do Joaquim. — Mas como previsto, eu te tirei da vida noturna e você não perdeu a oportunidade de tentar subir na vida, não é? Mas não adianta, ser uma vadia está no seu sangue.

— Você é nojento! — Ouvi um estalo. — IMBECIL! — Verônica gritou e deve ter levado um tapa. — Você nem é pai dela mesmo. — Só houve o silêncio a seguir e eu fiquei em alerta tentando entender tudo. — É isso mesmo que você ouviu, a Isabella é filha do Jacob, o bom moço, que nem notou a falha nas semanas de gravidez ou mesmo o exame falsificado. — Fiquei em choque e minha boca se abriu em um perfeito "O".

— MENTIRA! SUA VADIA MENTIROSA! — Senti a parede tremer.

— De nada adianta gritar, querido, aquela garota carrega filhos do cara certo, assim como eu carreguei. — Ela estava provocando demais. — Eu só menti porque ele não merecia isso naquela época, um filho dele era tudo que você precisava, agora um seu e a destruição do meu casamento estava fora dos seus planos. Foi aqui nessa casa, lembra, onde moramos, onde... — A frase não foi concluída e ouvi um barulho alto e agudo, como se fosse um

tiro. Levei a mão à boca e me afastei da porta. Isso não estava acontecendo.

Ouvi barulho de carros e corri para a janela para tentar ver, mas só vi luzes azuis e vermelhas piscando, o que me fez respirar aliviada e chorar de alegria. A porta do quarto foi aberta sem nenhuma delicadeza. Virei-me e Joaquim vinha em minha direção com uma arma em mãos e um olhar vazio.

— Vamos passear, querida! — Segurou o meu braço e me puxou para fora do quarto, onde passei tremendo por Verônica agonizando no chão, e seguiu para a porta dos fundos.

Assim que ele a abriu, ouvi um estrondo forte na porta da frente e me virei para ela, encontrando Jake desesperado, passando o olhar pelo local até encontrar o meu.

Seu olhar era um misto de sensações, passou de alívio para raiva e surpresa, assim que viu Joaquim.

— Que merda é essa, Joaquim? — Ele mantinha a arma apontada para a minha cabeça e Jake tentava dar alguns passos para a frente.

— Pode parar aí, maninho! Não há nada me impedindo de estourar os miolos dela. — Jake o olhava em choque, e sem entender toda a situação. — Não faça essa cara, irmãozinho, você sempre foi o preferido do papai, de todos, e hoje você vai ficar sem o que mais quer. — Jake cerrou o maxilar e alguns policiais se aproximaram dele.

— Não vai sair daqui, muito menos com ela. — Jake estava determinado. — Se eu tiver que te matar para isso, eu vou.

— Me matar? — ironizou e me pôs na sua frente. — Sou eu que tenho a mãe dos seus filhos bem aqui. E acho melhor me deixar sair, como

pode ver, Verônica é a prova de que não estou brincando.

Jake vasculhou o lugar com o olhar, encontrou o corpo dela e arregalou os olhos. Voltou seu olhar para mim e comprimiu os lábios com o olhar preocupado. Ele abaixou a cabeça.

— Ótima escolha, maninho!

Fui puxada para os fundos da casa onde tinha uma garagem e um carro preto estacionado. Eu imaginei o que viria a seguir, mas, diferente de Verônica, ele me mandou sentar no banco do passageiro e assumiu o volante. Joaquim arrancou com o carro e vi o exato momento em que Jake chegou à porta, encarando-me pelo vidro do carro e passando a mão pelos cabelos, com o semblante preocupado.

Joaquim pegou a estrada em que viemos anteriormente e acelerou sem medo, ainda com aquela arma na minha direção.

— Para que continuar com isso? Há policiais por todo lado, não tem para onde fugir, Joaquim. — Tentei fazê-lo enxergar, já que via carros de polícia no nosso encalço pelo retrovisor.

— Eu não busco redenção, amor, eu já não tenho mais nada a perder. — Olhou para mim e sorriu. — Mas meu irmão tem.

Eu já não conseguia sequer olhar para ele, e tinha que achar uma maneira de sair daquela situação. Olhei para trás e os policiais não estavam longe. Olhei para o Joaquim e não pensei muito, apenas agi. Coloquei a mão no volante e o puxei com toda a minha força para o meu lado e isso fez Joaquim me olhar chocado. A alta velocidade e a estrada molhada fizeram com que o carro rodopiasse várias vezes, até ir de encontro a uma árvore. Meio desorientada, olhei para Joaquim, que sacudia sua cabeça, tentando se concentrar. Olhei para baixo quando senti algo quente no banco do carro e

leveí um susto quando vi sangue. Abri a porta e me arrastei pela rua. Vi Jake sair do carro e tentar correr até mim, mas me senti ser puxada para o alto e já estava quase sem forças. Eu precisava ir para hospital, urgente.

— Chega, Joaquim! Qual o seu problema? Por que está fazendo isso?
— Jake tinha sua arma empunhada e apontava para o irmão.

— Por quê? A velha pergunta! Será que ser o excluído, o filho que não era o suficiente não basta? Eu queria era te matar, ficar com a herança que sempre deveria ter sido minha. Eu sempre batalhei e quis aquilo, enquanto você, quase seguiu esse caminho por obrigação. Era o preferido, papai tinha que te dar sessenta por cento das ações da empresa, me deixando com a minoria? — Sua fala era arrastada e meio desconexa.

— Tudo isso é pela empresa? Eu te dou ela agora, mas larga ela.

Ele vivia um dilema, um que jamais imaginou precisar enfrentar. Joaquim soltou uma gargalhada e Jake olhou o sangue entre as minhas pernas, desesperado.

— Acha que eu ligo agora? Você sempre vai ter tudo, não é mesmo? Vai ser a escolha número um, o bom moço. Vai ter a família dos sonhos, e eu não pretendo deixar isso acontecer. — Todos os policiais apontavam suas armas em nossa direção.

— Eu sempre te apoiei, fiquei do seu lado e todo esse tempo você planejou me trair? E tudo por inveja? — Sua voz tremia e ele já estava no limite.

— EU NÃO TENHO INVEJA DE VOCÊ! — Joaquim soltou um grito descontrolado. — Eu tenho ódio, e é por isso que você precisa sofrer. — Ele encostou a arma na minha cabeça. Olhei para o Jake e disse um "Eu te amo" sussurrado antes de ouvir um tiro e tudo escurecer.

CAPÍTULO 25

Abri meus olhos e o contato com a luz fez com que eu os fechasse novamente. Sentia dores por todo o meu corpo e pisquei várias vezes até me adaptar com a claridade e ver as paredes familiares de um hospital. Flashes do que tinha acontecido me vieram à mente e comecei a me mexer e tentar tirar as agulhas do meu braço, fazendo com que o monitor ligado a mim disparasse, mostrando o meu desespero.

A porta se abriu e Jake entrou de cabeça baixa e levou um susto assim que me encarou.

— O que está fazendo, não pode arrancar isso, amor! — Correu até mim, segurando o meu braço. — Nem acredito que acordou! — Sorriu e seu olhar era sincero. Apertou um botão ao lado da minha cama, que com certeza era do meu médico.

— Espera, meus filhos? — Olhei desesperada para ele. Coloquei a mão na minha barriga. Antes de ele conseguir responder, Doutor Lucas entrou no quarto.

— Minha paciente de ouro acordou! — Sorriu. — Vamos lá. — Pegou a lanterna para checar minhas pupilas, mas eu o empurrei.

— Eu quero saber dos meus bebês! — Lágrimas já brotavam nos meus olhos.

— Estão bem, Bianca! — Soltei o ar. — Foi realmente complicado manter você e eles vivos. Você quase deixou todos loucos com aquele sangramento e tive que fazer uma pequena intervenção para manter todos

vocês bem. Mas você, como médica, sabe que vai precisar se cuidar muito bem, porque uma gravidez nesse estado, e com mais de um feto, é delicada.

— Vou me cuidar, Doutor! — Sorri em meio às lágrimas e agarrada à mão de Jake.

— Ah, já ia me esquecendo, no ultrassom que fiz pude detectar o sexo dos bebês — ele soltou como quem não quer nada, fazendo-me arregalar os olhos.

— Pode parar com o suspense que eu finjo um desmaio e digo à minha mãe que a culpa foi sua — provoqueei, fingindo estar brava.

— Não sabe brincar, não é? Vocês vão ter um casal. — Sorriu. — Pensem nos nomes.

— Um casal? — Olhei para Jacob, que estava tão radiante quanto eu. — Eu escolho o da menina e você o do menino, fechado? — propus a ele.

— Fechado! — Ele sorriu. Lucas saiu de fininho sussurrando um “volto depois”. Voltei meu rosto para Jake. — Eu preciso saber do que você se lembra. — Seu semblante tomou um ar de seriedade.

— De tudo — sussurrei, tentando espantar as imagens que eram nítidas na minha cabeça. — O que aconteceu com... ele? — Temi a pergunta. Ele suspirou.

— Depois que você desmaiou, a polícia conseguiu acertar um tiro no ombro dele, o tirando de perto de você. Ele está preso, aguardando julgamento, mas eu vou garantir que ele apodreça por lá. — Abaixou a cabeça.

— Eu sei que é difícil para você. — Sentei-me com dificuldade e ele me ajudou.

— Difícil? Difícil foi entrar naquela casa e ver você naquele estado e nas mãos dele. Difícil foi chegar em casa e não te ver, entrei em pânico sem notícias suas — confessou. — Eu fui ao inferno e voltei.

— Shhh, tudo bem, estamos todos bem no final. — Tentei sorrir. — E Verônica? O que aconteceu com ela?

— Ela levou um tiro no peito e não suportou muito tempo no hospital. — Jake desviou o olhar.

— Ei, o que foi? — Busquei seu olhar e ele hesitou.

— Antes de morrer, ela me falou uma coisa, algo que eu fiquei pensando.

— O que ela disse? — Eu estava curiosa.

— Me pediu para cuidar da nossa filha. — Fiquei em choque e voltei para o momento em que ouvi tudo.

— Isabella é sua filha! — confirmei rapidamente. Era melhor assim, seria como tirar um band-aid.

— O quê? — Ele se levantou. — Impossível! — Encarou-me sem expressão.

— Eu ouvi Verônica dizendo a Joaquim, e foi por isso que ele atirou nela — falei baixo. — Ele ficou revoltado, e isso foi a gota d'água.

— Sabe, ainda não caiu a ficha de que meu irmão nutriu ódio por mim esses anos todos. — Ele tinha a expressão abatida no rosto. — Ele teve a coragem de falar que arquitetou tudo com Verônica para que, depois de casados, eles me eliminariam para ele conseguir toda a empresa. — Fez o sinal de negação. — E eu não sei de onde surgiu isso, se quando papai me dava um carro, ele ganhava um apartamento, sempre foi assim, ele que

sempre quis tudo. Ele estava prestes a dar a cartada final quando descobriu que ia ser pai.

— Jake, você não tem que ficar remoendo o passado, nada poderia evitar que ele escolhesse esse caminho — argumentei e ele ponderou, mas não respondeu.

— Eu vendi 20% das minhas ações para meu tio Ricardo. Ele é o irmão mais velho do meu pai, sendo assim, a empresa ainda continuará em família. E de quebra, ainda comprei uma casa bem grande pra gente. Era para ser surpresa, mas dadas as circunstâncias... Deixei a decoração por sua conta, até se você quiser chamar aquele seu amigo que não vou com a cara, o tal do Ferdinando. Se não gostar do local, também mudamos. — Meus olhos se encheram de lágrimas, eu o amava muito.

— Você não cansa de ser perfeito, Jacob? Amamos você — declarei tocando minha barriga e sua mão se juntou à minha.

— Vamos ter que achar alguém para substituir Joaquim na presidência da Ferraço. Não estava nos meus planos tirá-lo, mas agora não tem jeito. — Baixou o olhar.

— Está tudo bem, amor, vamos dar um jeito em tudo. Sempre damos. — Sorri para reconfortá-lo. Ele ia responder, mas ouvimos batidas na porta. Melanie entrou sorrindo para mim.

— Graças a Deus que está bem, Bianca, achei que ia ter que aprender a mexer naquelas pazinhas estranhas e te ressuscitar, e acredite, eu daria um jeito.

— Melanie, o que eu faria sem você? — Sorri de volta. — Mas essa sua fachada de forte não me engana, como está com tudo isso? — Sua expressão mudou.

— Eu prefiro nem comentar muito sobre o assunto agora, porque acho que daria um jeito de matá-lo na prisão mesmo. Desculpe as palavras. — Olhou para Jake. — Mas seu irmão foi um filho da puta com tudo mundo, se aproximou de mim pra arranjar informações de você e quase matou a Bianca, e esteve debaixo dos nossos olhos o tempo todo.

— Melanie, eu sei, e também estou com raiva. Mas sempre podemos bolar um plano maluco, não é? — Sorri. — O seu homem dos sonhos ainda vai aparecer, e vai dar valor à mulher incrível que você é.

— Só se ele vier a cavalo. — Sorriu. Olhei além dela e a porta se abriu novamente, revelando meus pais, Kate, Nicolas, Theo e Diana.

— Que susto, mocinha! — Minha mãe me fez sorrir com seu jeito de falar. — Que isso não se repita.

— Pode deixar, mamãe. — Sorri. — Vocês souberam? Vamos ter um casal!

— Um casal? — Meus pais se entreolharam. — Acabamos de descobrir que eram gêmeos! Já que a senhorita não se deu o trabalho de ligar, não é? — Desviei o olhar, eu era totalmente culpada nisso. — Mas tudo bem, já pensaram nos nomes? — Olhei para Jake.

— Na verdade, não tivemos tempo, mas eu tenho uma pequena ideia. — Encarei Jake e pisquei.

— Ah! Vocês são cruéis. Nem mesmo para discutir a ideia com a madrinha? — Melanie sorriu, contagiando a todos.

— Quem disse que você vai ser madrinha do meu filho? — Jake provocou, arrancando risadas de todos.

Tudo pelo que passamos na vida é resultado das nossas escolhas. A

cada caminho que escolhemos, faz com isso mude a história a ser escrita no futuro, tornando a nossa vida imprevisível. E, sabe, mesmo que o futuro fosse incerto, que o caminho pudesse ser tortuoso, eu não mudaria nada do que passamos. Embora algumas escolhas culminaram em situações que eu não gostaria de repetir, elas me trouxeram bens que fizeram tudo valer a pena.

EPÍLOGO

QUATRO MESES DEPOIS

— Eu disse que ia ficar apertado! Droga! — Olhei Melanie pelo espelho e ela fez uma careta. — Está ruim? Merda, vou matar o Jake por querer casar enquanto estou desse tamanho! — Virei-me e encarei Kate e Melanie.

— Ah, não está tão ruim, tá só repuxado aqui no canto, joga o cabelo, que ninguém repara — Kate disse enquanto analisava o vestido.

— Sim, e podemos abrir e improvisar uma fita transpassada nas costas também. — Melanie estava pensativa e eu olhei horrorizada para as duas.

— Qual o problema de vocês? — gritei, chamando a atenção delas. — Vocês são minhas madrinhas, droga! Dá para me darem apoio? Vocês tão me deixando em depressão! — desabafei e suspirei. Meus hormônios estavam a toda na reta final de gravidez.

— Nossa, amiga, você está maravilhosa, quer ajuda com o sapato? — Kate sorriu e se aproximou.

— Quer água? Está arrasando, amiga, a noiva mais linda que eu já vi! — Melanie soltou, fazendo-me rir.

— Ok, agora já está forçado.

— Filha, está na hora! — meu pai gritou do outro lado da porta e eu olhei para as duas, em pânico.

— Respira e anda devagar, que vai dar tudo certo, temos que ir para os nossos lugares. — As duas já estavam abrindo a porta. — Ah, não esquece o sorriso. — E se foram. Meu pai espiou e me encarou, abrindo um sorriso enorme.

— Está linda, minha filha. Nem acredito que o meu bebê está se casando. — Ele entrou emocionado e quase me fez borrar a maquiagem.

— Pai, eu acho melhor irmos de uma vez ou vou borrar toda a maquiagem — comentei. — Ou o noivo vai ter um enfarto lá esperando. Se bem que ele tem certeza que não vou fugir, não com essa barriga que não me deixa nem entrar direito no carro sem regular o banco.

— Concordo. — Meu pai riu. — Deixemos a emoção de lado, por ora. — Estendeu a mão e me guiou até a entrada da igreja.

Eu não imaginava esse momento há um ano. Eu ria da cara de quem me falasse algo do tipo. Assim que vi abrirem as portas da igreja, tudo ficou ainda mais real. A marcha nupcial começou a soar e começamos a caminhar lentamente e eu até lembrei de sorrir observando os convidados. Vi Jake emocionado no altar, vestindo um terno preto que o deixava impecável e em ambos os lados estavam os padrinhos e madrinhas posicionados. Kate e Melanie do lado esquerdo, e Nicolas e Fernando do lado direito. Sim, Fernando, o decorador. Jake não tinha ido com a cara dele no início, mas eles acabaram se entendendo.

Meu pai me entregou a Jake e se sentou ao lado da minha mãe. Viramos de mãos dadas para o padre, que iniciou a cerimônia em seguida.

Ele levou a missa normalmente, como manda a tradição e eu sinceramente não vi passar. Só percebi que estava na hora da troca de alianças quando a música de entrada dos noivinhos soou e nos viramos para

ver Theo e Isa andando lado a lado, trazendo as alianças. Vê-los me deixou à beira das lágrimas, de novo. Os hormônios da gravidez não estavam ajudando.

Jake pegou as alianças e a segurou com uma das mãos, virando-se de frente para mim.

— Bianca, eu sempre imaginei encontrar uma mulher que trouxesse paz e tranquilidade à minha vida. Alguém que me entendesse e que pensasse como eu. Aí eu conheci você, e você não era nada disso. — Os convidados começaram a rir e eu os acompanhei. — No lugar da paz, você me trouxe desafio. E no lugar de tranquilidade, você entrou feito um furacão e agitou a minha vida, até então pacata. Você me entende, sim, mas você nunca se contenta com o pouco, e me faz querer sempre crescer. Você me incentiva, mesmo sempre discordando de mim em tudo. — Sorriu. — Nós somos tão diferentes, mas são diferenças que se complementam e nos tornam perfeitos juntos. E é por isso que eu escolhi você, para ser minha mulher e mãe dos meus filhos. Amo você!

Terminou emocionado e dei um rápido selinho nele. Bom, eu estava quase afogada em lágrimas e me esforcei para não borrar toda a maquiagem. Respirei fundo.

— Bom, hoje de manhã, relendo os meus votos, eu fiquei pensando no que eu poderia falar sobre nós. Tudo parecia tão clichê, nada parecia a nossa cara. Aí eu pensei, por que não fazer uma lista do porquê eu escolhi você? — Sorri e ele retribuiu. — Na verdade, a cada dia você me dá uma nova razão. Você é o cara mais certinho que eu conheço, e o mais paciente também. — Ele deu uma leve risada. — Você tem um coração enorme e é o melhor pai do mundo. Você mandou me prender para conseguir conversar comigo. — Virei-me para os convidados que riam. — Já mencionei que ele é

maluco? — Pisquei para ele. — Você realmente não aceita um não como resposta, e eu amo isso. — Ele sorriu. — Eu escolhi você porque você entende o meu humor, e entende o meu mau humor. Porque mesmo eu sendo muito chata, você nunca desistiu de mim. Você não me deu escolhas, na verdade, eu fiquei presa a você no momento em que te conheci, e você me fez te amar a cada dia, com pequenos detalhes, com seu cuidado, e é por isso que eu jamais vou me arrepender deste momento. Eu te amo! — Sorri e o beijei.

Esqueci completamente dos convidados e que ainda não era o momento certo até ouvir um leve pigarro do padre, e nos separamos. Eu estava vermelha no momento em que fizemos a troca de alianças, mas não conseguia parar de sorrir.

— Bom, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva, de novo! — O padre não estava muito satisfeito, mas Jake se aproximou.

— Espera! — dei um grito, fazendo-o congelar na minha frente. — A bolsa! — Olhei fixamente para ele com os olhos arregalados.

— Bolsa? Não ficou no carro?

Eu mereço! Realmente mereço. Revirei os olhos.

— Não, cretino! A bolsa estourou! — Ele arregalou os olhos e tentou ver algo na minha roupa, mas o vestido não permitia. Olhei desesperada para ele, que pareceu se tocar.

— MEUS FILHOS VÃO NASCER! — gritou entusiasmado e eu senti a dor aguda da primeira contração, seguida de outra ainda pior. Reclamei e Jake me colocou no colo, correndo comigo para fora da igreja. Outra contração.

— Você não vai chegar perto de mim Jacob, não quero correr o risco

de você... — Parei a frase quando veio uma muito forte. Os intervalos eram pequenos entre uma e outro, indicando que o parto seria logo. — Aiii... me engravidar de novo. — Ele sorriu me colocando no banco de trás do carro. Vi a minha família inteira vir atrás e estavam alvoroçados entrando em seus carros.

— Ei, vocês, dá pra me esperar? — Ouvi a voz da Melanie já entrando no lado do passageiro do carro. — Eu sou a madrinha!

— Acelera logo! — gritei. Eu só queria uma dose de morfina para não sentir mais nada.

Chegamos ao hospital fazendo o maior escândalo, Jake correu pedindo uma cadeira de rodas, mais desesperado que eu e me levou para dentro. Encontrei meus colegas de trabalho, que me atenderam prontamente e me encaminharam a uma sala, até que doutor Lucas chegasse.

Deitei-me na cama e me contorci sentindo as contrações. Droga! Agarrei a mão do Jake e quase a esmaguei, e só fiquei mais aliviada quando vi Lucas entrar na sala.

— Aleluia! — gritei.

— Acho bom tirar meus afilhados logo daí — Melanie se pronunciou e Lucas parou de colocar as luvas e se virou para ela, erguendo uma sobrancelha. — Por favor? — Ela sorriu.

— Será que podem paquerar depois? Eu estou tendo dois bebês nesse momento querendo sair.

— Vocês vão querer assistir? — Lucas perguntou a Jake e Melanie.

— É claro! — Jake respondeu.

— Eu vou estar ali na sala de espera. — Lucas riu quando ela praticamente correu.

— Bom, eu vou ver como está a dilatação. — Ele se aproximou para fazer o exame.

— É mesmo necessário? — Jake olhou para Lucas, que com apenas um olhar o fez entender. — Está certo, continua.

— Parece que está quase, mas vai demorar um pouco, então esteja preparada. — Assenti, sentindo outra onda de dor.

Lucas me levou para outra sala e Jake nos seguiu. Era uma sala cirúrgica e havia duas enfermeiras para auxiliar.

O parto foi a dor mais forte que já senti em minha vida. Achei que não iria terminar nunca. Foram quase sete horas até meus filhos resolverem dar o ar da graça, estava exausta devido à força que tive que fazer, e às dores que senti. A posição colaborou para o parto, e Lucas mostrou o menino rapidamente antes de levá-lo à incubadora.

— O menino nasceu primeiro — informou sorrindo.

— Qual o nome? — Jake me questionou.

— Sei que não combinamos nada, mas eu pensei em dar o nome do seu pai, Nathan — falei entre as lágrimas. — O avô que ele não vai conhecer, mas vai herdar o nome.

— Amor, meu pai sempre quis um neto, e ele deve estar vendo isso de algum lugar.

Lucas levou Nathan e o entregou a uma enfermeira, eu já sentia falta dele. Quase quarenta minutos depois, eu já estava começando a ficar preocupada.

— Essa princesinha fez suspense, mas já está entre nós. — Lucas sorriu, trazendo-a rapidamente para perto de mim.

— Como vou te chamar hein? — sussurrei.

— Elena! — Jake interveio. — Se não fosse por ela, você não estaria aqui agora. Ela com certeza merece estar presente. — Sorri em meio às lágrimas.

— Eu realmente não imagino uma vida sem você, sem vocês. — Sorri.

— Se depender de mim, nunca vai precisar imaginar. — Deu um beijo em minha testa. — Amo você.

— Nós te amamos. E agora, mais do que nunca, eu estou a presa a você.

E P Í L O G O

— Manhê, cadê o arco de orelhas da Minie da Elena? Ela não para de chorar pedindo e já está me dando dor se cabeça! — Isa gritou de algum lugar de dentro da nossa casa, que por sinal estava um caos.

Nunca pensei que uma festa podia dar tanto trabalho quanto essa. Mas nem podia reclamar, já que insisti em uma festa grande para o aniversário de três anos dos gêmeos. Ainda bem que Isabella sempre me ajudava, mesmo com seu jeito de adolescente rebelde. Ri do meu pensamento. Ela odiava quando eu falava isso para ela. Ainda me lembro de quando ela começou a me chamar de mãe, foi no aniversário de um ano de Elena e Nathan. Saiu tão espontâneo e inesperado que eu apenas sorri em resposta. Levei um pequeno susto, mas amei tanto que não pedi para ela parar. Eu já a considerava uma filha há tempos.

— Está na penteadeira dela, Isa. E coloca a jardineira do Mickey no Nathan para mim também, por favor? Estou terminando de arrumar as mesas aqui — gritei de volta.

— Amor, Nicolas ligou avisando que eles estão chegando. Minha mãe também já deve estar vindo. Vou tomar um banho rapidinho. — Jacob apareceu no jardim e chegou perto para me dar um selinho.

— Espera aí, só agora que vai pensar em tomar banho? — questionei, incrédula. — A festa vai começar daqui a pouco e você precisa me ajudar a receber os convidados. — Ergui uma sobrancelha. — Esqueceu que demora mais que uma noiva?

— Na verdade, quem inventou essa festa mesmo? — Sorriu de lado.
— Eu disse que era melhor algo simples.

— Eu não estou reclamando! — Ergui as mãos para o alto. — Mas pode haver uma greve chegando por aí — alertei enquanto mexia em um dos arranjos de flores.

— Eu acho que vou tomar um banho rápido e volto pra te ajudar, amor. — Ele passou voando por mim e me deixou sorrindo.

O jardim estava lindo. Todo decorado com o tema do Mickey. Eu já estava pronta com meu vestido vermelho com pequenos detalhes em preto, e o cabelo preso em um coque baixo e alguns fios soltos. Quando terminei de colocar o último arranjo sobre a mesa, a campainha tocou.

Nem precisei atender. Assim que cheguei à porta, Isa já havia aberto e conversava animadamente com Melanie, que equilibrava várias sacolas em seus braços. Caminhei até ela, que já havia entrado e largado o que carregava no sofá, sentando-se em seguida.

— Meu Deus, que calor é esse? — disse tirando os óculos escuros. — Trouxe presentes para todo mundo.

— Isso são modos, dona Melanie? — Tentei me manter séria, mas não durou muito. — Estava com saudades. — Puxei-a para um abraço. Ouvi vozes vindo das escadas e avistei Elena e Nathan correndo.

— Tem presente, dinda? — Elena, como sempre, quase nem era cara-de-pau. Ri com ela tentando revirar as sacolas.

— Deve ter pra mim — Nathan se meteu.

— Ei, pequenos gênios do mal, tem presente pra todo mundo. — Melanie levantou as mãos e sorriu. A campainha soou novamente e dessa vez

fiz as honras.

— Maninho! — Abracei Nicolas. Kate, Theo e Diana o acompanhavam. — Entrem!

— Dindo! Trouxe presente? — Nathan correu até Nicolas e me fez rir.

— Ele é a sua cara, Bianca, sem tirar nem pôr. — Nicolas me encarou.

— Eu digo isso sempre. — Jake chegou perto de mim, dando-me um susto.

— Relaxa, B, Diana é teimosa igual ao pai, mas isso ele não conta — Kate soltou, e eu ri da cara estrangulada que meu irmão fez.

— É mesmo?

— Por que não vamos até o jardim? As crianças podem ir nos brinquedos — Jake interveio, fazendo-me rir ainda mais dessa irmandade masculina.

Os dois ficaram muito próximos e estavam sempre vendo partidas de futebol ou outro esporte juntos. Isso estava me assustando. Caminhamos até o jardim e deixamos os homens conversarem. Sentei-me com Kate e Melanie. Isa, que já se intitulava uma miniadulta, fez questão de atender a campainha e receber os convidados.

— Ela está linda, não é, B? — Kate comentou.

— E uma verdadeira rebelde — completei sorrindo. — Esses dias, ela resolveu que ia sair à noite com as amiguinhas e Jake surtou. — Ri ao me lembrar. — Foi o maior auê.

— Essa vai dar trabalho quando crescer. — Mel sorriu.

— E você, hein? O que me conta da Austrália? — Encarei minha amiga.

— Foi ótimo, aproveitei e dei uma passada na indonésia e na Tailândia. E, meu Deus, que paraíso. — Ela se animou ao falar. — É sério, é a melhor coisa da vida. O próximo destino eu ainda não defini. — Sorriu e eu fiquei feliz por ela. Por ela estar superando tudo que houve e se reinventando.

— Tiaaa, olha só ela. — Virei-me bruscamente na direção de onde me chamavam, encarando Theo com a respiração acelerada e com as mãos nos joelhos, e Isabella chegando correndo em seguida.

— Seja lá o que ele falou é mentira, mãe.

— Deixa de ser mimada, garota, você não é dona da porta — Theo soltou na cara dela, que começou a ficar vermelha.

— É sua por acaso? Eu moro aqui! — gritou. — E você não tem que se meter onde não foi chamado. Eu sou a anfitriã. — Ergueu o queixo e saiu andando de volta para casa. Theo se virou para nós sem saber o que dizer.

— Theo, meu filho, por que tanto drama? — Kate perguntou enquanto segurava o riso.

— Mas, mãe, ela é uma pirralha mimada — acusou cruzando os braços e formando um vinco entre as sobrancelhas.

— Ela é dois anos mais nova, Theozito. Estou sentindo um clima aí. — Sorri maliciosamente, pegando no pé dele.

— Argh! — Ele fez uma careta. — Eca! — Saiu resmungando, fazendo-nos rir.

Olhei ao redor e vi o jardim bem movimentado. As crianças se divertindo nos brinquedos infláveis, meus pais conversando animadamente com Nicolas, Jake e sua mãe.

— Boa tarde, meninas. — A voz rouca de Lucas nos cumprimentou. Levantei-me e o puxei para um abraço.

— Seu tratante! Achei que ia ter que te arrastar para você resolver aparecer. — Vi Melanie se mexer desconfortavelmente na cadeira.

— Eu apareci no aniversário de um ano, não? — Sorriu. Dei um leve tapa em seu ombro.

— Muito engraçado! — Virei-me para elas e franzi a testa ao ver Melanie olhar o horizonte, mexer no cabelo, menos nos encarar. — Lembra da Kate? — Ele deu um beijo em sua bochecha e encarou Melanie. — Melanie? — chamei e dei um pigarro.

— Ah, Olá! — Franziu os lábios, encarando-o. — Espera, você é o ginecologista que fez o parto dos gêmeos, não é? Quase nem o reconheci. — Sorriu largamente e eu diria que tudo estava muito estranho. E o beijou no rosto.

— Obstetra — falou entredentes e franziu a testa. Isso está ficando cada vez melhor. — E você está precisando ir a um neurologista, esqueceu que nos vimos no batizado da Elena? Ou que sou padrinho dela tanto quanto você? — Ergueu uma sobrancelha. — Não me diga que esqueceu daquele dia? — Chegou perto dela.

— Espera! Como não se lembra, Melanie? Você por acaso bebeu no batizado? — Olhei para ela sem entender sua reação e semicerrei os olhos.

— Também queria saber. — Lucas se sentou em nossa mesa e a

encarou. Ela parecia mais interessada em suas unhas.

— Ah, eu lembro do principal, né, minha sobrinha, Bianca e Jake. Enfim, eu guardo o necessário — concluiu, deixando-me chocada.

Lucas a encarou erguendo as sobrancelhas. *Tem história aí e eu vou descobrir.* Melanie nunca era rude com ninguém. Percebi o clima e olhei Kate empolgada observando os dois. Era hora de quebrar o gelo.

— Sabe, parece que vocês combinaram. Você... — Olhei para Lucas. — Apareceu no aniversário de um ano e a Melanie no de dois. — Olhei de um para o outro, desconfiada. — Mas que ótimo que dessa vez coincidiram as agendas. Conversem à vontade. Vou recepcionar os convidados.

Saí de fininho e passei pelas rodas de conversa. Passei tanto tempo entretida que nem percebi o local encher. As mesas estavam quase todas ocupadas e ouvi muito burburinho entre elas. Rodei o lugar e conversei brevemente com quase todos. Puxei Jake e dei um beijinho no rosto da minha sogra.

— Está na hora de cortar o bolo! — avisei.

— E? — Eu tinha vontade de dar uma voadora nele.

— Você é o pai, droga! — Ops, acho que falei alto demais.

Caminhamos tranquilamente, como se não tivesse acontecido e paramos perto dos brinquedos. Observei os brinquedos à procura dos pequenos.

— Cadê nossos filhos? — perguntei entredentes, sorrindo, percebendo que alguns convidados nos observavam.

— Não estavam com você? — Sorriu de volta.

— Se estivessem, eu não estaria procurando! — Dei uma pequena risada.

— Eles devem estar brincando, amor! — Olhou ao redor e parou o olhar em determinado ponto, estreitando os olhos. — Eles estão fazendo o que eu acho que estão? — O sorriso não saía do rosto. Segui seu olhar e encontrei Elena e Nathan em cima de uma das árvores, ao lado da nossa casa. Arregalei os olhos.

— Vamos ao bolo? — Minha sogra apareceu e nos viramos em sincronia, sorrindo. — Onde estão meus netinhos?

— Só um minuto, já voltamos. Pode ir organizando tudo. — Puxei Jake comigo até a bendita árvore. — Como eles pararam aí? — Olhei chocada para ele.

— São seus filhos! — Reprimiu um sorriso.

— Ah, claro, quando aprontam algo são meus filhos! Só são seus filhos quando são uns anjinhos. — Cruzei os braços. Ele soltou uma risada, abraçando-me em seguida.

— Isso mesmo! — Olhei carrancuda para ele. — Vou tirá-los de lá.

Começou a escalar a árvore, mas nem precisou subir muito, assim que os dois perceberam sua presença, desceram imediatamente.

— Podem me explicar isso? — falei baixo, porém firme.

— Tinha um gatinho ali, mãe! — Nathan olhou para o chão, mexendo as perninhas.

— Ele ela tããão lindo! — Elena me olhou com os olhos vibrantes. — Mas fugiu! — Levantou as mãozinhas, fazendo-me sorrir.

— Tadinhos dos meus filhos, gata. — Jake se abaixou, abraçando-os.
— Eles não fizeram por mal. — Piscou os olhos e eu franzi a testa.

— É verdade, mãe! — Os três me olharam com cara de um cachorro que caiu da mudança.

— Podem pedir aquele carrinho pro pai de vocês no Natal! — Comecei a andar. — E você me paga depois, Jacob. — Ouvi os dois comemorarem e sorri.

Eles me seguiram até a mesa de doces. Jake se postou ao meu lado, e Isabella e os gêmeos à nossa frente.

— Seus filhos, ahn? Bonito! — Reprimi um sorriso. Porque no fundo tudo isso me divertia muito.— Bom, primeiramente quero agradecer a presença de todos aqui, vocês são especiais e fundamentais em nossa vida. E estamos muito felizes de estarem aqui neste dia, comemorando mais um ano de vida dos nossos filhos — comecei a falar. — E hoje também marca um dia especial. Tenho algo a compartilhar. Algo que descobri há pouco tempo, mas quis fazer uma surpresa. — Jake me encarou interessado e com a expressão desconfiada. Olhei para nossa família e sorri. — Estou grávida! — Encarei Jake que tinha a expressão chocada, assim como nossos familiares. Vi Melanie assobiar e bater palmas.

— Vão formar um time de futebol! — Lucas gritou de um canto. Olhei para Jake.

— Eu sou um maldito de um reprodutor! — Riu e eu dei um leve tapa em seu ombro. Todos começaram a bater palmas e logo cantamos os parabéns.